

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

ADRIANNA OLIVEIRA FELISBERTO

**O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE TERESINA-PI**

SÃO LÚIS

2026

ADRIANNA OLIVEIRA FELISBERTO

**O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE TERESINA-PI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Educativas.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia Vilanova Campelo

SÃO LÚIS

2026

F315e Felisberto, Adriana Oliveira

O ensino de ginástica nas aulas de educação física no ensino fundamental em escolas públicas estaduais de Teresina-PI / Adriana Oliveira Felisberto. __Caxias: Campus Caxias, 2026.

89f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Pós-Graduação em Educação

Orientador: Prof^ª. Dra. Regina Célia Vilanova Campelo.

1. Educação física. 2. Ensino fundamental. Ensino de ginástica.
4. Formação de professores. I. Título.

CDU 796.42:373.3

ADRIANNA OLIVEIRA FELISBERTO

**O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE TERESINA-PI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Educativas.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia Vilanova Campelo

Aprovada em: 20/03/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



REGINA CELIA VILANOVA CAMPELO

Data: 16/04/2026 14:40:17-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dra. Regina Célia Vilanova-Campelo (Orientadora)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Orientadora Permanente do PPGE/UEMA

Documento assinado digitalmente



RAIMUNDO NONATO MOURA OLIVEIRA

Data: 04/05/2026 10:07:48-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Raimundo Nonato Moura Oliveira

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente



FABIO SOARES DA COSTA

Data: 30/04/2026 08:19:52-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Soares da Costa

Universidade Federal do Piauí - UFPI

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, fonte de dom e sabedoria, ao meu esposo e filhos, pelo amor e apoio constantes e a meus pais, por me guiarem e sustentarem em cada passo desta jornada.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me fazer ir além do que penso e imagino. Lembro-me das vezes que pedi a Ti para estar exatamente onde estou hoje, cursando um Mestrado e vencendo etapas, obrigada!

Ao meu esposo, Tiago Felisberto, por compreender e apoiar nessa trajetória árdua e gratificante e por muitas vezes entender a minha ausência.

Aos meus filhos, Arthur e Liz, que são a minha razão de viver e de luta diária.

Aos meu pais, Edilson Oliveira e Antônia da Cruz, por seu amor genuíno e serem minha fortaleza, meu lugar de aconchego e segurança.

À minha irmã, Andrea Mariz, por me apoiar, dar forças e celebrar todas as minhas conquistas.

À minha amiga, Adriana Lima, um presente que ganhei em 2019 e a quem eu devo uma grande parte dessa conquista, pois através do seu incentivo diário me fez buscar o Mestrado e esteve presente em todos os meus momentos de desespero e angústia, porém, imensamente gratificante.

Ao amigo, professor Fábio Soares, por sempre acreditar em mim e por me acolher nessa caminhada da vida acadêmica.

À minha amiga Karini Resende, presente que o mestrado me deu e companheira inseparável nessa trajetória.

À minha professora orientadora, Regina Celia Vilanova Campelo, de forma especial, por sua acolhida, orientação, cuidado e incentivo diário nessa caminhada.

Aos amigos de jornada, que compõem a 1ª turma de Mestrado Profissional em Educação da UEMA, do polo de Caxias – MA.

Aos professores do Mestrado Profissional em Educação da UEMA, polo Caxias – MA, aos quais tenho profunda admiração, respeito e gratidão.

Ao programa de pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pela oportunidade e todos que contribuíram indiretamente para a realização desse trabalho, sintam-se abraçados.

Muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas estaduais da cidade de Teresina-PI. Partiu-se da seguinte questão norteadora: como se configura o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental nas escolas estaduais de Teresina/PI? Para responder a essa problemática, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: mapear como o ensino da ginástica é desenvolvido nas aulas de Educação Física das escolas públicas estaduais do Ensino Fundamental de Teresina-PI; caracterizar as dificuldades enfrentadas pelos docentes no ensino da ginástica, considerando sua formação inicial e continuada, bem como as condições físicas, estruturais e materiais disponíveis nas instituições escolares; analisar como tais dificuldades se expressam como desafios no cotidiano das aulas de Educação Física; e, por fim, a elaboração de um Guia com recomendações práticas e políticas, voltadas à superação dos desafios identificados no ensino das ginásticas nas escolas públicas estaduais do Ensino Fundamental em Teresina-PI. O referencial teórico da pesquisa fundamentou-se em autores que discutem a ginástica no contexto da Educação Física escolar, a formação docente, as políticas educacionais e as práticas pedagógicas, destacando-se Freitas e Frutuoso (2016), Schiavon e Nista-Piccolo (2007), Gaio (2017), Tubino (2007), Ayoub (2013), Saviani (2007), Darido (2001), entre outros. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem quali-quantitativa, com caráter exploratório, descritivo e observacional. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado, o que possibilitou compreender tanto aspectos objetivos quanto subjetivos relacionados ao ensino da ginástica e aos desafios enfrentados pelos professores em seu cotidiano escolar. O estudo foi desenvolvido com professores efetivos da rede estadual de ensino de Teresina/PI, atuantes nos anos finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, totalizando uma amostra de 17 participantes. Para a análise dos dados qualitativos, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2013), enquanto os dados quantitativos foram tratados por meio de estatística descritiva. Os resultados evidenciaram que o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física ocorre de forma pontual, fragmentada e secundarizada, sendo, em muitos casos, pouco visível frente à predominância de outros conteúdos da cultura corporal. Observou-se que a vertente da Ginástica para Todos se configura como a abordagem mais utilizada pelos professores, sobretudo por sua flexibilidade, caráter inclusivo e possibilidades de adaptação à realidade escolar. Entretanto, os docentes apontaram diferentes fatores que dificultam o desenvolvimento desse conteúdo, tais como insegurança pedagógica, fragilidades na formação inicial e continuada, ausência de políticas

formativas institucionais, condições materiais e estruturais insuficientes ou inexistentes, além do desinteresse de parte dos estudantes em vivenciar novas práticas corporais. Diante desse cenário, conclui-se que tais dificuldades contribuem para a invisibilidade e secundarização da ginástica no contexto da Educação Física escolar. Como produto técnico-tecnológico, foi elaborado um Guia com diretrizes práticas e políticas voltadas ao fortalecimento do ensino da ginástica nas escolas. O material foi construído a partir das demandas e percepções dos professores participantes, fundamentado em referenciais teóricos da área, e organizado em capítulos temáticos que contemplam conceitos fundamentais, estratégias pedagógicas, propostas de atividades e orientações para o planejamento e a implementação da ginástica no contexto escolar, contribuindo para qualificar a prática docente e ampliar as possibilidades de inserção desse conteúdo nas aulas.

Palavras-chaves: Educação Física; Ensino Fundamental; Ensino de ginástica; Formação de Professores.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the teaching of gymnastics in Physical Education classes in the final years of Elementary Education in public state schools in the city of Teresina, PI, Brazil. The research was guided by the following question: how is gymnastics teaching configured in Physical Education classes in Elementary Education in state schools in Teresina, PI? In order to address this issue, the following specific objectives were established: to map how gymnastics teaching is developed in Physical Education classes in public state Elementary Education schools in Teresina, PI; to characterize the difficulties faced by teachers in teaching gymnastics, considering their initial and continuing education, as well as the physical, structural, and material conditions available in schools; to analyze how these difficulties manifest as challenges in the daily routine of Physical Education classes; and, finally, to develop a Guide with practical and policy recommendations aimed at overcoming the challenges identified in the teaching of gymnastics in public state Elementary Education schools in Teresina, PI. The theoretical framework was grounded in authors who discuss gymnastics within the context of school Physical Education, teacher education, educational policies, and pedagogical practices, including Freitas and Frutuoso (2016), Schiavon and Nista-Piccolo (2007), Gaio (2017), Tubino (2007), Ayoub (2013), Saviani (2007), Darido (2001), among others. Methodologically, this is a field study with a qualitative-quantitative approach and an exploratory, descriptive, and observational design. Data were collected through a semi-structured questionnaire, which enabled the understanding of both objective and subjective aspects related to the teaching of gymnastics and the challenges faced by teachers in their school routine. The study was conducted with tenured teachers from the state public school system of Teresina, PI, who work in the final years (6th to 9th grade) of Elementary Education, totaling a sample of 17 participants. Qualitative data were analyzed using content analysis, according to Bardin (2013), while quantitative data were treated through descriptive statistics. The results revealed that gymnastics teaching in Physical Education classes occurs in a sporadic, fragmented, and secondary manner, often becoming scarcely visible when compared to the predominance of other contents of body culture. The Gymnastics for All approach emerged as the most frequently adopted by teachers, mainly due to its flexibility, inclusive character, and adaptability to the school context. However, teachers identified several factors that hinder the development of this content, such as pedagogical insecurity, weaknesses in initial and continuing teacher education, the absence of institutional training policies, insufficient or nonexistent material and structural conditions, and students' lack of interest in experiencing new bodily practices. In this context,

it can be concluded that such difficulties contribute to the invisibility and marginalization of gymnastics within school Physical Education. As a technical-technological product, a Guide was developed containing practical and policy guidelines aimed at strengthening the teaching of gymnastics in schools. The material was constructed based on the demands and perceptions of the participating teachers, grounded in theoretical references in the field, and organized into thematic chapters addressing fundamental concepts, pedagogical strategies, activity proposals, and guidelines for planning and implementing gymnastics in the school context, thereby contributing to the qualification of teaching practices and expanding the possibilities for incorporating this content into classes.

Keywords: Physical Education; Elementary Education; Gymnastics Teaching; Teacher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Composição da seleção das escolas participantes da pesquisa	40
Figura 2 - Composição da amostra da pesquisa	41
Figura 3 - Estrutura do PTT.....	47
Figura 4 - Depósito de materiais para aulas de Educação Física.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Competências da BNCC para a Educação Física no Ensino Fundamental.....	22
Quadro 2 - Conteúdos de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental	23
Quadro 3 - Habilidades do conteúdo ginástica, a serem desenvolvidas pelos alunos do Ensino Fundamental, anos finais, do 6º e 7º ano	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos professores de Educação Física participantes do estudo sobre o ensino da ginástica, Teresina/2026	50
Tabela 2 - Formação inicial e continuada dos professores pesquisados	52
Tabela 3 - Conhecimento curricular e segurança pedagógica para o ensino da ginástica	54
Tabela 4 - Prática pedagógica da ginástica nas aulas de Educação Física	58

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais

GPT – Ginástica para Todos

GRE - Gerência Regional de Ensino

JEPI's - Jogos Escolares Piauienses

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

PTT - Produto Técnico Tecnológico

SECEPI - Secretaria de Esportes do Estado do Piauí

SEDUC - Secretaria de Estado da Educação do Piauí

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCTs - Termos Contemporâneos Transversais

UEMA - Universidade Estadual do Maranhão

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA GINÁSTICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.....	20
2.1 A Educação Física no contexto do Ensino Fundamental: aspectos históricos normativos, conceituais e curriculares	20
2.2 A ginástica no contexto da Educação Física Escolar	24
2.3 Políticas de Incentivo ao ensino de ginástica nas escolas no Piauí	27
2.4 Diretrizes curriculares para o ensino de ginástica no Ensino Fundamental no Estado do Piauí	30
2.5 Formação docente e os desafios para o ensino da ginástica	34
2.6 As contribuições da ginástica para o desenvolvimento integral dos estudantes....	36
3 METODOLOGIA DA PESQUISA: o percurso metodológico da investigação	38
3.1 Tipo de pesquisa	38
3.2 Contexto e sujeitos da pesquisa.....	39
3.3 Instrumento e coleta de dados	41
3.4 Análise de dados	42
3.5 Aspectos éticos da pesquisa.....	43
4 GUIA COM DIRETRIZES PRÁTICAS E POLÍTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA: O PRODUTO TÉCNICO TECNÓGICO.....	45
4.1 Apontamentos Sobre a Estrutura do Produto Educacional	46
4.2 Acesso e Divulgação do PTT	48
5 O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: reflexões a partir da rede estadual de Teresina/PI.....	49
5.1 Os participantes da pesquisa	49
5.2 Formação inicial e continuada para o ensino de ginástica	51
5.3 Conhecimento curricular e segurança pedagógica para o ensino de ginástica	53
5.4 A prática pedagógica da ginástica nas aulas de Educação Física.....	56
5.5 Condições materiais e estruturais para o ensino da ginástica	60
5.6 Desafios enfrentados pelos professores no ensino da ginástica.....	63
6 CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS	72

APÊNDICE	77
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	78
Apêndice B – Questionário da pesquisa	81
O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM TERESINA-PI.....	81
I – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE	81
II – FORMAÇÃO	82
III – PRÁTICA PEDAGÓGICA	83
ANEXO.....	85
Anexo A – Ofício de autorização da instituição para realização da pesquisa	86
Anexo B – Parecer consubstanciado do CEP	87

1 INTRODUÇÃO

“O movimento humano deve ser compreendido como uma forma de expressão e comunicação do sujeito com o mundo”.

Eleonor Kunz

A legitimação e valorização da Educação Física como parte integrante do currículo da Educação Básica envolve uma série de desafios e mudanças nas práticas pedagógicas que a sustentam. Segundo Nunes, Perfeito e Chame (2016), um desses desafios é a diversificação dos conteúdos nas propostas curriculares e sua implementação pelos sistemas de ensino. É fundamental refletir sobre práticas educativas que focam excessivamente no esporte como conteúdo central, especialmente quando abordado de maneira técnica, destacando apenas os alunos com maior habilidade ou aptidão física e limitando-se a modalidades mais populares, como futsal, vôlei, basquete e handebol.

Ao longo da minha trajetória como professora de Educação Física, da Educação Básica e da rede pública de ensino, por diversas vezes me questionei sobre essa prevalência nas aulas pelos esportes ditos “populares” e por esse olhar tecnicista ainda aplicado às aulas de Educação Física.

Ao longo dos meus 17 anos de experiência em sala de aula, sendo 15 deles dedicados exclusivamente à rede pública, sempre busquei diversificar os conteúdos, pautando-me na perspectiva da cultura corporal do movimento proposta pelo Coletivo de Autores (1992), que, segundo essa perspectiva, o movimento humano não é apenas uma manifestação física ou biológica, mas uma expressão cultural, social e histórica. Acredito que a Educação Física vai muito além de “jogar bola” ou praticar esportes tradicionais. No entanto, reconheço que abordar temas como Jogos e Brincadeiras, Ginástica, Lutas, Danças e Esportes de forma não tecnicista não é uma tarefa simples. Nessa vivência, enfrento diversos desafios, como a falta de sistematização dos conteúdos e a resistência dos alunos em vivenciar e aprender práticas corporais que se distanciem da lógica do esporte-competição.

Cesário *et al.* (2016), ao traçar um panorama histórico da ginástica nos currículos escolares, destacam que, a partir dos anos 1960, a Educação Física nas escolas passou a ser quase que exclusivamente associada ao esporte. Nesse contexto, as práticas eram organizadas com base em modalidades esportivas, visando principalmente identificar e formar atletas para competições, o que acabou resultando em aulas excludentes no ambiente escolar.

A ginástica, originalmente vinculada a projetos higienistas e militares no Brasil do século XIX (Soares, 1994), perdeu espaço no cenário escolar a partir da modificação do esporte, que passou a dominar as aulas de Educação Física como ferramenta de seleção de talentos (Goellner, 2003). Essa transição histórica explica, em parte, a carência de infraestrutura e formação docente específica para o ensino da ginástica hoje.

A escolha do tema "Ginástica" para esta pesquisa emergiu da minha experiência em buscar alternativas ao enfoque tecnicista da Educação Física e à predominância dos esportes mais tradicionais. Em minhas aulas, sempre que abordava a ginástica e suas variações, observava uma receptividade positiva e uma participação ativa dos alunos, o que despertou meu interesse em investigar como o ensino dessa prática é conduzido nas escolas da rede estadual de ensino, rede da qual faço parte como professora efetiva. Motivada por essa vivência, decidi dedicar-me a compreender esse cenário e, por meio da pesquisa, contribuir para um ensino de ginástica mais inclusivo e acessível, acreditando que essa prática pode promover o desenvolvimento integral e humano dos estudantes.

Por acreditar na concepção de Educação Integral que desenvolve o estudante de forma holística e em todos os seus aspectos, físico, emocional, social e cultural, é que proponho que o ensino de ginástica deva ter essa finalidade, desenvolver o estudante para uma formação humana.

Para o presente estudo, a concepção de Educação Integral proposta é a trazida por Gadotti, (2009) e Padilha (2017), que entende a Educação Integral como um modelo pedagógico que visa o desenvolvimento pleno do indivíduo, transcendendo a mera transmissão de conhecimentos cognitivos para abranger dimensões afetivas, sociais, físicas e éticas. Diferentemente da educação tradicional, fragmentada em disciplinas estanques, essa abordagem propõe uma formação holística, integrando saberes, valores e experiências que contribuam para a autonomia e a cidadania.

No cenário curricular e educacional atual, a Educação Física é um componente obrigatório no currículo da Educação Básica que tem a função de integrar e inserir os estudantes por meio de suas práticas corporais na cultura corporal de movimento. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Física é o componente curricular que “tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (Brasil, 2017, p. 213).

As práticas corporais que devem ser estudadas pela Educação Física, propostas pela BNCC, são Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de

Aventura. A BNCC é um documento que referencia as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas pelas escolas de todas as redes de ensino do país. Ela define as competências, habilidades e aprendizagens que os estudantes devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica, sendo abordadas ao longo da Educação Infantil e Ensino Fundamental e consolidadas no Ensino Médio.

A ginástica se apresenta na BNCC, organizada em três categorias: ginástica geral, ginástica de condicionamento físico e ginástica de conscientização corporal, entendendo, assim, que a temática é abordada em suas diversas formas de apresentação, afirmando a sua importância para o desenvolvimento integral do estudante. O ensino de ginástica nas aulas de Educação Física promove benefícios físicos, motores, cognitivos e sociais. Para Gaio (2017), a prática proporciona aos estudantes melhorias no condicionamento físico, equilíbrio, coordenação, flexibilidade, possibilitando hábitos de vida mais saudáveis e combatendo o sedentarismo. Outros benefícios como melhoria na concentração, trabalho em equipe, respeito ao próximo etc. são valores adquiridos com a prática de ginástica na escola que ajudam na formação do estudante como ser social, profissional e emocional (Costa *et al.*, 2016).

Apesar dos inúmeros benefícios que a prática traz, ainda se percebe uma invisibilidade da temática dentro das aulas de Educação Física, limitando-se, a alguns momentos da prática, nos aquecimentos para iniciação de outros esportes, como os saltos e alongamentos.

A ginástica, ao integrar desafios motores e criativos, potencializa competências como resiliência e cooperação (Delors, 1996), além de ser estratégia contra o sedentarismo, que atinge 47% das crianças brasileiras (OMS, 2021). Sua ausência nas escolas, portanto, representa uma lacuna na formação integral.

Schiavon e NistaPiccolo (2007), a partir de estudos que tiveram como foco a ausência da ginástica na escola, constataram que, diversos são os fatores que podem conduzir ao pouco aproveitamento do conteúdo ginástica nas aulas de Educação Física, dentre eles a falta de espaço e material e a falta de conhecimento por parte dos professores.

Diante desse cenário, surge a seguinte pergunta norteadora dessa pesquisa: como se configura o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental nas escolas estaduais de Teresina/PI? Para responder essa pergunta, essa pesquisa buscou analisar o ensino de ginástica nas aulas de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais de Teresina-PI. Para isso, foi-se proposto como objetivos específicos: 1) mapear como o ensino de ginástica é desenvolvido nas aulas de Educação Física das escolas públicas estaduais do Ensino Fundamental de Teresina-PI; 2) caracterizar as principais

dificuldades enfrentadas pelos docentes no ensino da ginástica, em função de sua formação profissional e das condições físicas e materiais presentes nos espaços escolares; 3) analisar como as dificuldades do ensino de ginástica enfrentadas pelos professores se mostram como desafios nas aulas de Educação Física nas escolas de Ensino Fundamental da rede pública estadual de Teresina/PI; 4) propor recomendações práticas e políticas, através de um Guia, para o ensino de ginástica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental em Teresina-PI.

Para alcançar os objetivos propostos foram investigados 17 professores, de 17 escolas da rede estadual de ensino, que ofertam o Ensino Fundamental, distribuídas em 04 Gerências Regionais de Ensino da cidade de Teresina-PI que continham espaço físico adequado para as atividades práticas referentes ao componente. Na busca das respostas para essa pesquisa e para a pergunta central, o instrumento de coleta de dados utilizado, foi um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, elaborado pela pesquisadora.

Para melhor estruturar as respostas aqui obtidas e atender os objetivos propostos, a presente pesquisa está organizada de forma a abordar de maneira abrangente e detalhada a relevância do ensino de ginástica no contexto escolar e a sua importância para o desenvolvimento integral e formação humana do estudante, dividindo-se em seções que exploram diferentes aspectos e dimensões desse processo.

A introdução contextualiza o tema, buscando iniciar a reflexão sobre as questões levantadas e as indagações propostas em relação à temática em discussão. A segunda seção aborda os fundamentos teóricos sobre ginástica e Educação Física, contextualizando a ginástica no cenário atual. Além disso, discute as diretrizes curriculares que embasam o ensino de ginástica na escola e os desafios da formação de professores para atuar nessa área. A ginástica, enquanto componente da Educação Física, é analisada a partir de sua relevância histórica e cultural, bem como de seu potencial pedagógico para o desenvolvimento integral dos alunos. Autores como Bobracht (1999) e Kunz (2010), destacam que a ginástica não se limita à execução de movimentos, mas envolve a expressão corporal, a criatividade e a superação de desafios, aspectos essenciais para a formação humana.

Na seção seguinte, apresentamos a metodologia, onde foi detalhado o percurso metodológico para se alcançar os objetivos da pesquisa, explicando os métodos e técnicas utilizados para coletar e analisar os dados.

Na quarta seção é delimitado o percurso metodológico utilizado para a elaboração e materialização do Guia com as diretrizes práticas e políticas para o ensino de ginástica, e em seguida, apresento a estrutura do Guia, que se constituiu o projeto técnico tecnológico, fruto dessa pesquisa.

Na quinta e última seção, são apresentados os resultados desta pesquisa, expondo o estágio atual do estudo e as perspectivas para as próximas etapas do trabalho. Para a análise dos dados qualitativos, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2013), enquanto os dados quantitativos foram tratados por meio de estatística descritiva

Essa estrutura visa proporcionar uma compreensão abrangente e coerente sobre o ensino de ginástica nas escolas da rede estadual de ensino em Teresina-PI, possibilitando assim compreender a ginástica como uma ferramenta educativa que contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, buscando refletir sobre suas potencialidades e limitações no cenário atual, propondo caminhos para sua valorização e efetivação no ambiente escolar.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA GINÁSTICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

“A Educação Física na escola não é apenas um movimento do corpo, mas uma educação do ser humano que se move.”

Vitor Marinho de Oliveira

A trajetória da ginástica no Brasil reflete contradições históricas. Enquanto no século XIX foi instrumento de controle corporal pela elite (Soares, 2001), no período Vargas tornou-se ferramenta de construção da identidade nacional através das demonstrações de massa (Goellner, 2005). Esse duplo caráter disciplinar e identitário contribuiu para sua progressiva marginalização em relação ao esporte, que, a partir da década de 1970, consolidou-se como política de Estado voltada à projeção internacional do país (Castellani Filho, 1998). Não obstante esse contexto histórico, Toledo (2018), destaca que a ginástica se manteve como forma de resistência cultural, especialmente no âmbito de projetos alternativos de Educação Física.

A ginástica, enquanto manifestação cultural e prática corporal, ocupa um lugar significativo no âmbito da Educação Física escolar. Sua presença no contexto educacional vai além da mera execução de movimentos, pois carrega consigo uma história rica, repleta de significados e possibilidades de contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes. Conforme destacam Bortoleto e Schiavon (2019), a ginástica, em suas diversas modalidades, oferece um repertório amplo de experiências corporais que integram as dimensões cognitivas, afetivas e motoras dos estudantes, promovendo a reflexão sobre o corpo e o movimento. Para esses autores, a ginástica na escola deve ser entendida como uma prática educativa que valoriza a expressão, a criatividade e a cooperação.

Nessa seção, ao discutir as diretrizes curriculares, os desafios da formação docente e a importância de políticas públicas para o incentivo da prática de ginástica no contexto escolar, buscamos entender a ginástica no contexto curricular e educacional nacional, reconhecendo o seu valor como ferramenta pedagógica transformadora e essencial para a promoção de uma educação para a formação humana.

2.1 A Educação Física no contexto do Ensino Fundamental: aspectos históricos normativos, conceituais e curriculares

A Educação Física teve seu início no contexto escolar brasileiro em meados do século XIX, mas apenas com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(LDB nº 9.394/96), que ela foi oficialmente reconhecida como disciplina integrante do currículo da Educação Básica. Esse marco legal transformou profundamente o status da Educação Física, elevando-a de atividade complementar para componente curricular essencial, com objetivos pedagógicos claramente definidos.

Contudo, foi a partir da promulgação da Lei nº 10.328, em dezembro de 2001, que incluiu a palavra “obrigatório” ao texto do parágrafo 3º, do artigo 26 da LDB, que houve o reconhecimento definitivo do seu caráter obrigatório na Educação Básica, sendo facultativa aos alunos noturnos:

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos (LDB, 1996. Lei nº 9.394/96, Art. 26, § 3º)

A partir dessa legislação, o componente assumiu um caráter formal no projeto pedagógico das escolas, passando a compartilhar com as demais áreas do conhecimento a responsabilidade pela formação integral dos estudantes. Essa mudança de paradigma estabeleceu novas diretrizes para a seleção e organização dos conteúdos, que deveriam ser trabalhados de forma sistematizada e crítica, visando o desenvolvimento cultural dos estudantes por meio das práticas corporais.

A inclusão da Educação Física como componente curricular obrigatório representou um avanço significativo na valorização da cultura corporal como elemento formativo, equiparando sua importância às demais disciplinas no processo de ensino-aprendizagem. Essa transformação legal trouxe implicações para a estruturação dos currículos escolares, exigindo novas abordagens pedagógicas e uma revisão dos objetivos educacionais da área.

Paralelo às mudanças ocorridas nos aspectos legais, para a Educação Física na Educação Básica, tem-se o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, posteriormente, a homologação da BNCC, em 2017, na tentativa de estabelecer um referencial para a construção de propostas curriculares que fossem mais democráticas, humanas e diversificadas, ampliando a visão da Educação Física para além do âmbito biológico. Atualmente é a BNCC, o documento que organiza e define os conteúdos da Educação Física para a Educação Básica.

Com o intuito de compreender a configuração atual dos objetos de conhecimento (conteúdos) da Educação Física no Ensino Fundamental, proceder-se-á à exposição da estrutura proposta pela BNCC. A priori, o documento define Educação Física como:

O componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história (Brasil, 2017, p. 209).

Especialmente para o Ensino Fundamental, a BNCC apresenta 10 (dez) competências específicas para a Educação Física, que devem ser trabalhadas e desenvolvidas em toda essa etapa objetivando um desenvolvimento integral dos estudantes. São 10 (dez) competências sociais e cognitivas que conversam com as 10 (dez) competências que o documento traz para serem desenvolvidas de forma geral nos estudantes no Ensino Fundamental. O Quadro 1 apresenta as 10 (dez) competências da Educação Física para o Ensino Fundamental.

Quadro 1 - Competências da BNCC para a Educação Física no Ensino Fundamental

Nº	Competências Específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental
1	Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2	Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3	Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4	Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5	Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
6	Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7	Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8	Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9	Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10	Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Fonte: BNCC (Brasil, 2017, p. 227)

As práticas corporais da Educação Física, vêm organizadas em seis unidades temáticas, que são elas: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Lutas, Danças e Práticas corporais de Aventura, com seus objetos de conhecimento distribuídos nos anos finais em

blocos: 6º e 7º anos e 8º e 9º anos, respeitando a progressão de habilidades motoras dos estudantes, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Conteúdos de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental

Unidades Temáticas	6º e 7º Anos	8º e 9º Anos
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	—
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças urbanas	Danças de salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: BNCC (2017)

Essa organização do componente na BNCC, traz a tentativa de tornar a Educação Física mais igualitária, humana e diversificada corroborando com o modelo de educação trazido pela base. Porém, Neira (2012), destaca que a disciplina evoluiu de um modelo centrado no rendimento esportivo para uma abordagem mais inclusiva, que valoriza a diversidade de práticas corporais e a criticidade. Contudo, como aponta Nunes *et al.* (2021), essa transição ainda não se consolidou plenamente nas escolas, mantendo-se uma lacuna entre as diretrizes oficiais e as práticas pedagógicas reais.

Apesar dos avanços que o componente sofreu para um reconhecimento e valorização curricular, os desafios contemporâneos da Educação Física escolar são multifacetados. Estudos como os de Silva e Souza (2022), evidenciam que a infraestrutura precária, como a ausência de espaços adequados e a carência de materiais pedagógicos diversificados, continua a ser um obstáculo importante. Esses desafios são confirmados por Ferreira Neto (2017), em seu estudo sobre a influência das infraestruturas desportivas no cumprimento do currículo de Educação Física, onde destaca que os espaços físicos e os materiais didático-pedagógicos influenciam diretamente o desenvolvimento das aulas, uma vez que a prática pedagógica é condicionada pelas instalações e pelos recursos disponíveis.

Para o presente estudo, reforçamos a importância dos espaços físicos como as quadras esportivas e os materiais didáticos-pedagógicos, como aqueles inerentes a prática de Educação Física, de uma forma geral, no contexto escolar, como bolas, cones, redes, etc, como

importantes para o fortalecimento entre a teoria e prática na Educação Física para uma aprendizagem significativa do componente.

A importância de uma infraestrutura adequada para a prática esportiva, incluindo, a prática de ginástica, é enfatizada tanto em documentos nacionais, como o Plano Nacional da Educação (PNE), de 2014, como em organismos internacionais, como a Organização da Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), em sua Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte, publicada em 2015.

O PNE, é um documento que estabelece metas, estratégias e prazos para que estados e municípios desenvolvam políticas educacionais para melhorar o nível e a qualidade da Educação Básica, traz na Meta 7, especificamente no subitem 7.18, que as escolas públicas deveriam possuir uma infraestrutura qualitativa de instalações e equipamentos para assegurar: “[...] o acesso dos alunos a espaços para a prática esportiva, a bens culturais e artísticos e a equipamentos e laboratórios de ciências [...]” (Brasil, 2014, p. 64).

A Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte, publicada pela UNESCO em 2015, traz em seu Artigo 8, que: “espaços, instalações e equipamentos adequados e seguros são indispensáveis para a prática da educação física, da atividade física e do esporte de qualidade” (UNESCO, 2015, p. 7).

Entre os desafios enfrentados pela Educação Física, destaca-se a formação docente, especialmente no contexto do Ensino Fundamental, aspecto que será aprofundado a seguir. Contudo, de acordo com Carvalho e Molina Neto (2020), muitos professores ainda reproduzem metodologias tradicionais, focadas na técnica e no rendimento, devido a deficiências na formação inicial e à falta de acesso a programas de formação continuada alinhados às novas demandas curriculares. Como alternativa, autores como Santos e Darido (2023), defendem a necessidade de investimento em políticas públicas que articulem a melhoria das condições de trabalho docente com a atualização pedagógica, incluindo estratégias para engajar os adolescentes, grupo etário com altos índices de evasão nas aulas de Educação Física (Almeida *et al.*, 2022).

2.2 A ginástica no contexto da Educação Física Escolar

A ginástica constitui-se como um dos conteúdos clássicos e historicamente consolidados da Educação Física escolar, integrando o conjunto das práticas corporais que compõem a cultura corporal do movimento. No contexto educacional, a ginástica ultrapassa a dimensão meramente técnica ou esportivizada, assumindo um caráter pedagógico que

possibilita experiências corporais diversificadas, significativas e formativas. Enquanto prática corporal sistematizada, contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, contemplando dimensões físicas, cognitivas, sociais e culturais (Soares *et al.*, 1992; Ayoub, 2013; Carbinatto, 2009).

Segundo Carbinatto (2009), a ginástica é composta por um conjunto de atividades que articulam elementos como dança, jogos, materiais, música, folclore e coreografias, favorecendo a expressão cultural e a formação integral do indivíduo. Nesse sentido, a ginástica, ao ser trabalhada na escola, possibilita o conhecimento do próprio corpo, a ampliação do repertório motor e a construção de significados sobre o movimento humano, configurando-se como conteúdo fundamental da Educação Física escolar.

Do ponto de vista histórico, a ginástica acompanha o desenvolvimento da sociedade e reflete as transformações sociais de cada época. Conforme destaca Ramos (1982), ao longo da trajetória histórica da humanidade, a ginástica se manifesta desde a pré-história, consolida-se na antiguidade, sofre estagnação na idade média, fundamenta-se na idade moderna e sistematiza-se nos primórdios da idade contemporânea, adquirindo, na atualidade, caráter mais universal e eclético. Essa evolução evidencia que a ginástica não é uma prática estática, mas um fenômeno cultural em constante transformação.

No contexto escolar brasileiro, especialmente a partir do século XIX e início do século XX, a ginástica assume papel central nas aulas de Educação Física. Ayoub (2003), ressalta que, durante todo o século XIX e início do século XX, as diferentes formas de ginástica constituíam o principal conteúdo da Educação Física escolar. Nesse período, a área estava fortemente marcada por concepções higienistas, militaristas, nacionalistas e eugenistas, voltadas para o disciplinamento corporal, a preparação física e a formação de corpos considerados saudáveis e produtivos (Betti; Zuliani, 2002).

A partir da década de 1940, a Educação Física, incluindo a ginástica, torna-se obrigatória nas escolas brasileiras, consolidando sua presença no currículo escolar e reforçando sua importância no desenvolvimento físico, mental e social dos estudantes (Brasil, 1942). Com o passar do tempo, a ginástica, assim como outras práticas corporais, passou por ressignificações pedagógicas, adaptando conteúdos, metodologias e objetivos às novas demandas educacionais e sociais, buscando atender às necessidades humanas em suas múltiplas dimensões, materiais, sociais, culturais, morais e afetivas.

No âmbito da Educação Física escolar, a ginástica passa a ser compreendida como um conteúdo pedagógico que deve acompanhar o desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica. De acordo com o Coletivo de Autores (2009), o ensino da ginástica deve

partir de movimentos espontâneos e de técnicas mais simples nos anos iniciais, avançando progressivamente para execuções mais elaboradas nos anos finais do Ensino Fundamental e consolidando-se no Ensino Médio. Essa progressão respeita as fases do desenvolvimento motor e cognitivo, garantindo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Negligenciar sua prática dentro do contexto escolar, ou até mesmo diminuir o seu espaço dentro das aulas de Educação Física, é de fato, um retrocesso e um descaso com o desenvolvimento dos estudantes. Autores como Darido e Rangel (2011), afirmam que a prática de ginástica na escola além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, também estimula o trabalho em equipe, a superação de desafios e a criatividade, aspectos essenciais para a formação social e cognitiva dos estudantes. Nesse sentido, a ginástica não se limita ao aspecto físico, mas também favorece a construção de valores como cooperação, respeito e perseverança, promovendo uma educação para a formação humana

Quando abordada de forma holística e sistematizada pelos professores, a ginástica contribui para a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de compreender e transformar a realidade em que estão inseridos. Ayoub (2013), Maldonato e Bocchini (2015), e Soares *et al.* (1992), destacam que a ginástica, enquanto expressão da cultura corporal do movimento, articula aspectos físicos, sociais e culturais, configurando-se como um instrumento pedagógico potente no processo educativo.

No Brasil, a consolidação da ginástica como conteúdo da Educação Física escolar encontra respaldo nos documentos legais e curriculares que orientam a Educação Básica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) estabelece a Educação Física como componente curricular obrigatório, reafirmando seu papel no processo de desenvolvimento integral dos estudantes. A partir da LDB, documentos normativos como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e, de forma mais sistematizada, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), passam a orientar a organização dos currículos escolares em todo o país.

A BNCC enquanto documento referenciador dos currículos das redes de ensino brasileiras, reconhece a ginástica como uma das unidades temáticas da Educação Física escolar (Brasil, 2017). O documento enfatiza que as práticas corporais devem contribuir para a construção de competências críticas e reflexivas, possibilitando aos estudantes a compreensão do corpo em movimento como forma de expressão, comunicação e produção cultural. Nesse contexto, a ginástica se destaca por sua pluralidade, abrangendo manifestações como a ginástica artística, rítmica, acrobática, bem como práticas voltadas ao bem-estar, como a ginástica funcional e laboral (Darido, 2001; Betti; Zuliani, 2002).

Essa compreensão curricular da ginástica está diretamente relacionada à perspectiva da Educação Integral, adotada neste estudo como finalidade de um ensino de qualidade e socialmente referenciado. A Educação Integral propõe o desenvolvimento pleno do indivíduo, superando a fragmentação do conhecimento e integrando dimensões cognitivas, afetivas, sociais, físicas e éticas (Gadotti, 2009; Padilha, 2017).

No contexto brasileiro, Moll (2012), ressalta que a Educação Integral não se limita à ampliação do tempo escolar, mas implica uma reorganização curricular que articule diferentes linguagens, saberes e espaços educativos, incluindo práticas corporais, esportivas e culturais. Os documentos oficiais, como a LDB e a BNCC, reafirmam essa concepção ao defenderem uma formação que contemple aspectos cognitivos, socioemocionais, culturais e éticos, fortalecendo o papel da Educação Física e da ginástica nesse processo.

A partir dessa perspectiva, o ensino da ginástica na escola é compreendido como um instrumento pedagógico que favorece o desenvolvimento integral dos estudantes. Mais do que uma prática motora, a ginástica possibilita a construção do conhecimento corporal, o reconhecimento dos próprios limites e potencialidades, além do desenvolvimento da autonomia e da reflexão crítica sobre o movimento humano (Ayoub, 2013; Maldonato; Bocchini, 2015).

No que se refere às aprendizagens proporcionadas pela ginástica no contexto escolar, Darido (2001), destaca que essa prática contribui significativamente para o desenvolvimento de competências em diferentes dimensões. Do ponto de vista físico, favorece o aprimoramento da força, flexibilidade, equilíbrio e eficiência motora. No campo cognitivo, estimula o planejamento, a resolução de problemas e a tomada de decisões, desafiando os estudantes a enfrentarem situações complexas de forma criativa e reflexiva (Guedes *et al.*, 2020).

Socialmente, a ginástica promove a interação, o trabalho em equipe e a cooperação, contribuindo para a construção de valores como respeito, empatia e solidariedade (Krug, 2009). No âmbito cultural, possibilita o reconhecimento da diversidade de práticas corporais, conectando os estudantes às tradições e manifestações corporais locais e globais, ampliando sua compreensão sobre o corpo como elemento constitutivo da cultura (Vieira, 2020). Assim, a ginástica consolida-se como um conteúdo essencial da Educação Física escolar, articulando saberes, práticas e valores que contribuem para a formação integral e crítica dos estudantes.

2.3 Políticas de Incentivo ao ensino de ginástica nas escolas no Piauí

A ginástica, enquanto prática corporal histórica e cultural, possui um papel importante no desenvolvimento integral dos alunos, ao contribuir, através da sua prática, para

o aprimoramento motor, cognitivo e socioafetivo. No entanto, sua inserção no contexto escolar depende, em grande medida, de políticas públicas que garantam a infraestrutura, a formação docente e o suporte necessário para sua implementação.

As políticas públicas educacionais são fundamentais para a promoção de práticas corporais como a ginástica. No entanto, a efetivação dessas diretrizes depende de ações concretas, como a distribuição de recursos financeiros, a formação de professores e a disponibilização de materiais adequados. Portanto, a falta de investimento em políticas públicas específicas para a Educação Física limita o potencial pedagógico de práticas como a ginástica (Betti; Zuliani, 2002).

Quando olhamos, especificamente para o Piauí, percebemos a presença da ginástica contempladas em projetos como, os Jogos Escolares Piauienses - JEPI's, onde ela vem como uma das modalidades contempladas pelos jogos e o Programa Esporte Educacional. Segundo informações colhidas pelo site oficial da Secretaria de Esportes do Estado do Piauí, a SECEPI, “as competições escolares são uma oportunidade de estímulo ao espírito esportivo, além de difundirem os valores do esporte entre os jovens” (Secepi, 2024). Para a Secretaria de Esporte do Estado, os JEPI's:

Tem o objetivo de promover a interação social e esportiva entre os alunos, além de expandir a prática de diversas modalidades e proporcionar aos jovens uma melhora física, técnica e tática do esporte como um todo, sempre com o intuito de fazer surgir novos talentos (Secepi, 2004, n.p).

Nos Jogos Escolares Piauienses, as competições incluem alunos das escolas estaduais, municipais, particulares e Instituto Federal de todo o estado do Piauí e 22 modalidades são contempladas: águas abertas, atletismo, atletismo adaptado, basquetebol, badminton, ciclismo, esgrima, futsal, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, judô, karatê, natação, taekwondo, tênis de mesa, tiro com arco, triathlon, voleibol, xadrez, vôlei de praia e wrestling. As paraolimpíadas compreendem atletismo, bocha e natação.

Outro programa identificado no Estado é o Programa Esporte Educacional que se configura como uma ação de incentivo a prática esportiva no ambiente escolar cujo objetivo é estimular o uso do esporte como ferramenta pedagógica educacional no desenvolvimento integral dos estudantes, visando incentivar a prática de novas modalidades individuais e coletivas, no intuito de fortalecer a cultura esportiva na comunidade escolar (Secepi, 2004).

O Programa Esporte Educacional, oferta o pagamento de uma bolsa no valor de R\$ 300,00 (trezentos reais) ao professor ministrante da modalidade selecionada e a escola contemplada recebe um valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para compras de materiais da

referida modalidade. Segundo dados do site oficial do estado, para 2024, primeiro ano de implementação do projeto, 250 escolas foram contempladas em diversas modalidades nas quais já eram praticadas nas respectivas escolas. A ginástica esteve contemplada em apenas duas escolas da rede estadual, ambas situadas na capital, Teresina: o Centro Educacional de Tempo Integral Didácio Silva e o Centro Educacional Professora Maria de Lourdes Rebelo, com a oferta restrita à modalidade de ginástica rítmica. Em 2025, embora tenha ocorrido a ampliação do número de escolas atendidas pelo programa, que passou de 250 para 300 unidades, observa-se um retrocesso no que se refere à ginástica, uma vez que o componente, anteriormente presente em duas escolas no ano de 2024, deixou de ser ofertado, não sendo contemplado em nenhuma instituição. A intenção do projeto, segundo informações obtidas no site oficial da Secretaria de Esportes do Piauí (SECEPI) é contemplar o maior número de escolas da rede até 2026. Vale lembrar que a rede estadual de ensino do estado do Piauí conta com cerca de 600 escolas em sua totalidade.

Analisando o edital do referido programa, percebemos que as modalidades contempladas ainda são as ditas “mais populares”, em sua maioria, futsal, vôlei e handebol, passando pelo atletismo e badminton de maneira mais tímida. A reduzida presença da ginástica no contexto das aulas de Educação Física escolar suscita reflexões acerca das formas pelas quais esse conteúdo tem sido abordado no processo de ensino, uma vez que, enquanto componente obrigatório ao longo de todos os anos da Educação Básica, deveria ser desenvolvido com a mesma sistematicidade, intensidade e frequência atribuídas às demais manifestações da cultura corporal.

Apesar dos avanços, a implementação das políticas públicas enfrenta diversos desafios. Um dos principais é a descontinuidade de programas, que muitas vezes são interrompidos com a mudança de gestões públicas. Como destacam Souza e Oliveira (2012), a falta de continuidade nas políticas educacionais dificulta a consolidação de práticas como a ginástica nas escolas.

Com base no que foi exposto, torna-se necessário refletir sobre a importância de garantir, prioritariamente, a possibilidade da prática pedagógica da ginástica antes de sua inserção em programas de caráter competitivo. Embora as competições escolares, como os JEPI's, desempenhem um papel relevante na difusão do esporte e no estímulo ao espírito esportivo, elas não podem se sobrepor ao direito dos estudantes ao acesso democrático, contínuo e formativo às práticas corporais. Sem vivências sistematizadas, orientadas por objetivos educacionais e mediadas por professores qualificados, a ginástica corre o risco de se restringir a poucos alunos com maior aptidão física, reforçando processos de exclusão e

descaracterizando seu potencial educativo. Assim, a prática deve ser compreendida como um meio de desenvolvimento integral, ou seja, motor, cognitivo, social e cultural e não apenas como preparação para o rendimento esportivo. Somente a partir de uma base sólida de experiências corporais, construídas no cotidiano escolar, é que os programas competitivos podem cumprir um papel complementar, coerente com os princípios da Educação Física escolar e com as diretrizes das políticas públicas educacionais.

Outro desafio é a falta de recursos financeiros e materiais. Muitas escolas não possuem infraestrutura adequada para a prática da ginástica, como salas específicas ou equipamentos de segurança. Além disso, a formação docente é frequentemente insuficiente, com muitos professores relatando dificuldades para incluir a ginástica em seus planejamentos (Silva, 2015).

Quando bem implementadas, as políticas públicas podem trazer benefícios significativos para o ensino da ginástica. Estudos mostram que a prática regular de ginástica contribui para o desenvolvimento motor dos alunos, além de promover a saúde e a autoestima (Freitas, 2018). Além disso, a ginástica pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão social, permitindo que alunos com diferentes níveis de habilidade participem das atividades.

Para superar os desafios e ampliar o impacto das políticas públicas, são necessárias ações em diferentes frentes. Uma delas é o aumento do investimento financeiro, com a destinação de recursos específicos para a aquisição de materiais e a melhoria da infraestrutura escolar. Além disso, é fundamental investir na formação continuada de professores, por meio de cursos, oficinas e parcerias com universidades.

Outra proposta é a integração de políticas públicas de educação, saúde e esporte, que permitam abordar a ginástica de forma mais ampla e articulada. Por fim, é essencial criar mecanismos de avaliação e monitoramento, que permitam acompanhar a implementação das políticas e fazer ajustes necessários (Carvalho, 2016).

2.4 Diretrizes curriculares para o ensino de ginástica no Ensino Fundamental no Estado do Piauí

Atualmente, os conteúdos de Educação Física destinados ao Ensino Fundamental da rede pública estadual do Piauí estão organizados a partir de um documento curricular homologado em 2019, o Currículo do Piauí. Esse documento foi elaborado em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define os conteúdos a serem desenvolvidos ao longo da Educação Básica. Para além dos conteúdos

considerados “essenciais” pela BNCC, o Currículo do Piauí incorpora as especificidades regionais e culturais do estado, por meio da inclusão de habilidades que ampliam e contextualizam os objetos de conhecimento, conferindo maior significado às práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto local.

Iniciando a análise da BNCC para o Ensino Fundamental, que, para fins dessa pesquisa, destaca-se, o recorte dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). A BNCC reconhece a ginástica como uma das manifestações da cultura corporal de movimento que compõem o componente curricular de Educação Física. Nessa etapa de ensino, a ginástica é concebida como uma prática que articula elementos técnicos, artísticos e expressivos, devendo contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A BNCC propõe as ginásticas como uma das 06 (seis) unidades temáticas a serem desenvolvidas na escola, trazendo uma organização desse conteúdo em três grupos de ginásticas e, também, propõe a sua distribuição durante os anos finais do ensino fundamental

Na unidade temática Ginásticas, são propostas práticas com formas de organização e significados muito diferentes, o que leva à necessidade de explicitar a classificação adotada: (a) ginástica geral; (b) ginásticas de condicionamento físico; e (c) ginásticas de conscientização corporal (Brasil, 2017, p. 217).

A BNCC também destaca que o ensino da ginástica deve considerar as experiências prévias dos alunos, suas curiosidades e interesses, além de promover a reflexão crítica sobre o corpo, o movimento e a sociedade. Essa afirmação pode ser confirmada quando, em uma das suas habilidades (EF67EF01), para ser desenvolvida no conteúdo de ginástica do 6º e 7º anos do ensino fundamental, ela se apresenta: “experimentar e fruir exercícios físicos, jogos, lutas, ginásticas, danças e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo, identificando-se como sujeito que vivencia o corpo e o movimento, com base nos princípios de inclusão, pluralidade e respeito às diferenças” (Brasil, 2018, p. 215). Nesse sentido, a BNCC orienta que os professores explorem diferentes modalidades de ginástica, tais como a ginástica geral, a ginástica artística e a ginástica rítmica, promovendo adaptações pedagógicas que considerem as possibilidades, necessidades e contextos dos estudantes.

Sobre o Currículo do Piauí e como ele aborda o ensino de ginástica na etapa do Ensino Fundamental, o documento também apresenta a ginástica como um dos eixos temáticos da Educação Física, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento integral dos estudantes, enfatizando a importância da experimentação e vivência das práticas corporais, incluindo a ginástica, como forma de promover a autonomia, a criatividade e a expressão

corporal dos alunos. O documento ainda sugere que a ginástica seja adaptada às diferentes faixas etárias, considerando as características e necessidades dos alunos em cada etapa da Educação Básica, destacando a importância de explorar diferentes modalidades de ginástica, incluindo a ginástica geral, artística, rítmica e outras formas de expressão corporal, permitindo que os alunos vivenciem uma variedade de movimentos e técnicas.

O Currículo do Piauí integra a ginástica aos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), como saúde e diversidade cultural, sugerindo que as práticas gímnicas sejam utilizadas como ferramenta para discutir questões sociais e ambientais “reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário” (Piauí, 2020, p. 126).

No âmbito das orientações curriculares estaduais, observa-se uma abordagem mais contextualizada à realidade local, que propõe a integração de elementos culturais e regionais às práticas de ginástica. Essa perspectiva contempla a valorização de manifestações culturais e tradições do estado, bem como a incorporação de habilidades específicas consideradas relevantes para a formação dos estudantes piauienses. Tal direcionamento evidencia-se na análise do quadro de habilidades apresentado pelo documento, no qual são elencadas competências próprias a serem desenvolvidas pelos estudantes do Piauí, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Habilidades do conteúdo ginástica, a serem desenvolvidas pelos alunos do Ensino Fundamental, anos finais, do 6º e 7º ano		
UNIDADES TEMÁTICAS	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Ginásticas	(EF67EF08) experimentar e fruir exercícios físicos que solicitem diferentes capacidades físicas, identificando seus tipos (força, velocidade, resistência, flexibilidade) e as sensações corporais provocadas pela sua prática. (EF67EF09) construir, coletivamente, procedimentos e normas de convívio que viabilizem a participação de todos na prática de exercícios físicos, com o objetivo de promover a saúde. (EF67EF10) analisar e diferenciar exercício físico de atividade física e propor alternativas para a prática de exercícios físicos dentro e fora do ambiente escolar. (EF67EF10.01PI) responsabilizar-se pelo desenvolvimento e manutenção das capacidades	Ginástica• Histórico da ginástica. • Definição, característica e classificação: – Ginástica natural; – Ginástica formativa. • Qualidades físicas: – Resistência aeróbica, força, velocidade e flexibilidade. Ginástica de condicionamento físico • Ginástica de preparação e aperfeiçoamento para esportes, lutas e danças. • Ginástica geral praticada em espaços abertos com objetivos salutar e estéticos.

	físicas, demonstrando disposição favorável para a superação de limitações pessoais. (EF67EF10.02PI) experimentar e analisar os aspectos relacionados ao movimento do gesto ginástico a partir das formas de ginástica relacionadas aos diferentes contextos sociais de execução prática. (EF67EF10.03PI) compreender as alterações corporais individualmente e em grupos, considerando as noções de esforço, intensidade e frequência por meio de planejamento e sistematização de suas práticas.	
--	--	--

Fonte: Currículo do Piauí (2020)

O quadro apresentado sintetiza as habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes da rede estadual do Piauí na etapa do Ensino Fundamental, do 6º e 7º anos, no conteúdo de ginástica representadas pelos códigos EF67EF10.01PI, EF67EF10.02PI e EF67EF10.03PI. Tais habilidades evidenciam especificidades atribuídas à formação dos estudantes piauienses, as quais devem ser desenvolvidas em consonância com o contexto local. Outro aspecto relevante diz respeito à maior flexibilidade presente no documento curricular do Piauí quanto à adaptação das práticas ginásticas às realidades locais, ao indicar que escolas e professores possam selecionar modalidades e abordagens que melhor atendam às características e necessidades dos estudantes.

Diante disso, o professor, por meio de sua prática, exerce função fundamental para a construção do processo de ensino, quando desenvolve processos educativos coerentes com as necessidades dos alunos e da sociedade. Nesse ínterim, a Educação Física como um componente curricular das escolas precisa cumprir com seus objetivos, além de seu compromisso para a transformação de uma sociedade mais ativa e participativa nos diferentes contextos que a compõe (Piauí, 2020, p.125).

Por fim, os dois documentos, tanto BNCC, quanto o Currículo do Piauí reconhecem a importância da ginástica como parte integrante da Educação Física, com foco no desenvolvimento integral dos alunos. No entanto, o Currículo do Piauí alinha o ensino da ginástica a contextualização regional, o detalhamento das habilidades e a integração com temas contemporâneos, oferecendo uma abordagem mais adaptada à realidade local e às necessidades específicas dos estudantes do estado.

2.5 Formação docente e os desafios para o ensino da ginástica

Apesar da relevância da ginástica no contexto escolar, conforme discutido até aqui, estudos de Schiavon e Nista-Piccollo (2007), Brito *et al.* (2020), Leguet (1987) e Moreira (2020), evidenciam que essa prática tem sido pouco desenvolvida nas aulas de Educação Física escolar, seja pela baixa frequência com que é abordada, seja pela superficialidade com que seus conteúdos são apresentados, frequentemente sem o devido aprofundamento pedagógico.

A ginástica é uma das práticas corporais historicamente presente na Educação Física, contribuindo para o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos. Contudo, o seu ensino nas escolas ainda enfrenta desafios significativos, e dentre os motivos apontados para esses desafios está a falta de experiências suficientes dos professores de Educação Física com a ginástica em seu processo formativo, como aponta Schiavon e Nista-Piccollo (2007); Carride *et al.* (2017); Murbach (2017) e Costa *et al.* (2019). Esse cenário suscita reflexões críticas sobre como os cursos de Licenciatura em Educação Física abordam a ginástica, bem como sobre as condições que os futuros professores encontram para ensinar essa prática no contexto escolar.

Segundo Sánchez e Jara (2018), as experiências teóricas e práticas vivenciadas ao longo da formação inicial exercem influência decisiva sobre a atuação profissional do professor, possibilitando intervenções pedagógicas mais significativas. Nesse sentido, a formação inicial de professores de Educação Física tem sido alvo de questionamentos quanto à sua capacidade de preparar o docente para lidar com a diversidade de conteúdos que compõem o currículo escolar, entre os quais se destaca a ginástica. Conforme aponta Daolio (1995), os currículos dos cursos de Licenciatura frequentemente privilegiam os esportes coletivos em detrimento de outras práticas corporais, como a ginástica, o que evidencia uma hierarquização dos conteúdos incompatível com a perspectiva de pluralidade defendida por documentos curriculares orientadores, como a BNCC.

Darido e Rangel (2011), apontam que a ginástica, quando apresentada nos currículos dos cursos de Licenciatura, é frequentemente abordada de maneira técnica e descontextualizada, sem considerar as especificidades do ambiente escolar. Essa abordagem limita a capacidade dos professores em formação de compreenderem a ginástica como uma prática inclusiva e adaptável, essencial para sua efetivação nas escolas, especialmente aquelas com infraestrutura limitada.

Kunz (2004, p. 114), afirma que “as capacidades corporais devem ser vistas na Educação Física como um instrumento que oferece as melhores possibilidades para a

comunicação e a expressão. ” Assim, o professor, ao incorporar a ginástica em suas aulas, encontra um recurso valioso para mediar processos de comunicação e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento integral dos estudantes.

Entretanto, observa-se, na atualidade, um cenário bastante distinto daquele historicamente atribuído à ginástica no contexto escolar. Nas aulas de Educação Física, essa manifestação corporal tem sido majoritariamente desenvolvida nos momentos iniciais, como estratégia de aquecimento e alongamento, e nos momentos finais, com fins de relaxamento, assumindo frequentemente um papel instrumental na preparação para a iniciação em outras modalidades esportivas (Pereira; Cesário, 2011; Rinaldi, 2005).

Soma-se a esse quadro a ausência, ou mesmo a quase inexistência, da prática da ginástica nos estágios curriculares supervisionados, o que contribui para o empobrecimento das experiências dos futuros professores com essa modalidade. Conforme aponta Darido (2004), a carência de vivências práticas sistematizadas durante a formação inicial configura-se como um dos principais obstáculos para o ensino da ginástica na escola. Para a autora, a prática pedagógica deve constituir o eixo estruturante dos cursos de formação docente, possibilitando aos licenciandos a vivência de situações reais do contexto escolar.

Em consonância com as reflexões de Darido (2004), acerca da relevância das experiências práticas com a ginástica ainda no âmbito da formação inicial, Betti e Zuliani (2002) ressaltam que a ausência de vivências práticas alinhadas à realidade das escolas públicas compromete significativamente a capacidade dos professores de adaptar os conteúdos gímnicos às condições materiais disponíveis e às características socioculturais dos alunos.

Ainda que a formação inicial desempenhe papel fundamental na constituição dos saberes docentes, autores como Tardif (2014), destacam que a formação continuada é indispensável para que os professores possam revisitar, ressignificar e aprimorar suas práticas pedagógicas ao longo da carreira. No que se refere ao ensino da ginástica, torna-se imprescindível que os programas de formação continuada considerem as condições concretas do contexto escolar, propondo estratégias pedagógicas que possibilitem a superação das limitações estruturais, didáticas e metodológicas frequentemente presentes nas escolas.

Daolio (1995), enfatiza que os professores precisam questionar os modelos tradicionais, muitas vezes excludentes, e buscar formas de tornar a ginástica acessível e significativa para todos os estudantes. Isso exige um compromisso com práticas pedagógicas inclusivas, que valorizem a diversidade e promovam a participação ativa de todos no processo educativo.

2.6 As contribuições da ginástica para o desenvolvimento integral dos estudantes

Para a discussão aqui proposta, estabelece-se um paralelo entre os fundamentos da Educação Integral e a relevância dos ensinamentos de ginástica no contexto escolar, considerando seu papel no desenvolvimento integral dos estudantes.

A Educação Integral configura-se como uma concepção pedagógica e filosófica que busca o desenvolvimento pleno do educando, contemplando de forma indissociável as dimensões cognitivas, afetivas, sociais, físicas e éticas (Moll, 2012). Nesse sentido, o ensino da ginástica no ambiente escolar apresenta-se como uma ferramenta pedagógica fundamental, uma vez que extrapola o mero desenvolvimento motor, contribuindo significativamente para a formação integral do indivíduo. Assim, este texto discute de que maneira a ginástica, enquanto componente curricular da Educação Física escolar, pode favorecer o desenvolvimento holístico dos estudantes, em consonância com os princípios da Educação Integral.

A Educação Integral parte do pressuposto de que a escola deve formar cidadãos críticos, autônomos e socialmente responsáveis, integrando conhecimentos acadêmicos, habilidades socioemocionais e práticas corporais (Gadotti, 2009).

Nessa perspectiva, a ginástica, enquanto manifestação cultural e prática corporal, pode ser um eixo estruturante para o desenvolvimento integral do estudante, pois envolve não apenas aspectos físicos, mas também cognitivos, como o raciocínio lógico e a criatividade, afetivos, como a autoconfiança e a superação e sociais, como o trabalho em equipe e a cooperação (Betti, 2018).

Conforme destacam Bortoleto e Schiavon (2019), a ginástica oferece um repertório rico de experiências corporais que vão além da execução de movimentos, envolvendo a expressão, a criatividade e a superação de desafios. Essa prática, portanto, não se limita ao desenvolvimento de habilidades motoras, mas também estimula a reflexão sobre o corpo e o movimento, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes e autônomos.

No contexto escolar, a ginástica se adapta às diferentes realidades das escolas, oferecendo vivências que podem ser inclusivas e acessíveis a todos os alunos. Segundo Nunomura *et al.* (2016), a ginástica artística (GA), por exemplo, é uma modalidade que promove o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas e socioafetivas, ajudando os alunos a explorarem seus limites, desenvolverem a consciência corporal e trabalharem em equipe. A GA também permite que os alunos enfrentem medos e superem obstáculos, aspectos essenciais para o crescimento pessoal (Werner; Williams; Hall, 2015). Essas experiências são

fundamentais para a formação de cidadãos mais críticos, autoconfiantes e preparados para os desafios da vida.

No âmbito cognitivo, a ginástica oferece benefícios que vão além do desenvolvimento motor. Conforme Werner, Williams e Hall (2015), a prática da ginástica permite que os alunos aprendam mais sobre seus corpos, suas possibilidades de movimento e desenvolvam a capacidade de analisar, sintetizar e avaliar o movimento. Essa modalidade também estimula a concentração, a resolução de problemas e a organização, habilidades que podem ser transferidas para o ambiente escolar e para a vida cotidiana. Esses aspectos são essenciais para o sucesso acadêmico e para a formação de alunos mais focados e organizados.

No que diz respeito ao desenvolvimento físico, a ginástica é considerada uma modalidade completa, pois trabalha diversas capacidades condicionais e coordenativas, como força, flexibilidade, equilíbrio e agilidade. Segundo Nista-Piccolo (2005), os ginastas dominam seus corpos com maestria, ao ponto de conseguirem se destacar em outros contextos esportivos. Esse desenvolvimento motor na infância, além dos benefícios físicos, pode estimular a criança a ter uma vida mais saudável, combater o sedentarismo e, conseqüentemente, auxiliar na prevenção de doenças futuras, como a obesidade (Breda, 2019). A ginástica, portanto, não apenas prepara os alunos para o esporte, mas também para uma vida ativa e saudável.

Além dos benefícios físicos e cognitivos, a ginástica também contribui para o desenvolvimento de aspectos atitudinais, como a confiança, a cooperação, a autonomia e a socialização. Conforme destacam Nunomura *et al.* (2016), a ginástica favorece o aprimoramento dos aspectos atitudinais dos ginastas, promovendo valores como o respeito, a disciplina e a superação de medos. Esses valores são essenciais para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos, capazes de trabalhar em equipe e respeitar as diferenças.

A ginástica também se destaca por seu potencial de promover um estilo de vida ativo e saudável. Conforme Weinberg e Gould (2017), a participação em atividades físicas, como a ginástica, pode auxiliar no combate ao sedentarismo e na redução da ansiedade, da depressão e do estresse, além de diminuir o risco de doenças cardiovasculares. Esses benefícios vão além da escola, impactando positivamente a qualidade de vida dos alunos.

Como destacam Werner, Williams e Hall (2015), a ginástica permite que os alunos se auto desafiem, superem medos e desenvolvam confiança em suas habilidades, aspectos essenciais para o crescimento pessoal e social. Assim, a ginástica deve ser valorizada e incentivada nas escolas, reconhecendo seu potencial como ferramenta pedagógica transformadora, capaz de formar indivíduos mais saudáveis, autônomos e preparados para os desafios da vida.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: o percurso metodológico da investigação

Nessa seção, apresenta-se o percurso metodológico adotado para o alcance dos objetivos geral e específicos da pesquisa. O delineamento metodológico foi cuidadosamente estruturado de modo a assegurar a clareza, rigor científico e consistência na investigação do problema proposto. A metodologia empregada não se limita a responder às questões de pesquisa, mas busca também garantir a confiabilidade, a validade e a relevância dos resultados para o campo de estudo. Desse modo, são descritas, a seguir, as etapas e as escolhas metodológicas que fundamentam e orientam o desenvolvimento desta investigação.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa intitulada “O ensino de Ginástica nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental em escolas públicas estaduais de Teresina-PI”, é uma pesquisa de campo, quanti-qualitativa, do tipo descritiva, exploratória e explicativa.

Considerando o objeto de estudo desta pesquisa, *o ensino de ginástica nas escolas da rede pública estadual de Teresina/PI*, optou-se por uma abordagem quanti-qualitativa, por compreender que as experiências, percepções e vivências dos professores constituem elementos centrais para a apreensão de como esse ensino se concretiza no cotidiano escolar. A pesquisa qualitativa possibilita compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e às relações estabelecidas no contexto em que atuam, permitindo uma análise aprofundada da realidade investigada (Minayo, 2014). Entretanto, reconhece-se a relevância da incorporação de dados quantitativos de caráter descritivo, relacionados ao perfil dos participantes, tais como tempo de serviço e formação acadêmica. Esses dados contribuem para a caracterização do campo empírico e para a identificação de tendências que auxiliam na compreensão de como a ginástica se manifesta no cotidiano das escolas, sem a pretensão de generalização estatística (Gil, 2010).

Para Gonsalves (2001), a pesquisa de campo é um tipo de investigação que busca obter informações diretamente da população estudada, uma vez que esse método exige que o pesquisador tenha um contato mais direto com os participantes. Para isso, o pesquisador deve ir ao local onde o fenômeno está ocorrendo ou ocorreu, a fim de reunir e documentar um conjunto de informações específicas.

A pesquisa caracterizou-se como de natureza descritiva, uma vez que teve como propósito analisar os dados coletados sem que haja qualquer interferência da pesquisadora,

desde o percurso do levantamento de dados até a descrição dos fenômenos, situações, processos e experiências observadas na população amostral. Segundo Triviños (1997), a pesquisa descritiva requer do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, pois esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Desse modo, no que se refere ao escopo da pesquisa descritiva, Volpato (2015, p. 6), afirma que “a essência é caracterizar algo (uma variável), não requer hipótese, equivale a tirar um retrato do que se quer descrever, no sentido de caracterizá-lo”. No campo da ciência, a pesquisa descritiva é relevante e de suma importância para o primeiro e essencial passo no caminho em direção à compreensão do fenômeno (Volpato, 2015).

3.2 Contexto e sujeitos da pesquisa

Inicialmente, a proposta metodológica previa que a amostra da pesquisa fosse composta por 20 professores de Educação Física, vinculados a 20 escolas da rede estadual de ensino, sendo um docente por unidade escolar. A intenção era contemplar cinco escolas de cada Gerência Regional de Ensino (GRE), de modo a abranger instituições localizadas em todas as zonas da cidade de Teresina/PI. No entanto, após a aplicação dos critérios de seleção das escolas e dos professores participantes, a amostra final foi constituída por 17 professores, correspondendo a um professor por escola.

A pesquisa foi desenvolvida com 17 professores efetivos da rede estadual de ensino de Teresina/PI, que atuavam nos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, totalizando a participação de 17 escolas. No estado do Piauí, as escolas estaduais estão organizadas em Gerências Regionais de Ensino (GRE), uma estrutura administrativa que tem como finalidade otimizar a gestão e o acompanhamento das atividades escolares, tanto nos aspectos administrativos quanto pedagógicos. Atualmente, o município de Teresina dispõe de 40 escolas estaduais que ofertam o Ensino Fundamental. Em âmbito estadual, o Piauí conta com um total de 659 escolas da rede estadual, distribuídas em 21 GREs.

No município de Teresina, as escolas da rede estadual estão vinculadas a quatro GREs: 4ª, 19ª, 20ª e 21ª. Para a realização desta pesquisa, as escolas selecionadas contemplaram as seguintes GREs: seis (06) escolas sob a jurisdição da 4ª GRE, quatro (04) da 19ª GRE, cinco (05) da 20ª GRE e duas (02) da 21ª GRE, totalizando 17 escolas situadas na capital. A seleção das unidades escolares considerou os seguintes critérios: ofertar o Ensino Fundamental nos anos finais, possuir quadra esportiva coberta e apresentar maior número de estudantes matriculados, como mostra a Figura 1.

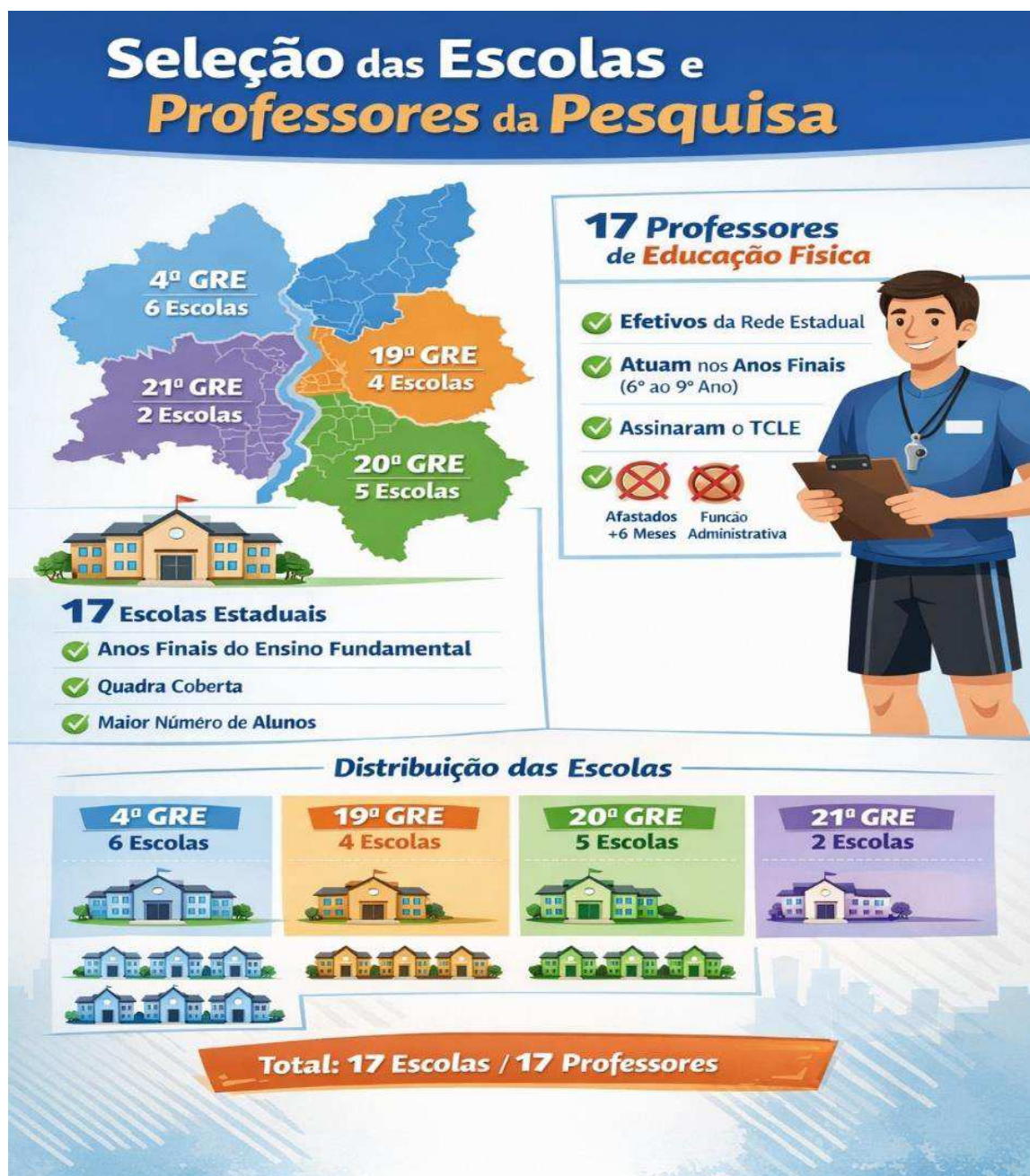
Figura 1 - Composição da seleção das escolas participantes da pesquisa



Fonte: Gerado pela autora utilizando a ferramenta ChatGPT, 2025

Participaram da pesquisa 17 professores de Educação Física, sendo um docente por escola selecionada, todos efetivos da rede estadual e em atuação nos anos finais do Ensino Fundamental durante o período da coleta de dados. Os critérios de inclusão adotados foram: atuar nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), ser professor efetivo da rede estadual de ensino e concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A). Foram excluídos da amostra os professores que se encontravam afastados ou que tivessem se afastado por período igual ou superior a seis meses, bem como aqueles que exerciam funções administrativas. A Figura 2 mostra a composição da amostra da pesquisa.

Figura 2 - Composição da amostra da pesquisa



Fonte: Gerado pela autora utilizando a ferramenta ChatGPT, 2025

3.3 Instrumento e coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados utilizado nessa pesquisa foi um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas elaborado pela pesquisadora, por entender que essa ferramenta oferece uma abordagem flexível para obter informações detalhadas e contextuais. Segundo Gil (2010), Marconi e Lakatos (2017), o questionário constitui um instrumento de coleta de dados composto por um conjunto de questões

previamente elaboradas, organizadas de forma sistemática e padronizada, com o objetivo de obter informações diretamente dos participantes da pesquisa.

O questionário contou com perguntas abertas e fechadas e abordou os seguintes pontos: identificação do participante, formação acadêmica, concepções dos professores sobre o ensino de ginástica, estrutura física e materiais para as aulas de ginástica e os principais desafios encontrados. Cada participante da pesquisa respondeu de forma individual e sem comunicação verbal e/ou comunicação escrita com a pesquisadora e com os outros participantes (Apêndice B).

A coleta de dados aconteceu nas escolas selecionadas para a pesquisa após a liberação da Secretaria Estadual do Piauí (SEDUC), bem como após sua aprovação pelo Comitê de Ética através do parecer consubstanciado nº 7.321.563, datado de 30 de dezembro de 2024. Ao chegar às escolas, a pesquisadora seguiu com a apresentação pessoal e do objetivo da pesquisa e após a aprovação da direção da instituição, seguiu para a coleta dos dados.

3.4 Análise de dados

A análise dos dados desta pesquisa foi conduzida em duas etapas complementares: inicialmente, realizou-se a análise quantitativa de caráter descritivo das questões fechadas; em seguida, procedeu-se à análise qualitativa das questões abertas.

Os dados provenientes das questões fechadas do questionário foram analisados por meio de estatística descritiva, utilizando frequências absolutas e relativas (percentuais). Esse tipo de análise é indicado para pesquisas que buscam descrever e organizar informações obtidas a partir de variáveis categóricas, possibilitando a caracterização do perfil dos participantes e das condições investigadas, sem a pretensão de realizar inferências estatísticas (Gil, 2010; Lakatos; Marconi, 2017). De acordo com Gil (2010), a estatística descritiva permite sintetizar e sistematizar dados, facilitando sua apresentação e interpretação, o que, nesta pesquisa, contribuiu para a organização das informações relativas ao perfil dos professores investigados, às condições estruturais das escolas e aos aspectos relacionados ao ensino da ginástica nos anos finais do Ensino Fundamental.

Os dados qualitativos, foram analisados com base no método de Análise de Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016), o que possibilita a interpretação sistemática das respostas, por meio da identificação de sentidos, significados e padrões recorrentes presentes nos discursos dos participantes. As questões abertas do questionário tiveram como objetivo compreender os desafios enfrentados pelos professores no ensino da ginástica em suas

aulas, possibilitando a identificação de percepções, sentimentos e aspectos subjetivos envolvidos na prática pedagógica cotidiana.

A análise qualitativa fundamentou-se no método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2016), o qual se desenvolve em três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A etapa de pré-análise consistiu na organização e preparação do material empírico para a investigação. Nessa fase, realizou-se inicialmente uma leitura flutuante das respostas dos professores às questões abertas, com o intuito de obter uma visão geral do conteúdo, identificar ideias centrais e reconhecer temas recorrentes.

Na sequência, a fase de exploração do material possibilitou a sistematização dos dados qualitativos, por meio do agrupamento de respostas semelhantes, permitindo evidenciar padrões, convergências e divergências nas percepções dos professores acerca dos desafios relacionados ao ensino da ginástica no contexto escolar.

Na fase de tratamento dos resultados, os dados categorizados foram organizados e interpretados de forma articulada, buscando estabelecer relações entre os achados empíricos, o referencial teórico adotado e os objetivos da pesquisa. A categorização, conforme Bardin (2016, p. 148), consiste em uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (semelhança–analogia), com base em critérios previamente definidos”.

As inferências realizadas permitiram ultrapassar a simples descrição dos dados, possibilitando uma análise crítica das falas dos professores, considerando o contexto educacional, a formação docente e as condições estruturais e pedagógicas das escolas. Desse modo, a interpretação dos resultados contribuiu para evidenciar como o ensino da ginástica se configura no cotidiano escolar, bem como os fatores que influenciam sua implementação e efetivação nas aulas de Educação Física.

3.5 Aspectos éticos da pesquisa

A presente pesquisa foi aprovada pela Secretaria Estadual de Educação do Piauí- SEDUC, conforme autorização (anexo A) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), através do parecer nº 7.321 (anexo B).

A participação dos professores na pesquisa ocorreu de forma voluntária, sendo formalizada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram apresentados os objetivos do estudo, os possíveis riscos e benefícios, assim como

os direitos assegurados aos participantes. Embora considerados mínimos, os riscos estiveram relacionados à possibilidade de desconforto emocional ao responder a questões que envolviam experiências pessoais e trajetórias formativas, além do tempo despendido para o preenchimento do questionário. Com o intuito de minimizar tais riscos, garantiu-se o anonimato dos participantes, a confidencialidade das informações fornecidas e o direito de recusa ou desistência da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. O instrumento foi aplicado de forma a respeitar a privacidade dos respondentes, assegurando-se que o preenchimento ocorresse em ambiente adequado e sem interferências, preservando a autonomia e o bem-estar dos participantes.

A pesquisa apresenta benefícios relevantes, tanto no campo acadêmico quanto no contexto da prática pedagógica. Ao aprofundar a discussão sobre o ensino de ginástica na escola, o estudo contribui para a ampliação do conhecimento dos participantes e de outros profissionais da área, possibilitando reflexões críticas sobre as práticas pedagógicas adotadas. Os dados produzidos podem subsidiar a identificação de estratégias didáticas eficazes, bem como de aspectos que demandam aprimoramento, favorecendo a qualificação do processo de ensino e aprendizagem da ginástica.

4 GUIA COM DIRETRIZES PRÁTICAS E POLÍTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA: O PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO

O produto técnico tecnológico desta pesquisa se materializou como um Guia, com diretrizes práticas e políticas, que visam facilitar o ensino de ginástica nas escolas, promovendo uma abordagem integradora e acessível para os professores. O desenvolvimento do Guia se fundamentou nos dados coletados a partir das respostas dos professores, garantindo que as diretrizes propostas sejam diretamente relevantes e aplicáveis à realidade dos mesmos.

A discussão e problematização dos dados levantados por meio do questionário direcionou a catalogação da proposta que foi estruturada de maneira a refletir as necessidades reais e experiências dos professores. O Guia foi organizado em capítulos e integrou teorias pedagógicas atuais com práticas recomendadas, adaptadas às realidades das escolas e dos professores pesquisados, bem como diretrizes políticas que assegurem a qualidade e consistência do ensino de ginástica, para que a prática se mantenha alinhada com as políticas educacionais e os objetivos curriculares nacionais.

O Guia, tem como objetivo oferecer suporte prático e teórico aos professores, auxiliando na superação dos desafios identificados e no incentivo do ensino de ginástica garantindo que a prática seja conduzida de maneira eficaz, segura e inclusiva, contribuindo para o bem-estar geral dos alunos e para o cumprimento dos objetivos educacionais.

Assim o Guia contribuiu significativamente para o fomento da prática de ensino de ginástica nas escolas da rede estadual de Teresina/PI, promovendo um aprendizado mais inclusivo e eficaz.

Na estruturação, ressalta-se que o Produto Técnico Tecnológico (PTT) ora apresentado no Mestrado Profissional em Educação deve atender à Portaria Normativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) n. 17/2009 e a Instrução Normativa Nº 03/2020, de 17/09/2020, sobre Elaboração do Trabalho Final no PPGE/UEMA, que revolve em seu Art. 1º, que o Trabalho Final de Conclusão do PPGE será composto de uma Dissertação e PTT, bem como enfatiza no Art. 5º que:

A terceira seção deverá conter o Produto Técnico Tecnológico derivado da revisão teórica e da pesquisa realizada pelo/a mestrando/a, sua proposta de intervenção na realidade. É esperado que contenha: título, introdução da seção, subtítulos, discussão para introduzir o produto técnico e contextualização, descrição detalhada do produto técnico, considerações finais, referências, notas, anexos e apêndices (se constar na seção).

Destaca-se também o Art. 8º Formatos da contribuição do PTT, em seu I. Material Didático (Manuais, Cartilhas, Guias Etc.); conforme a CAPES, por meio de sua portaria normativa, define o formato do produto a depender da finalidade do curso. Nessa proposta de estudo, no mestrado em Educação, considerou-se a investigação do ensino de ginástica nas escolas nos anos finais do Ensino Fundamental, como proposta relevante e necessária por entender que a sua prática no contexto escolar contribui de forma significativa no desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo assim, para que haja uma educação para a formação humana.

4.1 Apontamentos Sobre a Estrutura do Produto Educacional

O produto educacional proposto consistiu na elaboração de um Guia pedagógico digital com diretrizes práticas e políticas para o ensino de ginástica na escola com o intuito de fomentar a ginástica na escola e subsidiar a ação pedagógica de professores de Educação Física atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública estadual de ensino de Teresina-PI. Sua estrutura foi cuidadosamente planejada com o objetivo de oferecer um material didático de fácil acesso, aplicável à realidade escolar e alinhado às demandas pedagógicas e às dificuldades identificadas pelos docentes participantes da pesquisa. O Guia apresenta orientações teóricas e práticas para o ensino da ginástica no contexto escolar, contemplando conceitos fundamentais, estratégias metodológicas, sugestões de atividades e recomendações políticas e institucionais, buscando contribuir para o fortalecimento da prática pedagógica e para a ampliação das possibilidades de inserção da ginástica nas aulas de Educação Física. A figura 05 apresenta a estrutura do Guia.

Figura 3 - Estrutura do PTT

Estrutura do Guia para o Ensino de Ginástica



Fonte: Gerado pela autora utilizando a ferramenta ChatGPT, 2025

4.2 Acesso e Divulgação do PTT

Para garantir que o Guia chegue com fácil acesso e interatividade aos professores, ele foi desenvolvido com as seguintes especificações:

- **Formato:** Digital, acessível em PDF
- **Design:** Interface intuitiva e de fácil navegabilidade, como elementos visuais atrativos.
- **Interatividade:** Inclusão de vídeos demonstrativos (links já disponíveis na internet e de acesso público).
- **Acessibilidade:** Conteúdo adaptado para leitura em diferentes dispositivos, facilitando o acesso e garantindo ampla usabilidade.

O Guia com diretrizes práticas e políticas para o ensino de ginástica, objetivou facilitar o ensino de ginástica nas escolas, promovendo uma abordagem integradora e acessível para os professores transformando-a em uma prática acessível, significativa e regular nas aulas de Educação Física.

5 O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: reflexões a partir da rede estadual de Teresina/PI

“Compreender a prática é o primeiro passo para transformá-la.”

Sacristán

Iniciaremos agora uma reflexão sobre o ensino de ginástica nas aulas de Educação Física da rede estadual de Teresina/PI, tendo como base as informações obtidas junto aos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental participantes da pesquisa. A partir das percepções e experiências relatadas, busca-se compreender como esse conteúdo vem sendo abordado no contexto escolar, considerando aspectos relacionados às práticas pedagógicas, às condições de trabalho e à formação docente. Ao discutir esses elementos, procura-se, evidenciar desafios e possibilidades que atravessam o ensino da ginástica, contribuindo para a análise crítica da realidade investigada e para o fortalecimento de propostas pedagógicas alinhadas às demandas da Educação Física escolar.

Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, adotaram-se procedimentos sistemáticos de confidencialidade e anonimato ao longo de toda a pesquisa. Não foram registrados nem divulgados nomes ou informações que possibilitassem a identificação pessoal dos docentes, sendo atribuídos códigos alfanuméricos para a identificação dos respondentes (como P1, P2, P3, entre outros). As informações obtidas foram destinadas exclusivamente a finalidades acadêmicas e científicas, respeitando os preceitos éticos vigentes e atendendo às diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

5.1 Os participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa 17 professores efetivos da rede estadual de ensino de Teresina/PI, atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental. Inicialmente, realizou-se a análise do perfil desses docentes, com o objetivo de caracterizá-los quanto aos aspectos de gênero, etapa da Educação Básica em que atuam, formação inicial, formação acadêmica e carga horária semanal dedicada à rede estadual de ensino. A Tabela 1 apresenta a sistematização desses dados.

Tabela 1 - Perfil dos professores de Educação Física participantes do estudo sobre o ensino da ginástica, Teresina/2026

Variável	Categoria	n	%
Gênero	Masculino	8	47,1
	Feminino	9	52,9
Etapas de atuação	Ensino Fundamental	3	17,6
	Ensino Fundamental e Médio	14	82,4
Formação inicial	Licenciatura em Educação Física	17	100
Formação acadêmica	Graduação	3	17,6
	Especialização	13	76,4
	Mestrado	0	0
	Doutorado	1	6
Carga horária semanal	Até 20h	6	35,2
	21 a 40h	10	58,8
	Acima de 40h	1	6

Fonte: dados da pesquisa (2025)

Os resultados indicam que a maioria dos professores participantes da pesquisa é do gênero feminino e que atuam tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Em relação à formação inicial e acadêmica, todos os docentes possuem Licenciatura em Educação Física, sendo que uma parcela significativa apresenta especialização lato sensu como maior nível de titulação. Observa-se também que, quanto ao vínculo com a rede estadual, predomina o grupo de professores com carga horária semanal concentrada entre 21 e 40 horas.

Esses dados sugerem que a formação acadêmica dos professores é consistente com os requisitos para o ensino da ginástica, embora a predominância do nível de especialização lato sensu indique oportunidades para aprofundamento teórico e pedagógico. Além disso, a concentração da carga horária entre 21 e 40 horas semanais pode influenciar a disponibilidade dos docentes para planejamento e desenvolvimento de atividades que promovam um ensino mais integral da ginástica nas aulas de Educação Física.

Além da caracterização dos professores, a apresentação do perfil dos pesquisadores se faz necessária para garantir a transparência e o rigor metodológico da pesquisa, uma vez que possibilita compreender o contexto em que os dados foram produzidos e reconhecer que o pesquisador atua como parte integrante do processo investigativo. Conforme destaca Minayo (2014), especialmente nas pesquisas de campo, a trajetória, a formação e a inserção do pesquisador no contexto estudado podem influenciar a coleta, a interpretação e a análise dos dados, tornando imprescindível a explicitação dessas informações.

5.2 Formação inicial e continuada para o ensino de ginástica

Investigou-se, junto aos professores participantes, se durante a formação inicial haviam cursado disciplinas específicas sobre ginástica. Adicionalmente, questionou-se se, após a formação inicial, participaram de cursos de formação continuada relacionados à Educação Física e, dentre esses, quais abordavam especificamente o ensino da ginástica (resultados disponíveis na Tabela 2). Essa investigação é relevante para compreender a relação estabelecida pelos docentes com o conteúdo de ginástica ao longo de sua formação inicial e continuada.

A análise dessa relação permite verificar em que medida os conhecimentos sobre ginástica foram apropriados durante o processo formativo e posteriormente ressignificados na prática docente. Conforme Tardif (2014), os saberes docentes são construídos de forma progressiva, articulando conhecimentos provenientes da formação acadêmica e da experiência profissional. Dessa forma, compreender como a ginástica é assimilada e mobilizada pelos professores no cotidiano da Educação Física escolar é fundamental para avaliar a efetividade da formação docente nesse componente curricular.

A formação de professores em Educação Física constitui um componente essencial para o desenvolvimento de competências técnico-pedagógicas que possibilitem a abordagem de conteúdos curriculares, como a ginástica. Conforme destacam Castro, Silva e Cruz (2025), a formação inicial muitas vezes não contempla de forma adequada a diversidade de saberes necessários para a prática docente, refletindo-se em lacunas na atuação profissional. Neste contexto, o reconhecimento da necessidade de formação contínua é um passo fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais qualificadas e reflexivas, uma vez que a formação continuada deve ser pensada como processo permanente de desenvolvimento profissional (Azevedo *et al.*, 2024).

Investigou-se, ainda, se os professores tinham conhecimento sobre cursos ou práticas formativas ofertadas pela rede estadual de ensino do Piauí que pudessem auxiliar sua prática docente. Tal questionamento é relevante, pois evidencia a importância de políticas públicas de formação para a melhoria da prática pedagógica. Quando bem estruturadas e contínuas, essas iniciativas podem contribuir significativamente para a qualidade do ensino, promovendo a articulação entre a formação inicial, a formação continuada e a prática docente (Peres Lessi *et al.*, 2025).

Os resultados apresentados na Tabela 2 sintetizam como a ginástica é abordada na formação inicial e continuada dos professores investigados, bem como a oferta de cursos e práticas formativas disponibilizados pela rede estadual de ensino do Piauí.

Tabela 2 - Formação inicial e continuada dos professores pesquisados

VARIÁVEL	Categoria	n	%
Disciplina de ginástica na graduação	SIM	15	88,2
	NÃO	2	11,8
Participação em formações continuadas	SIM	10	58,8
	NÃO	7	41,2
Formação continuada específica em ginástica	SIM	0	0,0
	NÃO	17	100,0
Oferta de formação pela rede estadual	SIM	2	11,7
	NÃO	15	88,3
Necessidade de mais formação sobre ginástica	SIM	17	100
	NÃO	0	0

Fonte: dados da pesquisa (2025)

A análise dos resultados indica que a maioria dos professores participantes (88,2%) afirmou ter cursado disciplinas relacionadas à ginástica durante a formação inicial, evidenciando que esse conteúdo esteve presente, ao menos formalmente, nos currículos de graduação em Educação Física. Entretanto, a inclusão da ginástica na formação inicial não garante, necessariamente, segurança pedagógica para seu ensino no contexto escolar. Conforme apontam Betti e Zuliani (2002) e Darido (2012), essa etapa formativa frequentemente apresenta caráter introdutório e pouco articulado às demandas concretas do cotidiano docente, o que pode limitar a apropriação efetiva dos conhecimentos e sua aplicação prática em sala de aula.

No que se refere à formação continuada, verificou-se que 58,8% dos professores relataram participar de ações formativas de modo geral. Entretanto, nenhum dos docentes investigados havia participado de formações continuadas específicas voltadas ao ensino da ginástica, evidenciando uma lacuna significativa na qualificação profissional para esse conteúdo. Esse resultado é preocupante e corrobora estudos que apontam que a ginástica, embora reconhecida como conteúdo curricular da Educação Física escolar, frequentemente ocupa um espaço secundário tanto nas práticas pedagógicas quanto nas ações formativas destinadas aos professores, contribuindo para sua relativa invisibilidade no contexto da Educação Física escolar (Ayoub, 2003; Soares *et al.*, 2014).

Por outro lado, a totalidade dos professores participantes (100%) reconheceu a necessidade de maior formação voltada ao ensino da ginástica, evidenciando uma postura reflexiva em relação à própria prática e a compreensão de que o domínio desse conteúdo exige aprofundamento teórico-prático contínuo. Segundo Kunz (2010), o reconhecimento das próprias limitações formativas constitui um elemento essencial para o desenvolvimento

profissional docente, pois estimula a reflexão crítica e a busca por novas estratégias pedagógicas.

No contexto específico da ginástica, modalidade historicamente marcada por abordagens tecnicistas e, frequentemente, distantes da realidade escolar, a ausência de oportunidades formativas específicas tende a reforçar inseguranças pedagógicas, comprometendo o planejamento e a efetiva implementação desse conteúdo nas aulas de Educação Física (Ayoub, 2003; Darido, 2012).

No que se refere à oferta de ações formativas pela rede estadual, os dados revelam um cenário preocupante: 15 dos 17 professores relataram não existir formação específica que auxilie sua prática profissional no ensino da ginástica. Esse resultado evidencia a fragilidade das políticas institucionais de formação continuada, demonstrando um descompasso entre as demandas pedagógicas dos docentes e as ações efetivamente promovidas pela rede estadual de ensino do Piauí. Conforme ressalta Imbernón (2011), a formação continuada cumpre seu papel apenas quando vinculada às necessidades reais do contexto escolar, sendo construída a partir das dificuldades concretas enfrentadas pelos professores.

Dessa forma, a demanda identificada pelos participantes quanto à oferta de práticas formativas evidencia a necessidade de políticas de formação que considerem as particularidades do contexto escolar e valorizem estratégias pedagógicas acessíveis, reflexivas e alinhadas aos documentos curriculares. Tais iniciativas podem contribuir significativamente para a ampliação e qualificação do ensino da ginástica na Educação Física escolar, promovendo a articulação entre formação inicial, continuada e prática docente.

5.3 Conhecimento curricular e segurança pedagógica para o ensino de ginástica

A compreensão do currículo e o domínio pedagógico dos conteúdos constituem elementos centrais para a efetivação da Educação Física escolar, especialmente no que se refere a conteúdos historicamente menos consolidados na prática docente, como a ginástica. Embora documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo do Piauí, reconheçam a ginástica como conteúdo integrante da Educação Física no Ensino Fundamental, sua materialização nas aulas depende diretamente do conhecimento que o professor possui sobre essas orientações e da segurança pedagógica para traduzi-las em práticas educativas significativas (Darido, 2012; Brasil, 2018).

Conforme apontam Betti e Zuliani (2002), a distância entre o currículo prescrito e o currículo efetivamente praticado nas escolas revela não apenas questões individuais, mas também fragilidades nos processos formativos e institucionais que sustentam a ação docente.

Nesse contexto, a análise deste eixo busca compreender como os professores participantes percebem seu conhecimento sobre o currículo, a relação que estabelecem com os documentos oficiais para o ensino da ginástica na rede estadual do Piauí e o nível de domínio declarado sobre esse conteúdo.

Ao discutir os dados referentes a este eixo, pretende-se evidenciar em que medida o conhecimento curricular e a segurança pedagógica dos professores influenciam a presença e a qualidade do ensino da ginástica nas aulas de Educação Física. Os resultados disponíveis na Tabela 3 apresenta as informações coletadas acerca dessas variáveis.

Tabela 3 - Conhecimento curricular e segurança pedagógica para o ensino da ginástica

Variável	Categoria	n	%
Conhecimento da obrigatoriedade da ginástica no currículo	SIM	17	100,0
	NÃO	0	0,0
Relação das aulas de ginástica com documentos oficiais	SEMPRE	9	52,9
	ÀS VEZES	7	41,2
	NUNCA	1	5,9
Autoavaliação do domínio do conteúdo de ginástica	DOMINO	3	17,6
	BASTANTE		
	CONHEÇO	10	58,8
	RAZOAVELMENTE		
Uso de guias, manuais ou diretrizes para o ensino da ginástica	POUCO DOMÍNIO	4	23,5
	SIM	9	52,9
	NÃO	8	47,1

Fonte: dados da pesquisa (2025)

A análise dos dados relativos ao conhecimento curricular e à segurança pedagógica dos professores em relação ao ensino da ginástica revela aspectos relevantes sobre a forma como esse conteúdo é percebido e trabalhado no cotidiano escolar. Observa-se que todos os professores reconhecem a obrigatoriedade da ginástica no currículo, indicando uma compreensão formal sobre sua presença na Educação Física. No entanto, os dados também evidenciam que, apesar desse reconhecimento, o ensino da ginástica ainda permanece relativamente invisível, em grande parte devido ao domínio técnico-pedagógico limitado dos docentes para essa prática. O reconhecimento da obrigatoriedade da ginástica no currículo está alinhado à BNCC, que inclui esse conteúdo como parte integrante das aprendizagens a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica (Brasil, 2017).

Ao considerar a relação entre as aulas de ginástica e os documentos oficiais como a BNCC, o Currículo do Piauí e os Projetos Pedagógicos (PP) das escolas observa-se que a maioria dos professores afirma sempre fundamentar suas práticas nesses referenciais. No entanto, parte dos docentes o faz apenas ocasionalmente ou não recorre a eles, evidenciando diferentes níveis de apropriação e uso efetivo dos documentos curriculares na prática docente. Esses achados corroboram com estudos que indicam que a simples existência de diretrizes não garante sua adequada implementação em sala de aula, uma vez que sua aplicação depende de mediações pedagógico-formativas (Libâneo, 2013; Tardif, 2014).

No que se refere à autoavaliação sobre o domínio do conteúdo de ginástica, observou-se que muitos professores se consideram moderadamente preparados para o ensino dessa modalidade. Esses achados evidenciam que a formação inicial e continuada ainda é insuficiente para garantir pleno desenvolvimento de práticas pedagógicas nesse conteúdo. Essa realidade reforça a ideia de que a segurança no manejo dos conteúdos está diretamente relacionada à profundidade e à qualidade das experiências formativas vivenciadas pelo docente ao longo de sua trajetória profissional (Konder; Perrenoud, 2019; Imbernón, 2011).

Em relação ao uso de guias, manuais ou diretrizes específicas para o ensino da ginástica, observa-se que parte dos docentes recorre a esses recursos, enquanto outros não os utilizam. Essa divisão indica que, embora existam documentos oficiais que orientem o ensino da ginástica, sua adoção não ocorre de forma consensual ou sistemática entre os professores. Conforme destacam Darido (2012) e Azevedo *et al.* (2020), a disponibilização de documentos orientadores como planejamentos, sequências didáticas e manuais constitui um facilitador importante para a prática docente, especialmente em conteúdos nos quais os professores percebem limitações em seu domínio.

Ainda sob essa ótica pode-se concluir que há uma divergência de ensino dos conteúdos da Educação Física escolar por parte dos professores quanto a definição dos conteúdos a serem ensinados ao longo da escolarização, o que resulta em uma prática pedagógica marcada pela autonomia individual, na qual a seleção dos conteúdos fica, em grande medida, a critério do docente. Tal situação se mantém mesmo diante da existência de documentos oficiais, diretrizes curriculares e orientações normativas que estabelecem referenciais para o ensino da Educação Física, sugerindo um distanciamento entre as prescrições curriculares e a efetivação dessas orientações na prática pedagógica.

Em síntese, os dados indicam que, embora os professores saibam que a ginástica é componente curricular obrigatório e tenham conhecimento sobre documentos oficiais e diretrizes nacionais que orientem sua prática docente para tal modalidade, existe variação

quanto à utilização sistemática dos documentos oficiais na organização das aulas, e há uma percepção de domínio limitado ou intermediário sobre o conteúdo da ginástica. Essa combinação de fatores, como o conhecimento apenas formal do currículo, uso irregular de diretrizes e autoavaliação de domínio moderado apontam que a transposição do currículo para a prática efetiva ainda enfrenta desafios significativos, mantendo o que traz a literatura, que a ginástica ocupa um lugar secundário ou invisível dentro da Educação Física escolar.

5.4 A prática pedagógica da ginástica nas aulas de Educação Física

A prática pedagógica pode ser compreendida como o conjunto de ações intencionais, sistematizadas e contextualizadas que o professor desenvolve no processo de ensino e aprendizagem, mediadas por saberes teóricos, experiências profissionais, valores e condições institucionais. Trata-se de uma prática socialmente situada, que não se restringe à aplicação de métodos ou técnicas, mas envolve decisões didáticas, escolhas curriculares e formas de mediação do conhecimento, influenciadas tanto pelos documentos oficiais quanto pela trajetória formativa e pelas concepções do docente (Libâneo, 2013).

No âmbito da Educação Física escolar, a prática pedagógica assume especificidades relacionadas à natureza dos conhecimentos corporais, culturais e sociais que compõem esse componente curricular. Ancorada na compreensão de prática pedagógica como uma ação intencional, contextualizada e mediada por saberes docentes (Libâneo, 2013). A prática pedagógica em Educação Física envolve a organização, a seleção e a sistematização dos conteúdos da cultura corporal de movimento, tais como jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas, de modo a promover aprendizagens significativas e críticas. Nessa perspectiva, a atuação docente ultrapassa a mera execução de atividades práticas, configurando-se como um processo reflexivo, no qual o professor mobiliza conhecimentos teóricos, experiências profissionais e orientações curriculares para fundamentar suas decisões pedagógicas (Tardif, 2014).

Brach (2019) e, Bethi e Zuliani (2002), destacam que a prática pedagógica na Educação Física deve estar comprometida com a formação integral dos estudantes, articulando dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais dos conteúdos, bem como com os princípios expressos nos documentos curriculares oficiais. Dessa forma, a prática pedagógica em Educação Física configura-se como uma prática social e educativa que exige intencionalidade pedagógica, coerência curricular e reflexão crítica sobre o papel da disciplina na escola. No olhar para a ginástica, compreender como os professores organizam e

desenvolvem suas aulas torna-se fundamental para analisar sua efetiva inserção no currículo (Ayoub, 2003; Soares *et al.*, 2014).

Nesse sentido, este eixo tem como objetivo analisar como a ginástica é trabalhada nas aulas de Educação Física a partir das escolhas pedagógicas dos professores participantes, considerando aspectos como oferta real da ginástica no planejamento do professor, a frequência de oferta do conteúdo, a natureza das aulas (teóricas e/ou práticas), as metodologias utilizadas, as modalidades de ginástica abordadas e a receptividade dos alunos.

Assim, ao discutir os dados referentes a este eixo, busca-se evidenciar de que maneira os professores têm operacionalizado o ensino da ginástica no contexto escolar, bem como identificar limites e possibilidades presentes na prática pedagógica. Tal análise permite compreender não apenas o que é ensinado, mas como e em que condições a ginástica se concretiza nas aulas de Educação Física, contribuindo para uma leitura mais ampla sobre os desafios e as potencialidades desse conteúdo no ambiente escolar.

A discussão sobre a prática pedagógica dos professores no ensino da ginástica inicia-se a partir da seguinte indagação: *Você costuma ministrar o conteúdo de ginástica em suas aulas?* Esse questionamento torna-se particularmente revelador quando confrontado com outro dado previamente obtidos: todos os docentes reconhecem que a ginástica é um conteúdo obrigatório no currículo da rede estadual para o Ensino Fundamental. Tal contraste evidencia uma tensão entre o conhecimento formal do currículo e a efetiva implementação desse conteúdo na prática docente

Diante desse reconhecimento unânime, seria esperado que o ensino da ginástica estivesse efetivamente incorporado às aulas de Educação Física de forma sistemática e consistente. No entanto, os resultados da pesquisa indicam que essa expectativa não se confirma na prática pedagógica, evidenciando um distanciamento entre o conhecimento das prescrições curriculares e sua efetiva implementação no contexto escolar. É a partir dessa constatação que se inicia a análise central deste estudo, cujo objetivo é compreender como o ensino da ginástica se realiza nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental na rede estadual do município de Teresina/PI.

A Tabela 4 apresenta as variáveis utilizadas para analisar a prática pedagógica dos professores no ensino da ginástica e compreender como esse conteúdo se desenvolve nas escolas da rede estadual de ensino em Teresina/PI.

Tabela 4 - Prática pedagógica da ginástica nas aulas de Educação Física

Variável	Categoria	n	%
Oferta do conteúdo ginástica nas aulas	SIM	13	76,5
	NÃO	4	23,5
Natureza das aulas de ginástica (n = 13)	Teóricas	8	61,5
	Práticas	1	7,7
	Teóricas e práticas	4	30,8
	Aulas expositivas/teóricas	3	23,1
	Exercícios práticos adaptados	4	30,8
Metodologias utilizadas*	Jogos e atividades lúdicas	7	53,8
	Trabalhos em grupo/coreografias	2	15,4
	Circuitos de exercícios	3	23,1
	Ginástica Artística	5	29,4
Modalidades de ginástica abordadas*	Ginástica Rítmica	5	29,4
	Ginástica para todos	6	35,3
	Não ministra modalidades específicas	6	47,1
	Muito interesse	0	0,0
Receptividade dos alunos*	Interesse moderado	8	47,1
	Pouco Interesse	9	52,9
	Nenhum Interesse	0	0,0

Nota: * múltipla escolha

Fonte: dados da pesquisa (2025)

Os dados permitem analisar como a ginástica tem sido efetivamente desenvolvida nas aulas de Educação Física, evidenciando tanto possibilidades pedagógicas quanto limites na prática docente. Observa-se que a maioria dos professores afirma ministrar o conteúdo, indicando que, apesar das dificuldades apontadas nos eixos anteriores, a ginástica não está completamente ausente do cotidiano escolar. Entretanto, um grupo de docentes ainda não desenvolve esse conteúdo, o que evidencia que seu ensino ocorre de forma parcial e não sistematizada, reforçando sua secundarização em relação aos demais conteúdos da Educação Física escolar. Esse contraste entre o reconhecimento da obrigatoriedade curricular e a prática efetiva revela a distância existente entre o que é prescrito e o que se concretiza na realidade pedagógica.

Entre os professores que afirmaram ministrar ginástica em suas aulas, observa-se que esse ensino se concentra predominantemente no campo teórico da modalidade. A prevalência de abordagens teóricas em detrimento de experiências corporais práticas evidencia um esvaziamento do potencial educativo da ginástica enquanto prática corporal, limitando sua contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes. Conforme destacam Soares et al. (2014), reduzir os conteúdos corporais à dimensão discursiva contribui para sua descaracterização pedagógica e reforça sua marginalização no currículo escolar. Darido (2012)

e Ayoub (2003), também apontam que, quando trabalhada apenas teoricamente, a ginástica perde grande parte de seu potencial educativo relacionado à experimentação corporal, à criatividade e à ampliação do repertório motor dos alunos.

Ao articular a análise das metodologias utilizadas para o ensino de ginástica com as modalidades mais abordadas pelos professores, observa-se que as práticas pedagógicas privilegiadas incluem jogos, atividades lúdicas e exercícios práticos adaptados. Essa escolha evidencia uma orientação por abordagens mais flexíveis e acessíveis, compatíveis com o nível de domínio do conteúdo declarado pelos docentes. Essa preferência metodológica se relaciona diretamente com a predominância da Ginástica para Todos (GPT) entre as modalidades trabalhadas, sendo os circuitos de exercícios uma das estratégias mais recorrentes, reforçando a GPT como a modalidade de ginástica mais explorada nas aulas de Educação Física.

Conforme aponta Ayoub (2003), essa abordagem da ginástica se caracteriza pelo caráter inclusivo, pela possibilidade de adaptação dos movimentos e pela valorização da participação coletiva, tornando-se especialmente adequada ao ambiente escolar. No entanto, a adoção quase exclusiva dessa modalidade pode, paradoxalmente, contribuir para o apagamento das demais manifestações da ginástica, limitando o acesso dos alunos à diversidade desse campo de conhecimento. Além disso, no nosso estudo, uma parcela significativa dos professores afirma não ministrar modalidades específicas, indicando que a ginástica muitas vezes é trabalhada de forma mais geral, sem aprofundamento em suas diferentes modalidades de ginástica.

No que se refere à receptividade dos alunos, os dados indicam que o interesse pelas aulas de ginástica é, em geral, moderado ou baixo. Esse padrão pode estar relacionado à forma como o conteúdo é apresentado, ou seja, predominantemente teórico, às condições de ensino e à ausência de experiências práticas mais significativas, conforme apontado pelos próprios professores. Kunz (2010), destaca que a motivação dos alunos está diretamente vinculada ao sentido atribuído às práticas corporais e à maneira como estas são vivenciadas no ambiente escolar, reforçando a importância de abordagens pedagógicas que promovam a participação ativa e a contextualização dos conteúdos.

A análise evidencia que a invisibilidade da ginástica na escola não decorre apenas da ausência do conteúdo, mas, sobretudo, de sua presença fragilizada, pouco aprofundada e pedagogicamente secundarizada. Esse cenário aponta para a necessidade de repensar o lugar da ginástica no currículo da Educação Física escolar.

5.5 Condições materiais e estruturais para o ensino da ginástica

Esse eixo tem como objetivo analisar as condições materiais e estruturais para o ensino de ginástica nas escolas, relatadas pelos professores participantes da pesquisa, buscando identificar de que maneira esses fatores influenciam o planejamento, a execução e a continuidade do ensino da ginástica nas aulas de Educação Física da rede estadual de ensino em Teresina/PI. Iniciaremos uma discussão acerca das condições que se apresentam aos professores para esse ensino, analisadas sob dois aspectos: materiais para o ensino de ginástica na escola e infraestrutura para esse ensino.

De acordo com Betti e Zuliani (2002), a prática pedagógica em Educação Física é permeada por fatores que vão além da intencionalidade do professor, demandando uma análise ampliada das condições reais de ensino. No caso da ginástica, conteúdo historicamente associado a exigências técnicas e a recursos materiais específicos, essas condicionantes assumem um papel ainda mais relevante na organização e execução das aulas.

Para esse eixo, foi feito aos professores, três perguntas: *a escola possui material adequado para o ensino de ginástica? Se sim, quais? A infraestrutura da sua escola é adequada para a prática de ginástica? Se não, por quê? Quando não há materiais e/ou infraestrutura, você adapta suas aulas? Se sim, como?* Quando questionados sobre a existência de material adequado para o ensino da ginástica, os 17 professores participantes responderam de forma unânime que não havia recursos apropriados para a realização das práticas dessa modalidade. Essa informação foi confirmada pela pesquisadora, que, ao solicitar acesso ao depósito de materiais das escolas, constatou a ausência de equipamentos adequados em todas as instituições visitadas. A situação é ilustrada na Figura 06, obtida na única escola que autorizou a captura de imagens do local onde os materiais para as aulas de Educação Física são armazenados.

Figura 4 - Depósito de materiais para aulas de Educação Física



Fonte: Acervo pessoal (2025)

A ausência de materiais específicos para o ensino da ginástica compromete não apenas as possibilidades de vivência corporal, mas também a efetivação de práticas pedagógicas significativas. Conforme argumentam Tahara, Darido e Bahia (2017, p. 368), “os materiais didáticos são instrumentos que podem auxiliar o professor no processo de ensino e os alunos na aprendizagem sobre os conteúdos curriculares, favorecendo a concretização das práticas corporais e a efetivação das experiências pedagógicas na Educação Física escolar.”

Uma alternativa para a ausência de materiais oficiais para a prática da ginástica é a utilização de materiais alternativos e/ou adaptados, como bambolês, bolas de látex, cones, fitas. Observando a imagem acima, podemos ver alguns materiais que podem ser utilizados de forma adaptada para o ensino de ginástica e essa alternativa também é destacada pelos professores pesquisados que afirmaram ministrar aulas práticas de ginástica.

Dos 13 professores que afirmaram ministrar o conteúdo de ginástica em suas aulas, apenas cinco relataram realizar atividades práticas com adaptações de materiais e/ou da infraestrutura para viabilizar sua aplicação. Essa situação evidencia o esforço de alguns docentes em inserir conhecimentos práticos da modalidade no contexto escolar, ainda que de forma limitada. Embora esse empenho seja relevante, ele se mostra insuficiente para a consolidação da ginástica como conteúdo efetivo da Educação Física, uma vez que, entre os 17 professores investigados, apenas uma parcela reduzida consegue articular de maneira consistente os aspectos teóricos e práticos do ensino da ginástica, sobretudo devido às limitações estruturais e à falta de materiais adequados.

Essa realidade sugere que, quando o ensino da ginástica ocorre, ele se dá de maneira fragmentada e superficial, frequentemente limitado ao campo teórico, o que prejudica a apropriação dos saberes práticos pelos alunos. Soma-se a isso a ausência frequente de materiais tradicionais e específicos da ginástica nas escolas, levando os professores a recorrerem a recursos improvisados ou alternativas lúdicas para viabilizar as atividades gmnicas. Esse cenário pode comprometer a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando não há planejamento adequado e apoio institucional (Betti, 1999; Ayoub, 2007). Nesse contexto, Ayoub (2007) e Murbach *et al.* (2023), destacam que, diante da falta de equipamentos e da pouca sistematização metodológica, muitos docentes acabam adotando uma abordagem reduzida ou simbólica da ginástica, mantendo sua presença apenas de forma acessória nas aulas.

Quando perguntados de que forma eles adaptavam os materiais e/ou infraestrutura, as respostas foram diversas:

P1: Materiais alternativos

P2: Esvazio alguma sala para isso

P3: Utilizo materiais como fita, corda, bambolês, bola

P4: Para a ginástica de maneira geral, temos espaços, entretanto o material é adaptado. Para a ginástica do tipo competitiva, não temos um espaço adequado com amortecimento para movimentos de impacto. Utilizo materiais criados para outros fins, como cabos de vassoura, garrafas PETs, EVA, bem como adaptando os movimentos.

P5: Bastões, toalhas, cordas

É importante destacar que a adaptação, embora necessária em contextos adversos, não deve ser confundida com solução pedagógica definitiva. Quando a ginástica é sistematicamente ensinada sem materiais adequados e em espaços impróprios e/ou improvisados, corre-se o risco de reduzir esse conteúdo a vivências superficiais, desprovidas de aprofundamento técnico e crítico. Essa condição contribui para a manutenção de sua invisibilidade, não apenas pela ausência de recursos, mas pela limitação das experiências corporais oferecidas aos alunos, o que impacta diretamente sua percepção e valorização do conteúdo.

Embora os professores indiquem que a infraestrutura escolar seja inadequada para o ensino da ginástica, observa-se que todas as escolas possuem quadras cobertas. Esse achado revela não apenas uma percepção docente limitada quanto à utilização desses espaços, mas também a oportunidade de repensar a organização e o aproveitamento da infraestrutura existente para práticas corporais diversificadas. Segundo Soares *et al.* (2014), a hierarquização curricular e a concepção histórica da quadra como espaço destinado prioritariamente a esportes coletivos contribuem para a marginalização de modalidades como a ginástica. No entanto, autores como Darido (2012) e Ayoub (2003,) destacam que a ginástica escolar pode ser adaptada a diferentes espaços e materiais, desde que haja planejamento pedagógico consistente e estratégias de ensino que contemplem a segurança e a exploração motora dos alunos.

A quadra coberta, embora tradicionalmente associada a esportes coletivos, pode oferecer condições adequadas para o desenvolvimento das diferentes modalidades de ginástica, como a aeróbica, rítmica, ginástica para todos, que não demandam equipamentos específicos ou grandes estruturas (Kunz, 2010; Murbach *et al.*, 2023). Dessa forma, a percepção de inadequação da infraestrutura não deve ser interpretada como um impedimento absoluto, mas como um desafio pedagógico que requer criatividade e adaptação por parte dos professores. A utilização estratégica da quadra coberta pode ampliar as possibilidades de práticas corporais, favorecendo a concretização da ginástica no currículo escolar e contribuindo para a promoção

do desenvolvimento integral dos estudantes.

Assim, os dados analisados permitem afirmar que, entre a minoria de professores que se propõem a ministrar um ensino teórico-prático da ginástica, sua invisibilidade na escola resulta de uma combinação de fatores estruturais e de recursos materiais, os quais limitam a efetiva incorporação desse conteúdo no currículo da Educação Física.

5.6 Desafios enfrentados pelos professores no ensino da ginástica

Para compreender os principais desafios enfrentados pelos professores no ensino da ginástica, foi realizada uma pergunta aberta e direta: *“Quais são os principais desafios que você enfrenta ao ensinar ginástica?”* Para a análise das respostas, adotou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), que envolveu três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esse procedimento possibilitou identificar os núcleos de sentido recorrentes nas falas dos participantes, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dificuldades apontadas pelos docentes em relação à prática pedagógica da ginástica.

Na fase de pré-análise, realizou-se uma leitura flutuante das respostas, com o objetivo de apreender os significados gerais expressos pelos professores. Posteriormente, na etapa de exploração do material, as respostas foram codificadas e agrupadas com base na recorrência de ideias semelhantes, permitindo a construção de categorias temáticas. Por fim, os resultados foram interpretados à luz do referencial teórico da Educação Física escolar, buscando compreender os desafios apontados não apenas sob a perspectiva individual, mas também considerando seu contexto estrutural e institucional.

A partir desse processo, emergiram três categorias principais: (1) desafios estruturais e materiais, (2) desafios formativos e pedagógicos e (3) desafios institucionais e organizacionais. A categoria desafios estruturais e materiais foi a mais recorrente nas respostas analisadas. Os professores destacaram, de forma consistente, a ausência de materiais específicos e a inadequação dos espaços como obstáculos significativos para o efetivo ensino da ginástica nas escolas, evidenciando que limitações físicas e de recursos comprometem a prática pedagógica dessa modalidade.

P1: [...] falta de material adequado [...].

P2: infraestrutura. Ambiente inadequado, com materiais inadequados para os diversos estilos de ginástica e, ainda, material teórico.

P3: falta de material específico e infraestrutura.

P4: falta de local e material apropriado.

P5: [...] infraestrutura inexistente [...].

P6: [...] falta de material e infraestrutura adequada

P7: [...] falta de estrutura física e materiais específicos.

As falas dos professores indicam que a ausência de materiais específicos e a inadequação dos espaços compromete não apenas a realização das aulas práticas, mas também a segurança, a organização pedagógica e a intencionalidade do ensino da ginástica. Conforme destacam Tahara, Darido e Bahia (2017), os materiais didáticos desempenham papel essencial no processo de ensino-aprendizagem da Educação Física escolar, ao viabilizar a concretização das práticas corporais e mediar os conteúdos pedagógicos. No caso da ginástica, a falta desses recursos limita as possibilidades de exploração do movimento, levando os docentes a adotar abordagens predominantemente teóricas ou práticas simplificadas, o que reforça a secundarização da ginástica como conteúdo na Educação Física escolar.

A categoria desafios formativos e pedagógicos refere-se à insegurança dos professores quanto ao domínio do conteúdo e à condução das aulas de ginástica. As respostas indicam que essa insegurança está associada ao pouco domínio do conteúdo, pois a maioria ainda mantém o que foi aprendido na formação inicial e, à ausência de formações continuadas específicas.

P1: o maior desafio é a parte técnica que não foi adquirida pelo professor.

P2: [...] pouco conhecimento sobre a modalidade [...].

P3: falta de aptidão para o ensino da modalidade e também por não ser minha área de domínio. Mas o básico é repassado aos alunos para terem o conhecimento.

P4: [...] cursos voltados para essa prática [...].

P5: falta de formações [...].

As falas dos professores evidenciam que as dificuldades enfrentadas para o ensino da ginástica não se restringem às condições materiais, mas também aos processos de formação inicial e continuada, que implicam diretamente nas escolhas pedagógicas realizadas durante a sua prática. Esses relatos dialogam diretamente com os dados anteriormente apresentados, que indicam a ausência de formações continuadas específicas em ginástica e a percepção unânime dos professores quanto à necessidade de maior aprofundamento nesse conteúdo. Tal cenário implica que a formação inicial, embora tenha contemplado a ginástica para parte significativa

dos docentes, não tem sido suficiente para garantir segurança pedagógica e autonomia profissional no ensino da ginástica.

Essa ausência de formações continuada e específicas para o ensino de ginástica é explicada por Darido e Rangel (2015), quando afirmam que a formação inicial em Educação Física tende a privilegiar abordagens generalistas, o que, muitas vezes, resulta em um tratamento superficial de determinados conteúdos da cultura corporal, entre eles a ginástica. Essa deficiência em conhecimento próprio da modalidade leva o professor a enfrentar dificuldades para transformar o conhecimento acadêmico em práticas pedagógicas contextualizadas, o que leva a entender uma maioria de professores que optam por ministrar aulas teóricas em detrimento das práticas.

Nesse sentido, conforme aponta Kunz (2010), quando o professor não se sente seguro em relação ao conteúdo, ele tende a limitar suas possibilidades pedagógicas, o que empobrece a experiência educativa e compromete o potencial emancipatório da Educação Física.

Outro aspecto relevante refere-se à ausência de políticas de formação continuada proporcionadas pela rede estadual de ensino do Piauí. Para Nóvoa (2009), o desenvolvimento profissional docente deve ser entendido como um processo contínuo, coletivo e contextualizado, articulado às demandas reais da prática pedagógica. A inexistência de ações formativas proporcionadas pela rede estadual de ensino do Piauí, tanto para Educação Física quanto específicas em ginástica, apontada pelos professores, revela um distanciamento entre as políticas de formação e as necessidades concretas do ensino, o que contribui para a perpetuação das dificuldades relatadas.

Os resultados desta pesquisa indicam que os professores percebem uma ausência de incentivos institucionais claros para o ensino da ginástica, o que contribui para a secundarização dessa modalidade no cotidiano escolar. A percepção de falta de apoio, combinada com a escassez de materiais e infraestrutura adequados, reforça a invisibilidade da ginástica, mesmo sendo reconhecida como conteúdo obrigatório no currículo da Educação Física.

Entretanto, a análise do contexto esportivo do Piauí mostra que existem oportunidades externas que poderiam potencializar a prática da ginástica entre estudantes. Os Jogos Escolares Piauienses (JEPI's), por exemplo, incluem modalidades de ginástica artística e rítmica, permitindo que estudantes de escolas públicas e privadas participem de competições, desenvolvam habilidades motoras, experimentem situações de desempenho coletivo e vivenciem a ginástica em um contexto competitivo estadual. Além disso, festivais promovidos

pela Federação de Ginástica do Piauí têm contado com a participação de alunos de escolas públicas municipais em diversas edições, criando espaços de expressão corporal, socialização e valorização da ginástica como prática cultural e educativa.

Esses eventos externos demonstram que a ginástica possui uma presença efetiva fora do currículo escolar formal, oferecendo oportunidades para que os alunos experimentem o movimento de forma mais ampla e significativa. No entanto, a pesquisa revela que os professores desconhecem essas iniciativas, o que evidencia uma lacuna na articulação entre a rede escolar, as políticas públicas de esporte e as organizações de ginástica. Esse desalinhamento contribui para que a ginástica continue sendo pouco trabalhada em sala de aula, reforçando sua marginalização.

Do ponto de vista teórico, essa situação pode ser analisada à luz da cultura corporal e do currículo escolar. Segundo Parlebas (2001) e Darido (2012), a prática da Educação Física escolar deve integrar experiências corporais diversificadas, permitindo que conteúdos como a ginástica transcendam a dimensão teórica e promovam o desenvolvimento integral dos estudantes. A literatura aponta que a integração entre escola, política esportiva e eventos extracurriculares é fundamental para que conteúdos como a ginástica ganhem visibilidade e relevância pedagógica, fortalecendo a articulação entre formação docente, prática escolar e vivência estudantil.

Além disso, as políticas públicas de formação e incentivo esportivo devem atuar não apenas na oferta de eventos e competições, mas também no fortalecimento da capacidade docente de mediar experiências significativas, por meio de formação continuada e suporte institucional (Imbernón, 2011; Kunz, 2010). Nesse sentido, a participação em JEPI's e festivais de ginástica poderia ser incorporada estrategicamente como um recurso pedagógico, conectando o currículo formal com experiências práticas motivadoras e socialmente reconhecidas.

Portanto, a invisibilidade da ginástica na escola não decorre apenas de limitações individuais dos professores ou da falta de interesse dos alunos, mas está diretamente relacionada à falta de articulação institucional, à escassez de recursos e à ausência de políticas públicas que integrem de forma efetiva a escola com o ambiente esportivo estadual. O reconhecimento e a incorporação de eventos como JEPI's e festivais de ginástica podem representar uma oportunidade concreta para transformar a ginástica em prática efetiva e relevante dentro da Educação Física escolar.

A categoria desafios institucionais e organizacionais evidencia aspectos relacionados às condições de trabalho e ao suporte oferecido pela escola e pela rede de ensino.

Nas falas dos professores, emergem problemas como a falta de interesse dos alunos, a ausência de apoio e valorização por parte dos gestores escolares e a carência de incentivos públicos que fomentem o ensino da ginástica. Esse cenário revela que, para além de questões estruturais e formativas, a efetivação da ginástica na escola depende de políticas institucionais que promovam suporte, valorização e reconhecimento da modalidade como componente essencial da Educação Física.

P1: [...] falta de interesse e incentivo dos gestores com o esporte; resistência dos alunos em aprender novas modalidades esportivas.

P2: [...] falta interesse dos alunos.

P3: pouca aceitação dos alunos [...].

P4: motivação dos alunos e resistência em aprender novas modalidades.

P5: [...] cursos voltados para essa prática

P6: que os alunos tenham participação ativa nas propostas de aulas práticas.

É possível observar, a partir das falas dos professores, que o desinteresse dos estudantes atua como um fator desmotivador para o ensino de conteúdos que não se enquadram nos chamados esportes “tradicionais”. Esse cenário se agrava quando associado às condições materiais e estruturais insuficientes, bem como à limitada formação técnico-pedagógica dos docentes para o ensino de ginástica. Como resultado, a modalidade permanece invisível no contexto da Educação Física escolar, sendo pouco explorada e raramente aprofundada.

Essa constatação corrobora achados de Ayoub (2003) e Soares *et al.* (2014), que apontam que a ginástica tende a ocupar um espaço secundário no currículo, em parte devido à ausência de estímulos institucionais, como competições, festivais e projetos que valorizem a modalidade. Entretanto, experiências exitosas em outros contextos, como a realização dos Jogos Escolares do Piauí (JEBs), que incluem competições de ginástica, e os festivais promovidos pela Federação de Ginástica do Piauí, nos quais alunos de escolas públicas municipais já participaram em diversas edições, demonstram que a oferta de eventos estruturados pode funcionar como um incentivo concreto, estimulando tanto a participação estudantil quanto a motivação docente.

Deste modo, a desvalorização da ginástica na escola não é apenas resultado de fatores individuais ou da falta de interesse dos estudantes, mas também reflete lacunas institucionais e estruturais. A promoção de políticas públicas e eventos formativos que integrem

a ginástica de forma sistemática no currículo escolar poderia contribuir para a superação dessa invisibilidade, ampliando o protagonismo da modalidade e fortalecendo a formação técnica e pedagógica dos professores.

6 CONCLUSÃO

O percurso desta pesquisa foi permeado por inquietações originadas na prática profissional e intensificadas ao longo do processo investigativo. Investigar o ensino da ginástica na Educação Física escolar implicou revisitar experiências, questionar certezas e confrontar expectativas com a realidade concreta vivenciada pelos professores participantes. A análise dos dados revelou que os desafios enfrentados no cotidiano escolar são múltiplos e complexos, abrangendo desde a limitação no domínio do conteúdo para o ensino de ginástica, passando por condições materiais e estruturais inadequadas ou ausentes, até a carência de políticas institucionais e incentivos voltados à formação docente.

O presente estudo teve como objetivo analisar o ensino de ginástica nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas estaduais de Teresina-PI a partir da percepção dos professores, considerando aspectos relacionados à formação docente, às práticas pedagógicas, às condições estruturais e à organização institucional do trabalho pedagógico. De forma geral, os resultados evidenciam uma contradição significativa entre o currículo prescrito e o currículo efetivamente praticado. Embora os professores reconheçam a obrigatoriedade da ginástica e sua relevância para a formação integral dos estudantes, a prática pedagógica revela dificuldades que comprometem a sistematização e a continuidade do ensino desse conteúdo. Essa lacuna se reflete tanto na autoavaliação do domínio do conteúdo quanto na adoção de abordagens esporádicas, predominantemente teóricas ou adaptadas, indicando que a ginástica ainda não se consolidou como um conhecimento estruturante da cultura corporal no contexto escolar.

No que se refere ao problema de pesquisa, a análise evidenciou que, embora os professores reconheçam a ginástica como um conteúdo obrigatório da Educação Física escolar, devidamente prevista nos documentos oficiais que normatizam e orientam o seu ensino, sua efetiva inserção no cotidiano pedagógico ainda se mostra fragilizada. Na prática, a ginástica assume um papel secundário, quando não é completamente invisibilizado, permanecendo, em grande medida, a critério do professor decidir abordá-la ou não, bem como definir seu formato (teórico ou prático) e os caminhos pedagógicos a serem adotados. Essa realidade é explicada pelos docentes em função da inexistência de condições materiais e estruturais adequadas, que permitam desenvolver o ensino da ginástica em sua totalidade e com a qualidade que a modalidade requer.

O mapeamento das aulas de ginástica nas escolas da rede pública estadual de ensino de Teresina/PI evidencia que esse conteúdo se faz presente no discurso curricular, mas encontra

dificuldades para se materializar de forma consistente na prática pedagógica. Em sua maioria, as aulas ocorrem de maneira fragmentada, assumindo predominantemente um caráter teórico, o que revela os limites enfrentados pelos professores para desenvolver a ginástica em sua dimensão prática. Nesse contexto, jogos, atividades lúdicas e exercícios simplificados emergem como as estratégias mais frequentemente utilizadas, sinalizando a tentativa dos docentes de tornar o conteúdo viável e acessível diante das condições concretas da realidade escolar. No que se refere às modalidades de ginástica, observa-se que, quando abordadas, predominam experiências relacionadas à Ginástica para Todos, configurando-se como a manifestação mais recorrente no contexto investigado.

No que se refere à formação docente, os professores reconhecem que a insuficiência de habilidades pedagógicas para o trato com o conteúdo ginástica constitui um fator determinante para sua não inserção nas aulas ou para sua abordagem de maneira parcial e fragmentada. Os participantes afirmam não ter realizado formações continuadas específicas voltadas ao ensino da ginástica, restringindo-se, majoritariamente, aos conhecimentos adquiridos durante a formação inicial.

Outro aspecto evidenciado pelos dados refere-se à necessidade, apontada pelos próprios professores, de oportunidades formativas na área da Educação Física, especialmente direcionadas ao ensino da ginástica. Nesse sentido, a ausência de políticas sistemáticas de formação continuada promovidas pela rede estadual de ensino configura-se como uma lacuna relevante, identificada a partir das respostas dos docentes investigados.

No que concerne às condições materiais e estruturais disponíveis para o ensino da ginástica, os professores são unânimes ao afirmar que as escolas em que atuam não dispõem de recursos materiais e/ou de infraestrutura adequados para o desenvolvimento desse conteúdo. Tal precariedade é apontada como um dos fatores que influenciam diretamente as escolhas pedagógicas realizadas pelos docentes no trato com a ginástica no contexto escolar. Ademais, os poucos professores que relatam desenvolver a prática desse conteúdo afirmam recorrer à adaptação de espaços e materiais disponíveis na escola, buscando viabilizar, ainda que de forma limitada, a concretização das atividades propostas.

Ao analisar de que maneira as dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino da ginástica se configuram como desafios nas aulas de Educação Física, observa-se que o conjunto de condições evidenciadas ao longo do estudo, tais como a insegurança pedagógica, a insuficiência de condições materiais e estruturais e a ausência de políticas institucionais de formação continuada voltadas ao ensino da ginástica, impacta diretamente a ação pedagógica docente. Esses fatores contribuem para que a ginástica seja progressivamente deslocada para

um lugar de secundarização no currículo da Educação Física escolar, sendo frequentemente negligenciada ou tratada de forma pontual e superficial. Tal cenário evidencia que os desafios relacionados ao ensino da ginástica extrapolam a esfera individual do professor, configurando-se como um problema de natureza estrutural e institucional, que demanda ações formativas, pedagógicas e políticas articuladas para sua efetiva superação.

Por fim e em resposta aos desafios encontrados na pesquisa para o ensino de ginástica, foi elaborado um Guia, com diretrizes políticas e práticas para o ensino de ginástica tendo como base os dados coletados a partir das respostas dos professores, garantindo que as diretrizes propostas sejam diretamente relevantes e aplicáveis à realidade dos mesmos. A intenção é que o Guia se configure como um instrumento formativo e orientador, capaz de subsidiar a prática pedagógica dos professores, contribuir para a superação da secundarização da ginástica nas aulas de Educação Física e fortalecer sua efetiva inserção no currículo escolar, respeitando as condições concretas de trabalho docente e as especificidades do contexto da rede estadual do Piauí.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, E. Educação física escolar: compromissos e desafios. **Revista Mortus Corporias**. Rio de Janeiro, v.10, n.01, p. 106-117, maio, 2003.
- AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. 3ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- AZEVEDO, A. M. P. *et al.* Formação continuada na prática pedagógica: a Educação Física em questão. **Movimento**, UFRGS, DOI:10.22456/1982-8918.11809, 2024.
- AZEVEDO, A. M. P.; SILVA, F. R.; SANTOS, P. R. Formação docente e práticas pedagógicas na Educação Física escolar: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, p. e0200, 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos no Brasil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 14 abr. 1941.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Plano Nacional de Educação**. Brasília. 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2013.
- BARROSO, M.; DARIDO, S. C. Metodologias de ensino da Educação Física na escola. **Motriz**, v. 22, n. 3, p. 123-134, 2016.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 2018.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: prioridade para o ensino fundamental. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 2, p. 321-336, 2012.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2002.
- BORTOLETO, M. A. C. **Ginástica geral: um enigma da Educação Física**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BORTOLETO, M. A. C.; SCHIAVON, L. M. **Ginástica para todos: um enigma da Educação Física**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.
- BREDA, Y. L. **A importância da iniciação esportiva para a melhora da aptidão física de crianças e adolescentes: um olhar sobre a Ginástica Artística**. Monografia de Graduação. Porto Alegre: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
- CARRIDE, C.A. *et al.* O Ensino da ginástica de Itatiba/SP: de volta às escolas. **Revista Motrivivência**, 29(51). 83-99.2017.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1998.

- CASTRO, P.H. Z.de; SILVA, A. C.; CRUZ, G. B. da. Formação docente em Educação Física: entre o “currículo escrito” e o “currículo vivo”. **Revista Cocar**, Belém, [S. l.], v. 21, n. 39, p. 1-21, 2024.
- CESÁRIO, Marilene et al. Da constatação à intervenção: o ensino da ginástica no âmbito escolar. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 27, n. 1, p. 67-86, 2016.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.
- COSTA *et al.* Ginástica na escola: por onde ela anda professor? **Conexões**. Pará, v.14, n.4, p.76-96, out/dez – 2016.
- DAOLIO, J.; **Cultura corporal e educação física: Do lazer ao trabalho**. Campinas: Papirus, 1995.
- DARIDO, S. C. **Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados**. Campinas: Papirus, 2012.
- DARIDO, S. C. **Educação Física: currículos, práticas pedagógicas e formação de professores**. Rio de Janeiro: Shape, 2012.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- DARIDO, S.C.; **Educação Física na escola: questões e reflexões**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- DELORS, J. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. UNESCO, 1996. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- NETO, Rubem Barboza Ferreira. A infraestrutura escolar no cerne das aulas de Educação Física: O sucateamento de sistemas públicos de ensino. **Education Policy Analysis Archives**, v. 28, p. 182-182, 2020.
- GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.
- GAIO, R.; GÓIS, A. A.; BATISTA, J. C. de F. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2010.
- GAIO, R; VILLAS BOAS, J. P. (Orgs). **Ginástica na escola: a teoria na prática**. 1ª
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2005.
- GONSALVES, E. P. **Conversas Sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. Alínea. 2001.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KONDER, L.; PERRENOUD, P. **Professor profissional: entre saberes e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

KRUG, H. N. Reflexões sobre a ginástica no contexto escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 2, 2009.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEGUET J. **As ações motoras em ginástica artística esportiva**. São Paulo: Manoel; 1987.

LESSI, Rodolfo Peres *et al.* Formação continuada dos professores de educação física: uma revisão sistemática (2013-2023). **Temas em Educação Física Escolar**, v. 10, n. 1, p. e4617-e4617, 2025.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MALDONATO, D. T.; BOCCHINI, D. Ensino da ginástica na escola pública: as três dimensões do conteúdo e o desenvolvimento do pensamento crítico. **Revista Motrivência**, v. 27, n. 44, p. 164-176, maio/2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLL, J. (Org.). **Caminhos da Educação Integral no Brasil**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MOREIRA, Giselly Cristiny *et al.* Ginástica no contexto escolar: uma revisão sistemática. **Corpoconsciência, Cuiabá**, v. 24, n. 2, p. 29-41, 2020.

MURBACH, M., S., E.; SILVA, A. A ginástica na escola: possibilidades pedagógicas e desafios na Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 37, n. 1, p. 45-60, 2023.

MURBACH, M.A. **Os conteúdos ginásticos do Ensino Fundamental II no Currículo do Estado de São Paulo: desenvolvimento e análise** [Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ UNESP]. 2017.

NEIRA, M.G.; EMILIA, M.L.; FERRARI, M.L. (Orgs). **Educação Física e cultura: ensaios sobre a prática**. São Paulo: FEUSP, 2012.

NISTA-PICCOLO, V. L. Pedagogia da ginástica artística. In: NISTA-PICCOLO, V. L.; NUNOMURA, M. (Orgs.). **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte Editora, 2005. p. 27-36.

NUNES, T.P; PERFEITO, R. S.; CHAME, F. A importância da educação física plural com diversificação de conteúdos e destituição do reinado esportivo como conteúdo hegemônico da educação física escolar. **Educação Física em Revista**, v. 10, n. 1, 2016.

NUNOMURA, M. *et al.* Fundamentos da ginástica artística. In: NUNOMURA, M. **Fundamentos das ginásticas**. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 211-255.

- OMS (Organização Mundial da Saúde). **Relatório sobre atividade física infantil**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/physical-activity>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- PADILHA, P. R. **Educação Integral em Tempo Integral**. São Paulo: Cortez, 2017.
- PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- PARLEBAS, P. **Teoria dos Jogos e Educação Física**. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- PAULA, A. R.; SOUZA, E. P. M. Ginástica na escola: reflexões sobre sua prática pedagógica. **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 259-278, 2012.
- PEREIRA, A. M.; CESÁRIO, M. A ginástica nas aulas de educação física: o “aquecimento corporal” em questão. **R. da Educação Física/UEM Maringá**, v. 22, n. 4, p. 637-649, 4. trim. 2011.
- RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: IBRASA, 1982.
- SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 40. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SCHIAVON, L.; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica vai à escola. **Movimento**, v. 13, n. 3, p.131-150, set./dez. 2007. Disponível em:
- SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e brasilidade. Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2014.
- SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo**. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- SOARES, C.L. *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física – Coletivo de Autores**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, E.; AYOUB, F. J.; DARIDO, S. C. **História e prática da Educação Física escolar no Brasil**: tendências e desafios. Campinas: Papirus, 2014.
- TAHARA, Al. K.; DARIDO, S. C.; BAHIA, C. de S. Materiais didáticos e a Educação Física escolar. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 15, n. 3, p. 368–379, 2017.
- TARDIF, M.; **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TOLEDO, E. **Ginástica brasileira**: entre a tradição e a inovação. São Paulo: Hucitec, 2018.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: A Pesquisa Qualitativa em Educação. 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, p.175. 2009.
- UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte**. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/sport-and-anti-doping/international-charter-sport>. Acesso em: 30 jun. 2025.

WEINBERG, R.S, Gould D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed; 2017.

WERNER, P. H.; WILLIAMS, L. H.; HALL, T. J. **Ensinando ginástica para crianças**. 3. ed. Barueri: Manole, 2015.

APÊNDICE

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO - CPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo intitulado **“O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM TERESINA-PI”**, que será realizada na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), cujo pesquisador responsável é a Sra. Dra. Regina Célia Vilanova Campelo, profissional Educação Física e professora da Universidade Estadual do Maranhão e a pesquisadora participante Adrianna Oliveira Felisberto, mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UEMA.

Caro(a) participante,

1. O estudo se destina a analisar o ensino de ginástica nas aulas de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais de Teresina-PI, buscando identificar como esse ensino é desenvolvido, caracterizando as dificuldades encontradas pelos professores e analisar como essas dificuldades apontadas se mostram como desafios nas aulas de Educação Física nas escolas de Ensino Fundamental da rede pública estadual de Teresina/PI.

2. A importância deste estudo justifica-se, pela necessidade de investigar como está sendo abordada a temática Ginástica, nas aulas de Educação Física para os estudantes do Ensino Fundamental das escolas da rede pública estadual da cidade de Teresina-PI, entender como esse conteúdo é desenvolvido dentro das aulas de Educação Física em seus aspectos teóricos e práticos, analisando como são contempladas e quais os maiores desafios encontrados pelos professores para a elaboração e execução das aulas sobre a temática.

3. Os resultados que se deseja alcançar se concentrará em discussões sobre a temática. A ampliação do tema discutido pode oferecer diversas possibilidades de gerar reflexão aos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos, bem como, a projeção e ou encaminhamentos para resolução de problemáticas pré-estabelecidas no ensino da ginástica nas aulas de Educação Física.

4. A contribuição do participante do estudo, de forma voluntária, será responder um questionário com perguntas abertas e fechadas, de forma individual, discreta, em um ambiente silencioso e agradável, preservando a identidade dos sujeitos envolvidos, sendo de livre e espontânea vontade a participação neste estudo.

5. Os riscos ao participante se apresentam como, a invasão de privacidade, responder a questões sensíveis, rememorar fatos e ter o autocontrole e a integridade abalados ao revelar pensamentos e sentimentos, discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado, ocupação do tempo do sujeito ao se disponibilizar a responder ao questionário.

6. Os pesquisadores adotarão as seguintes medidas para minimizar os riscos garantindo local reservado para responder ao questionário, liberdade para não responder questões constrangedoras, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantimos a liberdade em interromper a participação e asseguramos a confidencialidade das informações recebidas.

7. Os benefícios da pesquisa se apresentam além da ampliação do tema discutido pode oferecer diversas possibilidades de gerar conhecimento os sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos dentro do seu trabalho e em outros ambientes, como por exemplo, identificar práticas pedagógicas eficazes e áreas que precisam de melhoria, beneficiando a qualidade do ensino de ginástica. Para maximizar esse benefício, os resultados devem ser compartilhados com professores e administradores escolares, possibilitando a implementação das recomendações do ensino da ginástica e para desenvolvimento de ações de formação, como cursos, palestras e ou orientação para gestores e professores da rede de ensino.

Em todas as etapas do estudo e das aplicações do instrumento já referido para a coleta de dados, será informado ao sujeito participante da pesquisa, podendo a qualquer momento que se sentir prejudicado ou não confortável com a participação poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação. Informamos também que os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa e os resultados poderão ser publicados.

Finalmente, tendo o(a) participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, o(a) mesmo(a) concorda em dela participar e, para tanto eu DOU O SEU

CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO O(A) MESMO TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com **REGINA CÉLIA VILANOVA CAMPELO**, no telefone (86) 99939-582, no e-mail: reginacampelo@professor.uema.br e Adrianna Oliveira Felisberto, telefone: (86) 994157854 e-mail adriannafelisberto@hotmail.com

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão / Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PPG/ Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/ Mestrado Profissional em Educação, situado no endereço: Praça Duque de Caxias, s/n, Morro do Alecrim, CEP: 65.604-380, Caxias/MA, e-mail ppgeuema@gmail.com

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias. Praça Duque de Caxias, s/n, Morro do Alecrim, CEP: 65.604-380, Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Caxias-MA, _____ de _____ de 2024.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

Regina Célia Vilanova Campelo

/Conselho de Classe 001819-G/PI

Adrianna Oliveira Felisberto

Apêndice B – Questionário da pesquisa

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM TERESINA-PI

Olá caro(a) Professor (a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM TERESINA-PI”. O estudo se destina a analisar o ensino de ginástica nas aulas de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais de Teresina-PI.

Lembramos que, de acordo com o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), em todas as etapas do estudo e das aplicações do instrumento já referido para a coleta de dados, será informado das etapas e podendo a qualquer momento que se sentir prejudicado ou não confortável com a participação, poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

I – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nessa primeira seção você responderá algumas perguntas que permitirão realizar a sua identificação referente a sexo, cor ou etnia, idade, formação e atuação docente.

1) Nome:

2) Sexo: () Feminino () Masculino

3) Qual a sua função?

() Professor de Educação Física

() Outros: _____

4) Qual etapa da educação básica você atua?

- () Educação Infantil
() Ensino Fundamental
() Ensino Médio

5) Quais series/anos você leciona atualmente?

II – FORMAÇÃO

Nessa segunda seção você responderá algumas perguntas que permitirão realizar o mapeamento de informações sobre a sua formação (inicial e continuada) em sua trajetória profissional:

- 6) Qual a sua formação inicial: _____
- 7) Maior nível de escolaridade:
() Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
- 8) Professor(a) efetivo da rede estadual? () Sim () Não
- 9) Qual sua carga horaria como professor(a) da rede estadual? _____
- 10) Durante a sua graduação, você teve disciplinas especificas voltadas para o ensino de ginástica? () Sim () Não () Não lembro
- 11) Você participa de cursos, palestras ou formações continuadas relacionadas à Educação Física? () Sim () Não
- 12) Se sim, algum desses cursos foi especificamente voltado para o ensino de ginástica?
() Sim () Não
- 13) Você sente necessidade de mais formações continuadas sobre o ensino de ginástica?
() Sim () Não
- 14) A rede estadual de ensino da qual você está inserido, oferece cursos, palestras ou outras práticas que auxiliem na sua prática profissional?
() Sim () Não
- 15) Caso sim, ela acontece com que frequência?

III – PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nessa terceira seção você responderá algumas perguntas que permitirão realizar o mapeamento de informações sobre o seu cotidiano e trabalho pedagógico em relação ao conteúdo de ginástica nos anos finais da etapa do Ensino Fundamental:

16) Você tem conhecimento de que a ginástica é um conteúdo obrigatório no currículo da rede para o ensino Fundamental? () Sim () Não

17) Você costuma ministrar o conteúdo de ginástica em suas aulas?
() Sim () Não

Se respondeu “Não”, por quais motivos você não ministra o conteúdo? (pode marcar mais de uma opção)

- () Falta de infraestrutura adequada
- () falta de materiais específicos
- () Falta de formação/conhecimento para trabalhar o conteúdo
- () Pouco interesse dos alunos
- () carga horária insuficiente para contemplar todos os conteúdos
- () Outros: _____

Se respondeu “sim”, continue respondendo:

18) Suas aulas de ginástica são, em sua maioria: () Teóricas () Práticas () Ambas

19) Quando você ministra ginástica, quais metodologias utiliza com mais frequência?

- () Aulas expositivas/teóricas
- () aulas práticas com exercícios adaptados
- () Jogos e atividades lúdicas
- () Trabalhos em grupo/coreografias
- () Circuitos de exercícios
- () Outros: _____

20) Você relaciona suas aulas de ginástica com documentos oficiais (BNCC e currículo do Piauí)? () Sempre () Às vezes () Nunca

21) A respeito do seu conhecimento sobre o conteúdo de ginástica, como você classificaria?
() Tenho pouco domínio sobre conteúdo

() Conheço razoavelmente o conteúdo

() Domino bastante o conteúdo

22) Você segue algum guia ou diretriz para o ensino de ginástica? () Sim () Não
Qual? _____

23) A escola possui material adequado para o ensino de ginástica? () Sim () Não
Se sim, quais? _____

24) A infraestrutura da escola é adequada para a prática de ginástica? () Sim () Não
Se não, porque?

25) Quando não há materiais/infraestrutura adequados, você adapta suas aulas?
() Sim () Não
Se sim, como? _____

26) Quais modalidades de ginástica você costuma ministrar?

() Artística

() Ritmica

() Acrobática

() Ginástica para todos

() Não costumo ministrar modalidades específicas

27) Como os alunos geralmente recebem as aulas de ginástica?

() Demonstram muito interesse

() Interesse moderado

() Pouco interesse

() Nenhum interesse

28) Você conhece algum campeonato/torneio oferecido pela rede ou pela sua cidade que contemple a ginástica e que você considere que seus alunos possam participar?

() Sim () Não

Se sim, qual? _____

29) Quais os principais desafios que você enfrenta ao ensinar ginástica?

ANEXO

Anexo A – Ofício de autorização da instituição para realização da pesquisa



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**



PPGE
Mestrado Profissional
em Educação

Ilma Sr. Francisco Washington Bandeira Santos Filho
Secretário de Estado da Educação do Piauí (SEDUC/PI)

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE TERESINA-PI”, a ser realizada nas escolas da rede estadual de ensino na cidade de Teresina-PI, vinculadas às 4ª, 19ª, 20ª e 21ª Gerência Regional de Ensino (GRE), da Secretária de Estado da Educação do Piauí, pela aluna de pós-graduação em nível de mestrado, Adrianna Oliveira Felisberto, sob orientação da Profª. Drª. Regina Célia Vilanova Campelo, com o seguinte objetivo: Analisar o ensino de Ginástica nas aulas de Educação Física dos Anos Finais do Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais de Teresina-PI. Necessitando, portanto, ter acesso a essas instituições durante os meses de setembro a novembro de 2024.

Os participantes da pesquisa serão convidados a participar voluntariamente por meio de cartas convites. Somente participarão deste estudo, os indivíduos que tenham assinado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as informações concedidas não serão divulgadas de modo a identificar os participantes. Se o senhor autorizar, a pesquisadora assume o compromisso de não recrutar ou causar qualquer desconforto aos sujeitos que aceitarem e/ou se recusarem a participar do estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta secretaria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários. A pesquisa só terá início nestas instituições após a apresentação do parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Contatos:

Responsável pela pesquisa: adriannafelisberto@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UEMA: cepe@cesc.uema.br

Teresina-PI, 15 de agosto de 2024.

Documento assinado digitalmente
ADRIANNA OLIVEIRA FELISBERTO
Data: 15/08/2024 13:12:38 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Adrianna Oliveira Felisberto
Mestranda do Programa em Pós-graduação em Educação da UEMA

Documento assinado digitalmente
REGINA CELIA VILANOVA CAMPELO
Data: 15/08/2024 13:39:40 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Regina Célia Vilanova Campelo
Profª. Orientadora

() Concordamos com a solicitação, () Não concordamos com a solicitação

Francisco Washington Bandeira Santos Filho
Secretário de Estado da Educação do Piauí (SEDUC/PI)

Assinado digitalmente na forma da Lei 11.419/2006 por FRANCISCO WASHINGTON BANDEIRA SANTOS FILHO em: 18/09/2024 09:38.

Anexo B – Parecer consubstanciado do CEP

CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE CAXIAS -
CESC/UEMA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE TERESINA-PI

Pesquisador: REGINA CÉLIA VILANOVA CAMPELO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85049024.0.0000.5554

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.321.563

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa cujo título: O ENSINO DE GINÁSTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE TERESINA-PI, nº de CAAE 85049024.0.0000.5554 e pesquisadora responsável REGINA CÉLIA VILANOVA CAMPELO trata-se de uma pesquisa de campo do tipo descritiva, observacional.

O cenário da realização desse estudo serão: em Escolas Públicas da Rede Estadual de Teresina/PI, que ofertam o Ensino Fundamental em seus anos finais, do 6º ao 9º ano. Para tanto serão selecionadas 05(cinco) escolas de cada Gerência Regional de Ensino (GRE) de Teresina, sendo que as escolas da rede estadual de Teresina comportam 04 (quatro) GREs. Assim, serão englobadas 20 escolas.

Os participantes serão todos os professores de Educação Física das escolas selecionadas que atendam aos critérios de inclusão, totalizando 20 professores.

Como critérios de inclusão tem-se professores de Educação Física que atuam no Ensino Fundamental anos finais (6º ao 9º ano) no período da pesquisa; professores efetivos da rede e que concordem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Os critérios de exclusão serão: professores que estejam afastados ou que tenham estado afastados por um período mínimo de seis meses, assim como aqueles que ocupam funções administrativas.

Para tanto, as informações desta pesquisa serão obtidas por meio da aplicação de

Endereço: Rua Quinhinha Pires, 746 ramal 6382

Bairro: Centro

CEP: 65.600-000

UF: MA

Município: CAXIAS

Telefone: (98)2016-8175

E-mail: cepe@cesc.uema.br

CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE CAXIAS -
CESC/UEMA



Continuação do Parecer: 7.321.563

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAXIAS, 30 de Dezembro de 2024

Assinado por:

FRANCIDALMA SOARES SOUSA CARVALHO FILHA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Quinhinha Pires, 746 ramal 6382

Bairro: Centro

CEP: 65.600-000

UF: MA

Município: CAXIAS

Telefone: (98)2016-8175

E-mail: cepe@cesc.uema.br



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

GUIA

PPGE

Programa de
Pós-Graduação em Educação

COM DIRETRIZES PRÁTICAS E POLÍTICAS

PARA O ENSINO DE

GINÁSTICA NA ESCOLA



Adrianna Oliveira Felisberto
Regina Célia Vilanova Campelo

ADRIANNA OLIVEIRA FELISBERTO

Esse caderno pedagógico foi elaborado com base na dissertação: O ensino de ginástica nas aulas de Educação Física no ensino fundamental em escolas públicas estaduais de Teresina-PI, é produto do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia Vilanova-Campelo.

São Luís

2026

**GUIA COM DIRETRIZES PRÁTICAS E
POLÍTICAS PARA O ENSINO DE
GINÁSTICA NA ESCOLA**

F315g Felisberto, Adriana Oliveira

Guia com diretrizes práticas e políticas para o ensino de ginástica na escola / Adriana Oliveira Felisberto. __Caxias: Campus Caxias, 2026.

il
57f.

1. Ginástica na escola. 2. Prática docente. Educação física. 4. Formação de professores. I. Título.

CDU 796.42:373.3

Ficha Técnica do Produto Técnico-Tecnológico

Adrianna Oliveira Felisberto

Regina Célia Vilanova-Campelo

Elaboração e Organização

Design e Ilustração

Tarcísio Souza de Sá

As figuras ilustrativas utilizadas nesse produto técnico-tecnológico, incluindo as ilustrações de capa e contracapa, foram elaboradas com auxílio de ferramentas de inteligência artificial generativa (ChatGPT/OpenAI).

AUTORAS

Adrianna Oliveira Felisberto



Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí (2004). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Sinapses. Professora da Secretaria Estadual da Educação e Cultura do Piauí/SEDUC. Redatora do Currículo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do estado do Piauí; Redatora/Formadora no Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC); Professora na Faculdade UNINASSAU no curso de Educação Física; Integrante do GPESD - Grupo de Pesquisa e Estudo Saberes Docentes; Membro do Grupo de Pesquisa OBCORPO - Observatório do corpo: Mídia, Educação e Movimento; Membro do grupo de pesquisa SAFE - Saúde, Atividade Física e Educação.

Link do lattes: <https://lattes.cnpq.br/2040549186951260>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0377-8334>

E-mail: drifelidberto@gmail.com

Regina Célia Vilanova Campelo

É doutora em Ciências (Saúde Coletiva) pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). É professora adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA). Lider do Grupo de Pesquisa “Saúde, Atividade Física e Educação (SAFE/CNPq/UEMA).” Atua no ensino, na pesquisa e na



orientação acadêmica, com ênfase na formação inicial e continuada de professores, nos processos de ensino-aprendizagem, nas práticas pedagógicas e na educação física escolar. Desenvolve e orienta pesquisas que articulam educação, saúde, educação física e práticas educativas, contribuindo para o fortalecimento da formação docente e da produção de conhecimento no campo educacional.

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/3577397196124251>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3221-2927>

E-mail: regina.campelo@ufpi.edu.br

CARTA ABERTA AOS (ÀS) PROFESSORES (AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Este guia nasce do encontro com vocês. Nasce das conversas realizadas nas escolas, dos relatos compartilhados com sinceridade, das inquietações, dos silêncios e, sobretudo, da disposição de cada professor e professora em falar sobre sua prática, suas dificuldades e suas possibilidades no ensino da ginástica nas aulas de Educação Física. Ao longo do processo de pesquisa, ouvir vocês foi mais do que uma etapa metodológica: foi um exercício de respeito, cuidado e reconhecimento do saber construído no cotidiano escolar.

Durante a coleta dos dados, tornou-se evidente que o ensino da ginástica, nos anos finais do ensino fundamental, é marcado por desafios reais que atravessam o trabalho pedagógico. Falta de espaços adequados, escassez de materiais e lacunas na formação específica foram aspectos frequentemente mencionados. Ainda assim, o que mais se destacou foi o desejo de fazer diferente, de aprender, de oferecer aos estudantes experiências corporais mais ricas e diversificadas.

Foi a partir dessa escuta atenta e sensível que este guia foi construído. Ele não pretende ensinar o professor a ensinar, tampouco apresentar modelos prontos ou receitas pedagógicas. Ao contrário, parte do princípio de que cada professor conhece sua escola, seus alunos e sua realidade melhor do que qualquer material externo. O que se propõe aqui é caminhar junto, oferecendo subsídios práticos e reflexões que possam apoiar, inspirar e fortalecer o trabalho docente com a ginástica na escola.

Este guia contempla diretrizes práticas e políticas para o ensino da ginástica, propostas pedagógicas possíveis de serem desenvolvidas no contexto da escola pública, sugestões de atividades adaptadas, orientações sobre planejamento, avaliação e segurança, além de reflexões que ajudam a ressignificar a ginástica como um conteúdo acessível, inclusivo e educativo. Tudo foi pensado a partir das vozes que ecoaram durante a pesquisa, respeitando limites, reconhecendo saberes e valorizando as experiências já existentes.

Que este material seja recebido como um convite ao diálogo e à experimentação. Que ele possa contribuir para diminuir inseguranças, ampliar horizontes e reafirmar que a ginástica tem lugar nas aulas de Educação Física, mesmo quando as condições não são ideais. Acima de tudo, que este guia reconheça e valorize o trabalho de cada professor e professora que, diariamente, constrói a Educação Física escolar com compromisso, criatividade e sensibilidade.

Com admiração e respeito,

Adrianna Oliveira Felisberto e Regina Célia Vilanova Campelo



APRESENTAÇÃO

Este guia foi elaborado como produto técnico-tecnológico do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e está vinculado à dissertação intitulada “*O ensino de ginástica nas aulas de Educação Física no ensino fundamental em escolas públicas estaduais de Teresina-PI*”. Seu objetivo central é oferecer diretrizes práticas e políticas que contribuam para o fortalecimento do ensino da ginástica nas aulas de Educação Física, especificamente na etapa dos anos finais do ensino fundamental.

A ginástica, enquanto manifestação da cultura corporal, é reconhecida pelos documentos curriculares nacionais como conteúdo essencial da Educação Física escolar. No entanto, na prática cotidiana das escolas públicas, especialmente na rede estadual do Piauí, seu ensino ainda enfrenta inúmeros desafios, como a escassez de espaços adequados, a falta de materiais específicos, a ausência de formação continuada na área e a compreensão restrita da ginástica apenas como modalidade esportiva de alto rendimento. Esses fatores acabam por limitar ou mesmo inviabilizar sua presença sistemática nas aulas.

Diante desse contexto, o presente guia foi concebido com a intenção de aproximar o conhecimento acadêmico da realidade escolar, oferecendo orientações que dialoguem diretamente com o cotidiano dos professores. Não se trata de um manual técnico voltado à formação de atletas, mas de um material pedagógico que reconhece a ginástica como conteúdo educativo possível, acessível e significativo, mesmo em contextos marcados por limitações estruturais.

As propostas aqui apresentadas estão fundamentadas em princípios pedagógicos inclusivos e alinhadas às orientações curriculares vigentes, considerando as especificidades da rede pública estadual e a realidade das escolas de Teresina-PI. O guia busca apoiar o professor na organização de suas aulas, no planejamento de sequências didáticas, na escolha de estratégias metodológicas e na compreensão da avaliação da aprendizagem em ginástica, sempre respeitando o ritmo, as possibilidades e as diferenças dos estudantes.

Espera-se que este material contribua para ampliar as possibilidades de ensino da ginástica na Educação Física escolar, fortalecendo a atuação docente e promovendo experiências corporais mais diversificadas, críticas e significativas para os alunos dos anos finais do ensino fundamental. Mais do que oferecer respostas prontas, o guia convida o professor a refletir, adaptar e construir práticas pedagógicas coerentes com sua realidade, reafirmando a ginástica como um direito de aprendizagem no contexto escolar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação da proposta avaliativa da aprendizagem em ginástica.....	35
Quadro 2 - Vídeos para confecção de materiais alternativos para uso nas aulas de ginástica.....	39
Quadro 3 - Recursos digitais (vídeos e plataformas) úteis para o ensino de ginástica.....	40



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E LEGAL PARA O ENSINO DE GINÁSTICA	14
2.1 Base legal para o ensino de ginástica	14
2.1.1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	15
2.1.2 Currículo do estado do Piauí	16
2.2 Referenciais teóricos e abordagens pedagógicas da ginástica escolar	17
3 DIAGNÓSTICO LOCAL DO ENSINO DE GINÁSTICA	20
3.1 A pesquisa e os participantes	20
3.2 Situação atual do ensino de ginástica nas escolas pesquisadas	21
3.3 Boas práticas e experiências exitosas	22
4 DIRETRIZES POLÍTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA	23
4.1 Recomendações para a gestão escolar	23
4.2 Inserção da ginástica no Projeto Político-Pedagógico (PPP)	24
4.3 Formação continuada dos professores	26
5 DIRETRIZES PRÁTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA	28
5.1 Planejamento pedagógico	29
5.1.1 Procedimentos metodológicos para a elaboração dos planejamentos pedagógicos	30
5.2 Metodologias de ensino da ginástica	31
5.3 Avaliação da aprendizagem nas aulas de ginástica	34
5.4 Adaptação das atividades para diferentes contextos e realidades	35
6 RECURSOS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA	38
6.1 Materiais alternativos e de baixo custo para o ensino de ginástica	38

6.2 Recursos digitais e links úteis para o ensino de ginástica	39
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

A ginástica constitui-se como um dos conteúdos clássicos e historicamente consolidados da Educação Física escolar, integrando o conjunto das práticas corporais que compõem a cultura corporal do movimento. No contexto educacional, a ginástica ultrapassa a dimensão meramente técnica ou esportivizada, assumindo um caráter pedagógico que possibilita experiências corporais diversificadas, significativas e formativas. Enquanto prática corporal sistematizada, contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, contemplando dimensões físicas, cognitivas, sociais e culturais (Soares *et al.*, 1992; Ayoub, 2013; Carbinatto, 2009).

Segundo Carbinatto (2009), a ginástica é composta por um conjunto de atividades que articulam elementos como dança, jogos, materiais, música, folclore e coreografias, favorecendo a expressão cultural e a formação integral do indivíduo. Nesse sentido, a ginástica, ao ser trabalhada na escola, possibilita o conhecimento do próprio corpo, a ampliação do repertório motor e a construção de significados sobre o movimento humano, configurando-se como conteúdo fundamental da Educação Física escolar.

No âmbito da Educação Física escolar, a ginástica passa a ser compreendida como um conteúdo pedagógico que deve acompanhar o desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica. De acordo com o Coletivo de Autores (2009), o ensino da ginástica deve partir de movimentos espontâneos e de técnicas mais simples nos anos iniciais, avançando progressivamente para execuções mais elaboradas nos anos finais do Ensino Fundamental e consolidando-se no Ensino Médio. Essa progressão respeita as fases do desenvolvimento motor e cognitivo, garantindo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Negligenciar sua prática dentro do contexto escolar, ou até mesmo diminuir o seu espaço dentro das aulas de Educação Física, é de fato, um retrocesso e um descaso com o desenvolvimento dos estudantes. Autores como Darido e Rangel (2011), afirmam que a prática de ginástica na escola além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, também estimula o trabalho em equipe, a superação de desafios e a criatividade, aspectos essenciais para a formação social e cognitiva dos estudantes. Nesse sentido, a ginástica não se limita ao aspecto físico, mas também favorece a construção de valores como cooperação, respeito e perseverança, promovendo uma educação para a formação humana.

No Brasil, a consolidação da ginástica como conteúdo da Educação Física escolar encontra respaldo nos documentos legais e curriculares que orientam a Educação Básica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) estabelece a Educação Física como componente curricular obrigatório, reafirmando seu papel no processo de

desenvolvimento integral dos estudantes. A partir da LDB, documentos normativos como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e, de forma mais sistematizada, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), passam a orientar a organização dos currículos escolares em todo o país.

Apesar de sua relevância pedagógica, o ensino da ginástica na Educação Física escolar ainda se apresenta de forma limitada em muitas realidades educacionais. Darido e Rangel, 2014; Kunz, 2016) apontam que, frequentemente, a ginástica é negligenciada ou substituída por outros conteúdos considerados mais “viáveis”, como os esportes coletivos, sobretudo em contextos marcados por precariedade estrutural e ausência de materiais específicos. Essa situação revela uma compreensão restrita da ginástica, muitas vezes associada apenas ao alto rendimento ou a padrões técnicos rígidos, o que acaba afastando professores e alunos de suas possibilidades educativas.

No contexto da rede pública estadual do Piauí, os desafios relacionados ao ensino da ginástica mostram-se ainda mais acentuados. Aspectos como a insegurança e o limitado domínio do conteúdo por parte dos professores, a falta de materiais específicos, as condições inadequadas de infraestrutura e a ausência ou fragilidade de políticas públicas voltadas à formação continuada foram identificados como alguns dos principais entraves para a efetivação do ensino dessa modalidade nas aulas de Educação Física.

Diante dessa realidade, este guia tem como objetivo oferecer diretrizes práticas e políticas para o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física, voltadas aos anos finais do Ensino Fundamental. O material busca subsidiar o trabalho docente por meio de orientações que auxiliem no planejamento pedagógico, na escolha de metodologias de ensino, nos processos de avaliação da aprendizagem, na adaptação de atividades e no uso de recursos compatíveis com o contexto da escola pública. Além disso, propõe reflexões que favorecem a compreensão da ginástica como conteúdo educativo, inclusivo e possível de ser desenvolvido em diferentes realidades escolares.

O público-alvo deste guia são os professores e professoras de Educação Física da rede pública estadual do Piauí, bem como gestores escolares e demais profissionais envolvidos com o planejamento pedagógico e a organização curricular. Sua relevância está diretamente relacionada à necessidade de materiais que dialoguem com a prática docente, valorizem os saberes construídos no cotidiano escolar e contribuam para a efetivação do direito dos estudantes ao acesso a uma Educação Física diversificada e de qualidade.

Organizado a partir de fundamentos teóricos e legais, de um diagnóstico local do ensino de ginástica e de proposições construídas a partir da escuta dos professores, este guia se

apresenta como um instrumento de apoio à prática pedagógica. Mais do que prescrever modelos prontos, o material convida à reflexão, à adaptação e à construção coletiva de propostas que reafirmem a ginástica como parte integrante do currículo da Educação Física escolar na rede pública do Piauí.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E LEGAL PARA O ENSINO DE GINÁSTICA

2.1 Base legal para o ensino de ginástica

Atualmente, os conteúdos de Educação Física destinados ao Ensino Fundamental da rede pública estadual do Piauí estão organizados a partir de um documento curricular homologado em 2019, o Currículo do Piauí. Esse documento foi elaborado em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define os conteúdos a serem desenvolvidos ao longo da Educação Básica. Para além dos conteúdos considerados “essenciais” pela BNCC, o Currículo do Piauí incorpora as especificidades regionais e culturais do estado, por meio da inclusão de habilidades que ampliam e contextualizam os objetos de conhecimento, conferindo maior significado às práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto local.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) estabelece a Educação Física como componente curricular integrado à proposta pedagógica da escola, devendo ser desenvolvida de forma sistemática ao longo da Educação Básica. Embora a legislação não especifique conteúdos, ela garante o espaço institucional necessário para que práticas corporais como a ginástica sejam contempladas no currículo escolar, respeitando as características dos estudantes e os objetivos educacionais de cada etapa de ensino (Brasil, 1996).



Saiba mais
Clique aqui

A BNCC orienta que o ensino da Educação Física esteja fundamentado na vivência, na reflexão e na ampliação do repertório cultural dos estudantes, valorizando experiências corporais diversificadas e significativas. Nesse contexto, a ginástica é apresentada não como prática restrita ao desempenho técnico ou competitivo, mas como conteúdo educativo capaz de favorecer o desenvolvimento da consciência corporal, da autonomia, da expressividade e da cooperação, especialmente nos anos finais do ensino fundamental.

Além dos referenciais nacionais, o ensino da ginástica também deve considerar as orientações presentes nos documentos curriculares estaduais. No estado do Piauí, o currículo da rede pública estadual dialoga com as diretrizes da BNCC, reafirmando a Educação Física como componente curricular essencial à formação integral dos estudantes. A partir desse alinhamento, a ginástica é reconhecida como conteúdo que pode e deve ser abordado de forma pedagógica, respeitando as especificidades do contexto escolar e as condições concretas de ensino.

Entretanto, embora exista respaldo legal para o ensino da ginástica, observa-se que sua efetivação nas escolas nem sempre ocorre de maneira sistemática. A distância entre o que está

prescrito nos documentos oficiais e o que se materializa na prática pedagógica evidencia a necessidade de ações que fortaleçam a implementação curricular, como a oferta de formação continuada, o incentivo a propostas pedagógicas contextualizadas e a disponibilização de materiais de apoio aos professores. Conforme destacam Darido e Rangel (2014), a consolidação dos conteúdos da Educação Física na escola depende não apenas da normatização legal, mas também de condições objetivas de trabalho e de processos formativos que deem suporte à atuação docente.

Dessa forma, compreender a base legal que sustenta o ensino da ginástica é fundamental para legitimar sua presença nas aulas de Educação Física e para subsidiar a construção de propostas pedagógicas coerentes com as orientações curriculares vigentes. Ao reconhecer a ginástica como direito de aprendizagem dos estudantes, os documentos legais reforçam a importância de iniciativas que contribuam para sua efetiva inserção no cotidiano escolar, especialmente na rede pública estadual.

2.1.1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Para a etapa do Ensino Fundamental, a BNCC compreende que a ginástica deve ser abordada como uma prática que integra elementos técnicos, artísticos e expressivos, que deve contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A BNCC propõe as ginásticas como uma das 06 (seis) unidades temáticas a serem desenvolvidas na escola, trazendo uma organização desse conteúdo em três grupos de ginásticas e, também, propõe a sua distribuição durante os anos finais do ensino fundamental

Na unidade temática Ginásticas, são propostas práticas com formas de organização e significados muito diferentes, o que leva à necessidade de explicitar a classificação adotada: (a) ginástica geral; (b) ginásticas de condicionamento físico; e (c) ginásticas de conscientização corporal. (Brasil, 2017, p. 217).

A BNCC também destaca que o ensino da ginástica deve considerar as experiências prévias dos alunos, suas curiosidades e interesses, além de promover a reflexão crítica sobre o



Saiba mais
Clique aqui

corpo, o movimento e a sociedade. Essa afirmação pode ser confirmada quando, em uma das suas habilidades (EF67EF01), para ser desenvolvida no conteúdo de ginástica do 6º e 7º anos do ensino fundamental, ela se apresenta: “experimentar e fruir exercícios físicos, jogos, lutas, ginásticas, danças e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo, identificando-se como sujeito que vivencia o corpo e o movimento, com base nos princípios de inclusão, pluralidade

e respeito às diferenças”(Brasil, 2018, p.215). Para tanto, sugere que os professores explorem diferentes modalidades de ginástica, como a ginástica geral, a ginástica artística e a ginástica rítmica, adaptando-as às possibilidades e necessidades dos estudantes.

O documento enfatiza que as práticas corporais devem ser vivenciadas, analisadas e ressignificadas pelos estudantes, articulando experiências práticas com momentos de reflexão. No caso da ginástica, isso implica compreendê-la como um conjunto diverso de manifestações, que podem ser exploradas por meio de atividades de experimentação, criação, adaptação e cooperação, respeitando as características do contexto escolar e as condições concretas de ensino. Assim, a BNCC não restringe o ensino da ginástica a modalidades específicas ou a estruturas formais, abrindo espaço para abordagens pedagógicas mais flexíveis e inclusivas.

Outro aspecto que merece destaque pela BNCC refere-se à necessidade de adequação das práticas pedagógicas às realidades locais. O documento reconhece que as escolas apresentam diferentes condições de infraestrutura e recursos, o que exige do professor a capacidade de planejar e adaptar suas aulas de forma criativa e contextualizada. Nesse sentido, a ginástica pode ser desenvolvida a partir do uso de materiais alternativos, espaços diversos e propostas que valorizem a participação de todos os estudantes, independentemente de habilidades prévias.

Ao estabelecer competências e habilidades relacionadas à Educação Física, a BNCC reforça que o ensino da ginástica deve contribuir para a formação de sujeitos críticos, autônomos e participativos. Para isso, o professor assume papel central na mediação do conhecimento, sendo responsável por transformar as orientações curriculares em experiências pedagógicas significativas. Como aponta Darido (2012), a BNCC oferece diretrizes importantes, mas sua efetivação depende da interpretação pedagógica e das condições de trabalho dos docentes.

2.1.2 Currículo do estado do Piauí

O Currículo do Estado do Piauí, elaborado em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orienta a organização do trabalho pedagógico nas escolas da rede pública estadual, respeitando as especificidades regionais e os princípios da Educação Básica. No âmbito da Educação Física, o documento reafirma esse componente curricular como essencial à formação integral dos estudantes, reconhecendo as práticas corporais como manifestações da cultura corporal de movimento que devem ser vivenciadas, analisadas e ressignificadas no contexto escolar.



Saiba mais
Clique aqui

Em alinhamento com a BNCC, o Currículo do Piauí organiza os conteúdos da Educação Física a partir das unidades temáticas que incluem esportes, jogos, danças, lutas, práticas corporais de aventura e ginástica. A presença da ginástica no documento curricular estadual legitima seu ensino nos anos finais do Ensino Fundamental e reforça seu caráter educativo, superando concepções restritas que a associam exclusivamente ao desempenho técnico ou à prática esportiva de rendimento.

O Currículo do Piauí orienta que o ensino da Educação Física esteja fundamentado em práticas pedagógicas inclusivas, que valorizem a participação de todos os estudantes e respeitem as diferenças individuais, culturais e sociais. Nesse sentido, a ginástica é compreendida como conteúdo que possibilita o desenvolvimento da consciência corporal, da autonomia, da cooperação e da expressividade, podendo ser trabalhada por meio de propostas diversificadas e adaptadas às condições reais das escolas.

O planejamento das práticas pedagógicas deve considerar as especificidades de cada contexto escolar, respeitando as condições de infraestrutura, os recursos disponíveis e a realidade dos estudantes, garantindo a participação e a aprendizagem de todos (Piauí, 2019, p.33).

Nesse contexto, compreender o Currículo do Estado do Piauí como instrumento orientador, e não como mera formalidade normativa, é fundamental para legitimar e fortalecer o ensino da ginástica na Educação Física escolar na rede estadual de ensino em Teresina/PI. Ao reconhecer a ginástica como direito de aprendizagem dos estudantes, o currículo estadual reafirma a importância de iniciativas que contribuam para sua inserção sistemática no cotidiano escolar, especialmente por meio de propostas pedagógicas que dialoguem com a realidade da rede pública e com os desafios enfrentados pelos professores.

2.2 Referenciais teóricos e abordagens pedagógicas da ginástica escolar

A ginástica, enquanto conteúdo da Educação Física escolar, deve ser compreendida para além de uma prática técnica ou esportiva, sendo reconhecida como uma manifestação da cultura corporal de movimento, historicamente construída e socialmente significada. Essa compreensão é sustentada por diferentes referenciais teóricos da área, que defendem uma abordagem pedagógica crítica, inclusiva e contextualizada, especialmente no âmbito da escola pública.

De acordo com Soares *et al.* (1992), a Educação Física escolar tem como objeto de estudo a cultura corporal, entendida como o conjunto de práticas corporais produzidas historicamente pela humanidade, entre as quais se insere a ginástica. Nessa perspectiva, o ensino da ginástica deve possibilitar aos estudantes o acesso a conhecimentos que envolvem não apenas a execução de movimentos, mas também a compreensão de seus significados sociais, culturais e históricos, contribuindo para uma formação crítica e emancipatória.



Saiba mais
Clique aqui

Corroborando com essa visão, Kunz (2012) propõe uma abordagem pedagógica fundamentada na perspectiva crítico-emancipatória, na qual o ensino das práticas corporais, incluindo a ginástica, deve favorecer a autonomia, a reflexão e a participação ativa dos estudantes. Para o autor, a aprendizagem não se limita à reprodução de gestos técnicos, mas envolve processos de experimentação, criação e comunicação corporal, permitindo que os alunos atribuam sentidos próprios às práticas vivenciadas.

No contexto da ginástica escolar, essa abordagem implica superar modelos tradicionais centrados na repetição mecânica de exercícios ou na busca por padrões estéticos e técnicos rígidos. Ao contrário, propõe-se um ensino que valorize a exploração das possibilidades corporais, a adaptação dos movimentos e o respeito às diferenças individuais, considerando as condições físicas, emocionais e socioculturais dos estudantes.

Darido (2012) destaca que a Educação Física escolar deve articular duas dimensões fundamentais: *a prática corporal e a reflexão sobre essa prática*. No ensino da ginástica, isso significa proporcionar momentos de vivência, análise e discussão, nos quais os estudantes possam compreender os objetivos das atividades, os princípios do movimento e as relações da ginástica com a saúde, a expressividade, o lazer e o cotidiano. Essa articulação contribui para tornar o conteúdo mais significativo e próximo da realidade dos alunos.

Outra contribuição relevante para o ensino da ginástica na escola refere-se à compreensão das diferentes manifestações gímnicas. Autores como Ayoub (2007) defendem que a ginástica escolar não deve se restringir a modalidades específicas, como a ginástica artística ou rítmica, mas abarcar um conjunto amplo de práticas, incluindo ginástica geral, ginástica para todos, atividades acrobáticas, exercícios de equilíbrio, força, flexibilidade e expressão corporal. Essa ampliação conceitual favorece a inclusão e possibilita o desenvolvimento do conteúdo mesmo em contextos com limitações de espaço e materiais.

No que se refere às abordagens pedagógicas, a literatura aponta para a importância de metodologias que priorizem a participação, a cooperação e a criatividade. Propostas como o ensino por meio de desafios motores, circuitos adaptados, trabalho em grupos e criação coletiva

de sequências gímnicas mostram-se adequadas ao contexto escolar, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. Essas estratégias permitem que o professor organize o ensino da ginástica de forma progressiva, respeitando o nível de desenvolvimento dos estudantes e as condições da escola.

Além disso, Betti (1991; 2009) enfatiza que a Educação Física escolar deve contribuir para a formação de sujeitos críticos e participativos, capazes de compreender e intervir na realidade social. No ensino da ginástica, essa perspectiva implica problematizar estereótipos corporais, padrões de desempenho e concepções excludentes, promovendo uma prática pedagógica que valorize a diversidade corporal e a construção coletiva do conhecimento.

Dessa forma, os referenciais teóricos e as abordagens pedagógicas da ginástica escolar convergem para a defesa de um ensino que seja acessível, inclusivo e significativo. Ao considerar a ginástica como conteúdo educativo e cultural, e não como prática restrita ao alto rendimento, amplia-se seu potencial pedagógico e sua viabilidade no contexto da escola pública. Esses fundamentos teóricos sustentam as diretrizes práticas apresentadas neste guia, orientando o professor na construção de propostas pedagógicas coerentes com a realidade escolar e com os princípios da Educação Física na Educação Básica.

3 DIAGNÓSTICO LOCAL DO ENSINO DE GINÁSTICA

O presente guia foi construído a partir de um diagnóstico realizado no contexto das escolas da rede estadual de ensino de Teresina/PI, com foco no ensino de ginástica nas aulas de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental. Esse diagnóstico teve como finalidade compreender como o ensino de ginástica é desenvolvido nas aulas de Educação Física das escolas públicas estaduais do Ensino Fundamental de Teresina-PI, caracterizar as dificuldades dos docentes para o ensino de ginástica e analisar como as dificuldades enfrentadas pelos professores para esse ensino se mostram como desafios nas aulas de Educação Física.

A realização desse levantamento possibilitou que as diretrizes propostas neste material estejam fundamentadas na realidade escolar, respeitando as condições concretas de trabalho docente, a infraestrutura disponível nas escolas e as características do currículo estadual.

3.1 A pesquisa e os participantes

O diagnóstico local foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, realizada em escolas da rede estadual em Teresina/PI que atendem aos anos finais do Ensino Fundamental. A escolha dessa abordagem permitiu compreender, de forma aprofundada, as percepções, experiências e práticas dos professores de Educação Física em relação ao ensino da ginástica escolar.

Participaram da pesquisa professores de Educação Física efetivos da rede estadual e em atuação nos anos finais do Ensino Fundamental durante o período da coleta de dados. Os critérios de inclusão adotados foram: atuar nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), ser professor efetivo da rede estadual de ensino e concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da amostra os professores que se encontravam afastados ou que tivessem se afastado por período igual ou superior a seis meses, bem como aqueles que exerciam funções administrativas ou que se recusaram a assinar o TCLE.

Os dados foram coletados por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas e que abordou os seguintes pontos: identificação do participante, formação acadêmica, concepções dos professores sobre o ensino de ginástica, estrutura física e materiais para as aulas de ginástica e os principais desafios encontrados. Cada participante da pesquisa respondeu de forma individual e sem comunicação verbal e/ou comunicação escrita com a pesquisadora e com os outros participantes.

A coleta de dados aconteceu nas escolas selecionadas para a pesquisa após a liberação da Secretaria Estadual do Piauí – SEDUC, bem como após sua aprovação pelo Comitê de Ética através do parecer consubstanciado nº 7.321.563, datado de 30 de dezembro de 2024. Ao chegar às escolas, a pesquisadora seguiu com a apresentação pessoal e do objetivo da pesquisa e após a aprovação da direção da instituição, seguiu para a coleta dos dados.

As informações obtidas a partir desse diagnóstico subsidiam a elaboração das diretrizes políticas e práticas apresentadas nos capítulos seguintes, garantindo que o guia se configure como um material aplicável, contextualizado e alinhado às demandas reais dos professores da rede estadual do Piauí.

3.2 Situação atual do ensino de ginástica nas escolas pesquisadas

Os dados da pesquisa indicam que o ensino de ginástica nas escolas pesquisadas ocorre de forma limitada e pouco sistematizada, apesar de o conteúdo estar previsto nos documentos curriculares. Na prática, a ginástica encontra dificuldades para se concretizar de maneira regular e consistente nas aulas de Educação Física. De modo geral, as aulas em que a ginástica é abordada apresentam caráter fragmentado, com predomínio de atividades teóricas ou propostas práticas simplificadas. Jogos, atividades lúdicas e exercícios adaptados são as estratégias mais utilizadas, como forma de viabilizar o trabalho com o conteúdo diante das condições existentes nas escolas. Quando as modalidades de ginástica são desenvolvidas, observa-se maior incidência de experiências relacionadas à Ginástica para Todos, em detrimento de outras possibilidades pedagógicas.

A pesquisa também evidencia que a insuficiência de formação específica para o ensino da ginástica impacta diretamente a prática docente implicando em insegurança pedagógica e dificuldades no domínio de estratégias metodológicas adequadas, o que contribui para a abordagem parcial do conteúdo ou para sua não inserção nas aulas. As condições materiais e estruturais, são inexistentes ou precárias para o ensino apropriado da ginástica e a adaptação de espaços e o uso de materiais alternativos, acabam se manifestando como alternativas para tornar as atividades possíveis dentro da realidade escolar.

Outro aspecto evidenciado pelos dados refere-se à necessidade de oportunidades formativas na área da Educação Física, especialmente direcionadas ao ensino da ginástica. Nesse sentido, a ausência de políticas sistemáticas de formação continuada promovidas pela rede estadual de ensino configura-se como uma lacuna relevante, identificada a partir das respostas obtidas.

3.3 Boas práticas e experiências exitosas

Apesar dos desafios identificados no ensino de ginástica nas escolas pesquisadas, o diagnóstico também revelou a existência de práticas pedagógicas positivas desenvolvidas por professores da rede estadual, que demonstram a viabilidade do trabalho com esse conteúdo mesmo em contextos adversos.

Entre as experiências exitosas, destaca-se o uso de atividades adaptadas e progressivas, que respeitam o nível de habilidade dos estudantes e as condições estruturais que dispõem as escolas. A utilização de movimentos básicos da ginástica, combinados com jogos e atividades lúdicas, são estratégias que favorecem a participação de todos os alunos. O uso de materiais alternativos e de baixo custo, como garrafas plásticas, cordas, colchonetes improvisados e marcações no chão, também são opções apontadas que possibilitam a realização de atividades ginásticas em espaços reduzidos, como quadras, pátios ou salas adaptadas. Essas estratégias evidenciam a criatividade docente e a capacidade de ressignificar o conteúdo a partir dos recursos disponíveis.

Observa-se, ainda, a valorização da Ginástica para Todos como abordagem predominante nas aulas de ginástica como experiências bem-sucedidas. Essa perspectiva tem permitido o desenvolvimento de aulas mais inclusivas, cooperativas e expressivas, priorizando a participação, a criatividade e o trabalho coletivo, em detrimento de padrões técnicos rígidos ou de caráter competitivo que exigem mais conhecimento técnico, participação e materiais específicos.

Essas experiências demonstram que, mesmo diante de limitações estruturais e formativas, é possível desenvolver práticas significativas de ginástica escolar quando há planejamento, adaptação pedagógica e compreensão da ginástica como conteúdo educativo acessível. As boas práticas identificadas reforçam a importância de orientações claras e contextualizadas, que auxiliem os professores a ampliar e qualificar o ensino da ginástica na rede estadual.

4 DIRETRIZES POLÍTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA

Este capítulo apresenta diretrizes políticas voltadas ao fortalecimento do ensino de ginástica no contexto da Educação Física escolar, a partir das evidências produzidas no diagnóstico local da pesquisa. As proposições aqui apresentadas partem do entendimento de que os desafios relacionados à inserção e ao desenvolvimento da ginástica nas escolas não se restringem à prática individual do professor, mas estão diretamente associados a fatores institucionais, organizacionais e formativos.

Nesse sentido, a escrita desta seção orienta-se por quatro perspectivas centrais: (1) recomendações para a gestão escolar; (2) inserção da ginástica no Projeto-Pedagógico (PP) da escola; (3) formação continuada dos professores; e (4) incentivo a projetos interdisciplinares. Essas dimensões foram recorrentes nas falas dos professores participantes da pesquisa, sendo apontadas como aspectos que dificultam a efetivação do ensino da ginástica nas aulas de Educação Física.

Ao considerar essas perspectivas, o capítulo busca deslocar a compreensão do ensino de ginástica de uma responsabilidade exclusivamente docente para uma ação compartilhada no âmbito da escola, envolvendo gestão, coordenação pedagógica e comunidade escolar. As diretrizes aqui apresentadas têm como finalidade orientar decisões institucionais que favoreçam condições pedagógicas mais equitativas, ampliem as possibilidades de intervenção do professor e contribuam para a consolidação da ginástica como conteúdo curricular legítimo e significativo no contexto escolar.

4.1 Recomendações para a gestão escolar

O fortalecimento do ensino de ginástica nas aulas de Educação Física depende, de forma significativa, do envolvimento e do apoio da gestão escolar. Os desafios identificados na pesquisa evidenciam que a efetivação desse conteúdo não pode ser atribuída exclusivamente à iniciativa individual do professor, sendo necessária a adoção de ações institucionais que favoreçam sua inserção no cotidiano escolar. Em colaboração com esse pensamento, Prietto; Souza (2020) e Ferreira; Bendrath (2025), afirmam em seus estudos que as políticas públicas e a gestão influenciam decisivamente a implementação curricular e as práticas docentes.

Recomenda-se que a gestão reconheça a ginástica como conteúdo curricular legítimo e necessário à formação integral dos estudantes, garantindo espaço no planejamento pedagógico da escola. Esse reconhecimento implica apoiar o trabalho docente, estimular o planejamento

coletivo e promover ações que valorizem a Educação Física no conjunto das práticas escolares. Cabe à gestão buscar estratégias para otimizar o uso dos espaços físicos disponíveis e apoiar a aquisição ou confecção de materiais pedagógicos de baixo custo, considerando a realidade estrutural das escolas. Tais ações contribuem para reduzir as limitações apontadas pelos professores e ampliam as possibilidades de desenvolvimento da ginástica no cotidiano escolar.

4.2 Inserção da ginástica no Projeto Político-Pedagógico (PPP)

A pesquisa revelou que a ausência ou fragilidade da ginástica nos documentos institucionais contribui para sua abordagem pontual e secundarizada nas aulas. Diante disso, recomenda-se que a ginástica seja contemplada no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, em consonância com a BNCC e com o Currículo do Estado do Piauí.

A gestão deve reconhecer a Educação Física como componente curricular integral e estratégico no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, assegurando condições mínimas para sua implementação. Nesse sentido, é fundamental que a gestão incentive o planejamento coletivo, promovendo espaços de diálogo entre professores e coordenação pedagógica para a organização das ações relacionadas ao ensino da ginástica. Prietto e Souza (2020) destacam que, embora a legislação brasileira reconheça a Educação Física como disciplina obrigatória, as políticas educacionais nem sempre garantem sua efetivação como prioridade no cotidiano escolar.

A inclusão da ginástica no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola representa uma estratégia fundamental para sua efetivação como conteúdo curricular legítimo, articulado às finalidades educacionais que orientam a prática da Educação Física no contexto escolar. O PPP, enquanto documento orientador das decisões pedagógicas e organizacionais da instituição de ensino, expressa os valores, princípios, objetivos e compromissos que norteiam o trabalho docente e a construção das práticas educativas com os estudantes (Lüdke; André, 1986; Libâneo, 2013). Nesse sentido, sua estruturação deve contemplar de forma explícita os conteúdos e saberes que se deseja promover garantindo coerência entre intenções educativas, condições de sua implementação e formas de avaliação.

A pesquisa realizada identificou que a ginástica, embora presente nos referenciais curriculares oficiais, encontra-se frequentemente ausente ou apenas mencionada de forma genérica nos documentos institucionais das escolas pesquisadas. Tal ausência contribui para sua abordagem fragmentada e secundarizada nas práticas pedagógicas, pois a inclusão formal no PPP confere legitimidade curricular e orienta o planejamento coletivo dos docentes em torno

de objetivos e princípios compartilhados. Segundo Cavalcante (2014), a formalização de conteúdos no PPP estimula a organização pedagógica da escola e favorece a consistência e continuidade das ações educativas.

Inserir não somente a ginástica, mas alinhar os saberes da Educação Física com o PPP da escola, significa, portanto, mais do que listar conteúdos a serem abordados: implica explicitar os objetivos pedagógicos específicos, os princípios metodológicos que deverão orientar sua abordagem e os critérios de avaliação que permitam acompanhar as aprendizagens dos estudantes. Para Silva e Santos (2020), um PPP que explicita os saberes curriculares fortalece a atuação docente e reduz interpretações fragmentadas dos conteúdos, promovendo maior coerência entre o que está no papel e o que de fato se realiza nas aulas. Em Metodologia do ensino de Educação Física (Soares *et al.*, 1992), enfatizam a importância de uma Educação Física escolar comprometida com um Projeto Político Pedagógico capaz de transformar o homem e a sociedade, a partir da reflexão sobre a cultura corporal, numa perspectiva crítico-superadora.

Além disso, a incorporação da ginástica no PPP deve ser pensada em interação com as diretrizes normativas mais amplas da Educação Física escolar, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo do Piauí. Esses documentos orientadores ressaltam a importância de conteúdos corporais que promovam experiências diversificadas de movimento, expressão, cooperação e construção de significado (Brasil, 2017; Piauí, 2019). Quando o PPP dialoga com esses referenciais, a ginástica deixa de ser vista apenas como atividade recreativa ou física e passa a ser compreendida como meio de desenvolvimento de capacidades motoras, cognitivas e sociais, articuladas a uma proposta educativa mais ampla.

A construção participativa do PPP, envolvendo professores, gestores, estudantes e famílias, também favorece que a ginástica seja inserida de forma alinhada às especificidades da comunidade escolar e às necessidades dos alunos. Libâneo (2013) ressalta que um PPP construído coletivamente tende a refletir melhor as condições locais e a mobilizar compromissos institucionais com as práticas que integram o currículo. Essa participação amplia a corresponsabilidade sobre o conteúdo e reduz a tendência de que ele seja tratado de forma isolada e superficial.

Finalmente, a inserção da ginástica no PPP deve ser acompanhada por mecanismos de monitoramento e avaliação que permitam à comunidade escolar verificar se as ações propostas estão sendo implementadas e gerando os efeitos pedagógicos desejados. Essa dimensão avaliativa reforça a função do PPP como documento dinâmico e orientador da prática escolar, possibilitando ajustes e aprimoramentos contínuos ao longo do tempo.

4.3 Formação continuada dos professores

Os resultados da pesquisa evidenciaram que a insuficiência de formação específica para o ensino da ginástica constitui um dos principais entraves para sua efetivação nas aulas de Educação Física. Os professores participantes relataram insegurança pedagógica, dificuldades no domínio de estratégias metodológicas e limitações quanto à adaptação do conteúdo às condições reais das escolas, fatores que contribuem para a abordagem fragmentada ou para a exclusão da ginástica do planejamento curricular. Essa constatação dialoga diretamente com o que aponta Calegari (2016); Tani *et al.* (2021) que evidenciam a importância da formação continuada como elemento estruturante para a qualificação da prática pedagógica na Educação Física.

Nesse contexto, a formação continuada dos professores assume papel estratégico na consolidação da ginástica como conteúdo curricular, indo além da atualização técnica e alcançando a dimensão pedagógica, reflexiva e contextualizada da prática docente. A pesquisa demonstrou que, na ausência de ações formativas sistemáticas, os professores tendem a recorrer a práticas simplificadas, com predomínio de atividades pontuais, jogos ou exercícios genéricos, o que reforça a secundarização do conteúdo no currículo da Educação Física.

Dessa forma, recomenda-se que as políticas de formação continuada priorizem propostas alinhadas à realidade escolar, considerando as limitações estruturais, o perfil dos estudantes e as condições de trabalho docente. A formação voltada ao ensino da ginástica deve enfatizar abordagens pedagógicas acessíveis, seguras e inclusivas, como a Ginástica para Todos, estratégias de progressão pedagógica e o uso de materiais alternativos, aspectos que dialogam diretamente com as experiências e necessidades apontadas pelos professores na pesquisa.

Além disso, a formação continuada deve ser compreendida como responsabilidade institucional, articulada entre escola, gestão e órgãos educacionais, e não como iniciativa individual do professor. Quando inserida em uma política educacional mais ampla, a formação contribui para reduzir desigualdades pedagógicas, ampliar o repertório metodológico docente e promover maior coerência entre os documentos curriculares e a prática pedagógica (Gomes, 2019).

Por fim, ao considerar os achados da pesquisa, a formação continuada dos professores se apresenta como uma diretriz política essencial para superar as fragilidades identificadas no ensino da ginástica, fortalecendo a atuação docente e criando condições para que o conteúdo

seja desenvolvido de forma sistemática, contextualizada e pedagogicamente significativa nas aulas de Educação Física escolar.

5 DIRETRIZES PRÁTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA

Após a apresentação das diretrizes políticas que envolvem a gestão escolar, o Projeto Político-Pedagógico e a formação continuada dos professores, este capítulo tem como finalidade traduzir essas orientações em propostas práticas para o cotidiano das aulas de Educação Física.

Os dados da pesquisa evidenciaram que, embora os professores reconheçam a importância da ginástica como conteúdo curricular, sua efetivação encontra limites no planejamento pedagógico, na escolha de metodologias adequadas, nos processos de avaliação e na adaptação das atividades às condições reais das escolas. Diante desse cenário, torna-se necessário oferecer orientações que auxiliem o professor a organizar, conduzir e avaliar o ensino da ginástica de forma sistemática, segura e contextualizada.

Outro achado relevante evidenciado pela pesquisa foi a predominância da Ginástica para Todos como a vertente mais adotada pelos professores no contexto escolar investigado. Esse dado não apenas revela uma tendência nas práticas pedagógicas, mas também sinaliza maior familiaridade e viabilidade dessa abordagem no cotidiano das aulas. Diante dessa constatação, o presente guia será estruturado a partir dos fundamentos e princípios da Ginástica para Todos, buscando fortalecer e qualificar essa vertente, potencializando sua aplicação no ambiente escolar.

As diretrizes práticas apresentadas neste capítulo foram elaboradas considerando a realidade das escolas pesquisadas, marcada por limitações estruturais, materiais e formativas. Assim, as propostas aqui descritas buscam apoiar o professor na tomada de decisões pedagógicas, valorizando estratégias flexíveis, o uso de materiais alternativos e metodologias que favoreçam a participação, a inclusão e o protagonismo dos alunos.

Este capítulo contempla orientações relacionadas ao planejamento pedagógico, às metodologias de ensino da ginástica e à adaptação das atividades para diferentes contextos escolares. Essas dimensões dialogam diretamente com os desafios identificados buscando fortalecer a atuação docente e ampliar as possibilidades de inserção da ginástica nas aulas de Educação Física, articulando os princípios políticos discutidos no capítulo anterior com ações pedagógicas concretas, aplicáveis e alinhadas às demandas reais da escola.

5.1 Planejamento pedagógico

O planejamento pedagógico constitui um dos pilares fundamentais para a organização do trabalho docente e para a efetivação dos conteúdos curriculares na escola. No contexto da Educação Física escolar, o planejamento assume papel ainda mais relevante, uma vez que orienta a seleção dos conteúdos, a definição de objetivos, a escolha das metodologias e os processos de avaliação, contribuindo para a intencionalidade pedagógica das aulas (Libâneo, 2013).

Os dados da pesquisa evidenciaram que a ausência de um planejamento sistematizado está diretamente relacionada à abordagem fragmentada da ginástica nas aulas de Educação Física, frequentemente restrita a momentos pontuais, atividades isoladas ou práticas desvinculadas de objetivos pedagógicos claros. Essa constatação reforça a necessidade de compreender o planejamento como um instrumento político e pedagógico que organiza o ensino e assegura a continuidade dos conteúdos ao longo do ano letivo.

De acordo com Zabala (1998), o planejamento deve considerar a progressão das aprendizagens, respeitando o desenvolvimento dos estudantes e articulando conteúdos, procedimentos e atitudes. Aplicado ao ensino da ginástica, isso implica organizar o trabalho pedagógico de modo que os alunos vivenciem diferentes experiências corporais, ampliem gradualmente seu repertório de movimentos e compreendam a ginástica como uma prática cultural diversa e acessível.

No planejamento semestral, recomenda-se que a ginástica seja organizada em unidades temáticas, distribuídas ao longo do período letivo, garantindo sua presença contínua no currículo. Essa organização contribui para superar a lógica de improvisação e favorece a sistematização do conteúdo, conforme orientam os documentos curriculares, que destacam a importância da diversidade de práticas corporais na formação dos estudantes (Brasil, 2017). No caso da ginástica, o planejamento semestral pode contemplar movimentos básicos, jogos ginásticos, atividades rítmicas e expressivas, propostas de criação e composição de movimentos, entre outras possibilidades, conforme modelo no anexo A.

Já o planejamento mensal permite o detalhamento das ações pedagógicas, possibilitando ao professor definir objetivos específicos, conteúdos a serem desenvolvidos, estratégias metodológicas, recursos materiais e critérios de avaliação. Segundo Libâneo (2013), esse nível de planejamento favorece maior controle pedagógico do processo de ensino-aprendizagem e oferece maior segurança ao professor, aspecto especialmente relevante diante da insegurança

pedagógica apontada pelos participantes da pesquisa no trato com o conteúdo ginástica, conforme modelo no anexo B.

Considerando a realidade das escolas pesquisadas, marcada por limitações estruturais e materiais, o planejamento da ginástica deve priorizar propostas flexíveis e adaptáveis. Planejar atividades progressivas, com diferentes níveis de complexidade, contribui para a inclusão de todos os estudantes e para a construção de aulas seguras e pedagogicamente significativas. Essa perspectiva dialoga com a compreensão da Educação Física como componente curricular que deve garantir a participação e a aprendizagem de todos, independentemente das condições físicas ou estruturais disponíveis (Darido; Rangel, 2005).

Outro aspecto fundamental do planejamento pedagógico refere-se à articulação entre conteúdos, metodologias e avaliação. O planejamento da ginástica deve prever instrumentos avaliativos coerentes com os objetivos propostos, valorizando o processo de aprendizagem, a participação, o envolvimento e a capacidade de criação dos estudantes, e não apenas a execução técnica dos movimentos. Essa concepção de avaliação formativa está alinhada à proposta de uma Educação Física comprometida com a formação integral dos alunos (Luckesi, 2011).

Assim, o planejamento pedagógico mensal e semestral configura-se como uma diretriz prática essencial para a consolidação do ensino de ginástica na escola. Ao organizar o trabalho docente de forma intencional e sistemática, o planejamento contribui para superar a fragmentação do conteúdo, fortalecer a prática pedagógica e ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, em consonância com as diretrizes curriculares da rede estadual de ensino do Piauí e com a realidade escolar evidenciada na pesquisa.

5.1.1 Procedimentos metodológicos para a elaboração dos planejamentos pedagógicos

Os modelos de planejamento pedagógico mensal e semestral apresentados neste guia foram elaborados a partir de um processo metodológico que articulou referenciais normativos, fundamentos teóricos da Educação Física escolar e os dados empíricos produzidos pela pesquisa. Tal articulação teve como objetivo garantir que as propostas apresentadas fossem, ao mesmo tempo, pedagogicamente fundamentadas, curricularmente alinhadas e exequíveis no contexto real das escolas investigadas.

Como ponto de partida, adotaram-se as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os Anos Finais do Ensino Fundamental, especificamente aquelas relacionadas ao campo das Ginásticas, agrupadas no bloco EF67. Essas habilidades orientaram a definição dos objetivos de aprendizagem, a seleção dos conteúdos e a organização das

experiências corporais propostas nos planejamentos, assegurando a consonância com as diretrizes curriculares nacionais (Brasil, 2017).

Em seguida, consideraram-se os achados da pesquisa, que evidenciaram dificuldades recorrentes no ensino da ginástica, tais como a ausência de planejamento sistematizado, a insegurança pedagógica dos professores, a limitação de recursos materiais e a fragmentação do conteúdo ao longo do ano letivo. Esses elementos foram determinantes para a escolha de propostas metodológicas flexíveis, progressivas e adaptáveis, capazes de viabilizar o ensino da ginástica mesmo em contextos escolares com restrições estruturais.

Do ponto de vista didático-pedagógico, os planejamentos foram organizados com base na concepção de planejamento como instrumento de intencionalidade e organização do trabalho docente, conforme defendem Libâneo (2013) e Zabala (1998). Assim, o planejamento semestral foi estruturado de modo a garantir a presença contínua da ginástica no currículo, evitando sua abordagem pontual ou episódica. Já o planejamento mensal detalha as ações pedagógicas, permitindo ao professor maior controle do processo de ensino-aprendizagem e maior segurança na condução das aulas.

As atividades propostas priorizam a experimentação, a criação e a cooperação, em consonância com abordagens contemporâneas da Educação Física escolar que valorizam o processo de aprendizagem, a participação dos estudantes e o respeito às diferenças individuais (Darido; Rangel, 2005). Nesse sentido, a avaliação foi concebida sob uma perspectiva formativa, considerando aspectos como envolvimento, participação, cooperação e evolução individual, e não apenas o desempenho técnico.

Dessa forma, os modelos de planejamento apresentados neste guia não se configuram como prescrições rígidas, mas como referenciais orientadores, passíveis de adaptação pelos professores conforme as especificidades de suas turmas, do Projeto Político-Pedagógico da escola e das condições materiais disponíveis. Ao explicitar o percurso metodológico de sua elaboração, busca-se contribuir para a autonomia docente e para a consolidação do ensino da ginástica como conteúdo legítimo e possível na Educação Física escolar.

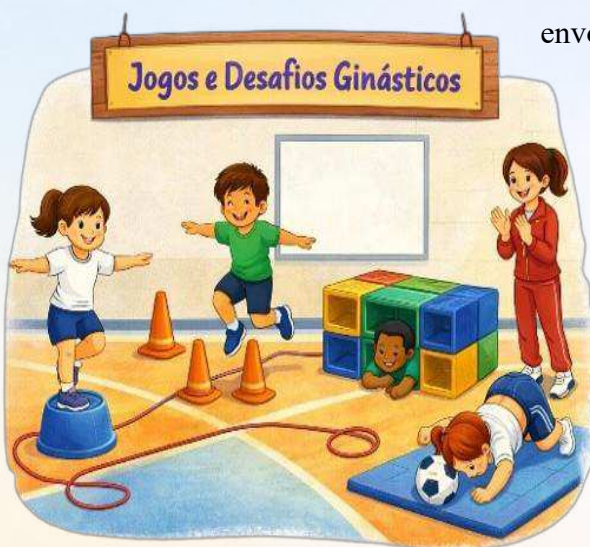
5.2 Metodologias de ensino da ginástica

A escolha das metodologias de ensino da ginástica na Educação Física escolar constitui um elemento central para a efetivação desse conteúdo no cotidiano das aulas. Os dados da pesquisa evidenciaram que, diante da insegurança pedagógica, da limitação de recursos materiais e da ausência de infraestrutura adequada, os professores tendem a restringir o ensino

da ginástica a abordagens fragmentadas, predominantemente teóricas ou baseadas em atividades simplificadas. Esse cenário reforça a necessidade de metodologias que tornem a ginástica pedagogicamente viável, segura e significativa para alunos e professores.

Do ponto de vista pedagógico, as metodologias propostas neste guia partem da compreensão da ginástica como prática corporal cultural, que deve ser ensinada de forma inclusiva, progressiva e contextualizada, conforme orienta a BNCC ao enfatizar a experimentação, a criação e a reflexão sobre as práticas corporais (Brasil, 2017). Nesse sentido, afasta-se de uma concepção tecnicista, centrada na execução de movimentos padronizados, e adota-se uma abordagem que valoriza o processo de aprendizagem e a participação dos estudantes.

Uma das estratégias metodológicas para o ensino da ginástica no contexto escolar é o uso de **jogos e desafios ginásticos**. Essa abordagem favorece a ludicidade, a motivação e o



envolvimento dos alunos, além de possibilitar a exploração de movimentos fundamentais como equilibrar, saltar, rolar e apoiar, de forma adaptada às condições da escola. Segundo Darido e Rangel (2005), os jogos constituem uma estratégia potente para a aprendizagem na Educação Física, pois permitem a vivência corporal associada à resolução de problemas e à cooperação. Como exemplo de atividades para o uso de jogos e desafios de ginástica segue

modelos em Anexo

Outra metodologia relevante é a organização das aulas por meio de **circuitos e estações**



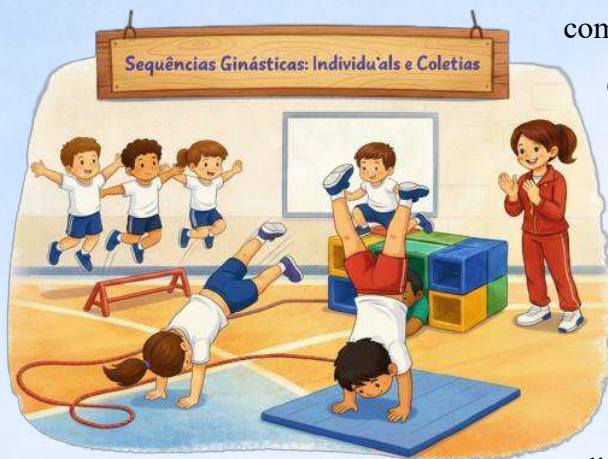
de atividades, que possibilitam a diversificação das

experiências corporais e a adaptação dos exercícios a diferentes níveis de habilidade.

Essa estratégia foi frequentemente mencionada pelos professores participantes da pesquisa como uma alternativa viável frente à escassez de materiais e infraestrutura. Ao estruturar circuitos com materiais alternativos e espaços adaptados, o professor amplia as oportunidades de participação e reduz o tempo de

espera dos alunos, tornando a aula mais dinâmica e inclusiva. Como exemplos de atividades por meio de circuitos e estações de atividades segue modelos em Anexo.

A criação de **sequências ginásticas, individuais ou coletivas**, também se apresenta



como uma metodologia coerente com os objetivos educacionais da ginástica escolar. Ao propor que os alunos criem, combinem e apresentem movimentos, o professor estimula a criatividade, a autonomia e o trabalho em grupo, além de favorecer a compreensão da ginástica como linguagem corporal expressiva. Essa abordagem dialoga diretamente com as habilidades da BNCC que

ênfaticamente a criação e a combinação de movimentos, respeitando limites corporais e regras de segurança (Brasil, 2017). Para essa proposta metodológica sugerida, segue dois modelos, em anexo: um para sequência ginástica individual e outro coletiva, que possam subsidiar o professor em suas aulas.

Considerando os achados da pesquisa, que indicaram a predominância da Ginástica para Todos como a modalidade mais abordada nas escolas, as metodologias propostas neste guia se alinham a essa perspectiva, por seu caráter inclusivo, participativo e não competitivo. A Ginástica para Todos permite a adaptação de movimentos, materiais e espaços, favorecendo a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades motoras, e contribuindo para a construção de experiências positivas com o conteúdo.

Outro aspecto metodológico fundamental refere-se à **progressão pedagógica das atividades**. Conforme destaca Zabala (1998), o ensino deve respeitar uma sequência lógica que possibilite ao aluno avançar gradualmente em suas aprendizagens. No ensino da ginástica, isso implica iniciar com movimentos simples e familiares, avançando progressivamente para combinações mais complexas, sempre considerando o ritmo e as possibilidades da turma. Essa progressão contribui para reduzir a insegurança docente apontada na pesquisa e para promover aulas mais seguras e organizadas. Segue em Anexo modelo de atividades sob a metodologia progressão pedagógica das atividades.

Por fim, destaca-se a importância de metodologias que integrem reflexão e diálogo ao longo das aulas. Momentos de conversa, registros orais ou escritos e avaliações coletivas permitem que os alunos compreendam os objetivos das atividades, reflitam sobre suas

experiências corporais e reconheçam seus avanços. Essa prática reforça o caráter educativo da ginástica e fortalece a intencionalidade pedagógica do trabalho docente.

5.3 Avaliação da aprendizagem nas aulas de ginástica

A avaliação da aprendizagem nas aulas de ginástica deve ser compreendida como um processo contínuo, formativo e integrado ao desenvolvimento das atividades, e não como um momento isolado ou restrito à mensuração do desempenho técnico dos estudantes. Considerando os achados desta pesquisa, que evidenciam a insegurança docente quanto ao ensino da ginástica e as limitações estruturais e materiais das escolas, torna-se fundamental adotar estratégias avaliativas coerentes com a realidade escolar e com os princípios da Educação Física escolar.

Nessa perspectiva, a avaliação deve priorizar a participação, o envolvimento, a experimentação dos movimentos, a cooperação e o respeito às diferenças, em consonância com as diretrizes adotadas pela rede estadual de ensino do Piauí relacionadas às ginásticas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Avaliar ginástica, portanto, não significa avaliar a execução perfeita dos movimentos, mas acompanhar o processo de aprendizagem corporal, considerando os avanços individuais e coletivos ao longo das aulas.

Entre os instrumentos avaliativos possíveis, destaca-se a observação sistemática, na qual o professor acompanha o comportamento dos alunos durante jogos, desafios, circuitos e sequências ginásticas, observando aspectos como participação, iniciativa, cooperação, respeito às regras de segurança e tentativa de resolução dos desafios motores. Esse tipo de avaliação permite registrar evidências do aprendizado de forma contínua e contextualizada.

Outra estratégia relevante é a autoavaliação dos estudantes, que pode ocorrer por meio de conversas ao final das aulas ou de registros simples, nos quais os alunos são convidados a refletir sobre sua participação, dificuldades e conquistas. Essa prática contribui para o desenvolvimento da autonomia, da consciência corporal e da valorização do próprio processo de aprendizagem.

A avaliação também pode contemplar a avaliação coletiva, especialmente nas propostas de sequências ginásticas em grupo, circuitos e estações. Nesses casos, o foco deve estar na capacidade de organização coletiva, no diálogo entre os estudantes, na cooperação e na construção conjunta das atividades, reforçando valores fundamentais para a convivência escolar.

Importante ressaltar que a avaliação da ginástica deve estar alinhada ao planejamento pedagógico, às propostas metodológicas adotadas e aos objetivos definidos para cada turma. Dessa forma, os critérios avaliativos precisam ser claros e previamente compartilhados com os alunos, contribuindo para uma relação mais transparente e formativa com o conhecimento.

Assim, ao adotar uma avaliação processual e inclusiva, o professor amplia as possibilidades de inserção da ginástica nas aulas de Educação Física, reduzindo barreiras pedagógicas e fortalecendo a compreensão desse conteúdo como parte integrante e significativa do currículo escolar.

O quadro a seguir apresenta uma sistematização dos processos avaliativos que podem ser adotados nas aulas de ginástica nos Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando uma perspectiva formativa, processual e coerente com as propostas metodológicas deste guia. Este quadro tem como finalidade apoiar o professor de Educação Física na organização e aplicação da avaliação da aprendizagem em ginástica, de forma coerente com a BNCC, com as propostas metodológicas deste guia e com a realidade das escolas públicas.

Quadro 1 - Apresentação da proposta avaliativa da aprendizagem em ginástica

Instrumento avaliativo	O que avaliar	Quando avaliar	Habilidades relacionadas
Observação sistemática	Participação, envolvimento, tentativa de execução, respeito às regras de segurança	Durante jogos, desafios, circuitos e sequências ginásticas	EF67EF01 EF67EF02
Autoavaliação	Percepção do aluno sobre sua participação, dificuldades e avanços	Ao final das aulas ou das unidades	EF67EF01 EF67EF04
Avaliação coletiva	Cooperação, organização do grupo, diálogo e respeito às diferenças	Em atividades em grupo e sequências coletivas	EF67EF03 EF67EF04
Produção prática	Criação e execução de sequências ginásticas individuais ou coletivas	Ao final de um ciclo de atividades	EF67EF02 EF67EF03
Registro do professor	Anotações sobre avanços, desafios e participação dos alunos	Ao longo do processo pedagógico	Todas

Fonte: Autora (2026)

5.4 Adaptação das atividades para diferentes contextos e realidades

A adaptação das atividades de ginástica para diferentes contextos e realidades escolares constitui um princípio fundamental para a efetivação desse conteúdo na Educação Física escolar. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a ausência de infraestrutura adequada, a

escassez de materiais específicos e as diferentes características das turmas são fatores que impactam diretamente as escolhas pedagógicas dos professores, muitas vezes resultando na não inserção da ginástica nas aulas ou em sua abordagem de forma pontual e superficial.

Diante desse cenário, este guia parte do entendimento de que a ginástica escolar deve ser pensada a partir das possibilidades reais de cada escola, e não condicionada a padrões técnicos ou estruturais ideais. Conforme orienta a BNCC, o ensino das práticas corporais deve considerar o contexto sociocultural dos estudantes, valorizando a experimentação, a participação e o respeito às diferenças, independentemente das condições materiais disponíveis.

Uma das principais estratégias de adaptação refere-se ao **uso de materiais alternativos e acessíveis**, como bolas, cordas, cones, bancos, tapetes, garrafas plásticas e marcações no chão. Esses recursos permitem a organização de jogos, desafios, circuitos e sequências ginásticas, viabilizando a prática corporal de forma segura e significativa. A pesquisa revelou que professores que recorrem à adaptação de materiais conseguem desenvolver o conteúdo de ginástica com maior frequência, ainda que de maneira limitada, o que reforça o potencial pedagógico dessa estratégia.

Outro aspecto relevante diz respeito à **adaptação dos espaços escolares**. Quadras, pátios, salas amplas e até mesmo corredores podem ser reorganizados para a realização das atividades propostas, desde que respeitadas as regras de segurança e os limites corporais dos alunos. A flexibilidade no uso dos espaços amplia as possibilidades de intervenção pedagógica e contribui para a inserção da ginástica no cotidiano escolar, mesmo em contextos com restrições estruturais.

A adaptação também deve considerar as **diferenças individuais dos estudantes**, respeitando níveis distintos de habilidade motora, ritmos de aprendizagem e formas de participação. Nesse sentido, a proposta de progressão pedagógica apresentada neste guia possibilita que os alunos avancem gradualmente nas atividades, partindo de movimentos simples para combinações mais complexas, sem comprometer a inclusão e a participação de todos. Essa abordagem dialoga diretamente com as habilidades da BNCC que enfatizam o respeito às diferenças e a cooperação nas práticas corporais de ginástica.

Além disso, a organização das atividades em **jogos, desafios, circuitos e estações** favorece a adaptação simultânea a diferentes realidades, pois permite ajustar o nível de dificuldade, o tempo de execução e a complexidade dos movimentos conforme as condições da turma e da escola. Essa flexibilidade metodológica contribui para reduzir a insegurança docente identificada na pesquisa, ao oferecer alternativas práticas e acessíveis para o ensino da ginástica.

Portanto, a adaptação das atividades de ginástica não deve ser compreendida como uma limitação pedagógica, mas como uma estratégia intencional de ensino, que reconhece a diversidade dos contextos escolares e reafirma o compromisso da Educação Física com a formação integral dos estudantes. Ao adotar práticas adaptáveis e contextualizadas, o professor amplia as possibilidades de inserção da ginástica no currículo escolar, fortalecendo sua presença como conteúdo educativo, inclusivo e significativo.

6 RECURSOS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA

Os dados coletados nesta pesquisa revelaram, de forma recorrente, que a falta de materiais e de infraestrutura adequada é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores para o ensino da ginástica na escola. A maioria dos participantes relatou atuar em contextos marcados por limitações físicas dos espaços, ausência de materiais adequados e escassez de recursos pedagógicos, o que impacta diretamente as escolhas metodológicas realizadas no cotidiano das aulas.

Ainda assim, os relatos também evidenciaram o esforço de alguns professores em buscar alternativas para viabilizar o trabalho com a ginástica, recorrendo à adaptação de materiais disponíveis na escola e à reorganização dos espaços como forma de ampliar seu repertório pedagógico. Esses achados reforçam a necessidade de propostas que dialoguem com a realidade concreta das escolas e valorizem soluções possíveis, acessíveis e criativas.

Diante desse cenário, este capítulo foi pensado como um apoio prático ao professor, reunindo sugestões de recursos que possam contribuir para a implementação do ensino da ginástica mesmo em contextos com restrições materiais. A intenção não é apresentar modelos idealizados, mas oferecer caminhos viáveis que respeitem as condições reais de trabalho docente, conforme evidenciado pela pesquisa.

O capítulo organiza-se em dois eixos complementares. O primeiro trata do uso de materiais alternativos e de baixo custo, destacando possibilidades de criação, adaptação e utilização de recursos simples que favoreçam a experimentação corporal, a segurança e a participação dos estudantes nas atividades ginásticas. O segundo eixo apresenta recursos digitais e links úteis, como vídeos, tutoriais e plataformas educacionais, que podem auxiliar no planejamento das aulas.

Ao reunir essas propostas, busca-se contribuir para a superação das dificuldades apontadas pelos professores participantes da pesquisa, fortalecendo a autonomia docente e ampliando as possibilidades de inserção da ginástica no contexto da Educação Física escolar de forma significativa, contextualizada e possível.

6.1 Materiais alternativos e de baixo custo para o ensino de ginástica

Esta seção tem como objetivo subsidiar o professor em sua prática pedagógica, contribuindo para um ensino de ginástica mais consistente, viável e fortalecido no contexto escolar. As propostas aqui apresentadas buscam oferecer materiais e recursos que auxiliem na

superação das dificuldades identificadas na pesquisa, especialmente aquelas relacionadas à escassez de materiais e às limitações estruturais para o ensino da ginástica

O quadro abaixo reúne links de vídeos que ensinam a confeccionar materiais alternativos para uso nas aulas de ginástica, utilizando objetos acessíveis e recicláveis. Esses recursos auxiliam o professor a ampliar o repertório de materiais disponíveis, promovendo a participação dos estudantes em processos de construção e exploração das práticas ginásticas.

Quadro 2 - Vídeos para confecção de materiais alternativos para uso nas aulas de ginástica.

Material confeccionado	Link do vídeo	Descrição do recurso	Possibilidades Pedagógicas
Maças de ginástica rítmica com materiais alternativos	https://www.youtube.com/watch?v=0YVNRmzk5rc	Tutorial passo a passo para confeccionar maças utilizando materiais simples e recicláveis.	Manipulação de objetos, coordenação motora, ritmo e composição de sequências ginásticas.
Fita de ginástica rítmica artesanal (modelo 1)	https://www.youtube.com/watch?v=6tlrbCE1vn0	Vídeo demonstrativo para confecção de fita de ginástica com materiais acessíveis.	Exploração do movimento, fluidez, expressão corporal e criatividade.
Fita de ginástica rítmica artesanal (modelo 2)	https://www.youtube.com/watch?v=GV9i9Fsiy9E	Tutorial simples para construção de fita de ginástica com palito e fita de cetim.	Desenvolvimento da coordenação, ritmo e organização espacial.
Fita de ginástica artística – DIY	https://www.youtube.com/watch?v=oWkIn0iVr1Y	Apresenta outra possibilidade de confecção de fita com baixo custo.	Ampliação do repertório de materiais e adaptação às realidades escolares.
Bola alternativa (jornal e fita adesiva)	https://www.youtube.com/watch?v=OYY74I_V5g8	Demonstra como confeccionar bolas a partir de jornal e fita, de forma simples e segura.	Jogos ginásticos, lançamentos, equilíbrios, desafios motores e circuitos.
Maças de ginástica com materiais recicláveis (PET)	https://www.youtube.com/watch?v=MpLzVKP4zKI	Mostra a construção de maças utilizando garrafas PET e outros materiais reaproveitáveis.	Manipulação, coordenação, trabalho rítmico e consciência corporal.

Fonte: Autora (2026)

6.2 Recursos digitais e links úteis para o ensino de ginástica

Os recursos digitais têm se constituído como importantes aliados no trabalho docente, especialmente em contextos escolares marcados pela escassez de materiais e pela ausência de formação específica para o ensino da ginástica. Os dados desta pesquisa indicam que muitos professores recorrem a vídeos, tutoriais e plataformas online como forma de ampliar seu

repertório pedagógico, buscar novas estratégias metodológicas e adaptar conteúdos à realidade das escolas em que atuam.

Diante desse cenário, este item reúne uma seleção de vídeos, tutoriais e plataformas em língua portuguesa que podem auxiliar o professor tanto no planejamento quanto na realização das aulas de ginástica. Os recursos apresentados contemplam aulas práticas, demonstrações de movimentos, propostas metodológicas e experiências desenvolvidas em contextos escolares reais, com uso de materiais e espaços alternativos.

A proposta não é oferecer modelos a serem reproduzidos de forma mecânica, mas inspirar o professor a refletir, adaptar e ressignificar as práticas apresentadas, considerando as características dos estudantes, as condições materiais da escola e os objetivos pedagógicos da Educação Física. Assim, os recursos digitais aqui reunidos buscam contribuir para um ensino de ginástica mais acessível, contextualizado e possível no cotidiano escolar.

O quadro 3, reúne links de vídeos, plataformas e tutoriais que foram selecionados com foco no apoio ao professor de Educação Física no ensino da ginástica, contemplando aulas práticas, demonstrações de movimentos, abordagens conceituais e tutoriais que podem inspirar, ilustrar e subsidiar a construção de propostas pedagógicas adaptadas à realidade escolar. Esses recursos podem ser usados em planejamento, em formação docente ou como elementos didáticos em sala/quadra.

Quadro 3 - Recursos digitais (vídeos e plataformas) úteis para o ensino de ginástica

Tipo de recurso	Link	Conteúdo
Ginástica e BNCC – fundamentos para o ensino escolar	https://www.youtube.com/watch?v=cbUC5Gb_U_Y	Conteúdo teórico que relaciona a ginástica às orientações da BNCC, auxiliando o professor na compreensão curricular do conteúdo.
Metodologia do ensino da ginástica escolar (aula prática)	https://www.youtube.com/watch?v=tg9pgNh7q0w	Aula demonstrativa que apresenta estratégias metodológicas para trabalhar a ginástica na escola, com organização didática da aula.
Movimentos básicos da ginástica	https://www.youtube.com/watch?v=Vwd3almqwdM	Demonstração de movimentos fundamentais que podem ser adaptados para jogos, desafios ginásticos e sequências pedagógicas.
Circuito de condicionamento físico na escola	https://www.youtube.com/watch?v=uqTzX2qo19Q	Trabalho de força, resistência e flexibilidade
Descomplicando a GPT	https://www.youtube.com/watch?v=GdHBxHpzuUM&list=PLDP-	Vídeo explicativo sobre as bases da GPT.

	NuyMNWQDKU5AeXBg1Mcsy7Bom3VA5	
Aprenda a ensinar – Ginástica artística na escola	https://www.youtube.com/watch?v=Z-jiO0Pumw	Vídeo com orientações didáticas para o ensino da ginástica artística, com possibilidades de adaptação de materiais e espaços.
Aula prática de ginástica na escola para anos finais	https://www.youtube.com/watch?v=pabI7aoaS2E	Movimentos básicos de ginástica para aulas para os anos Finais do EF.

Fonte: Autora (2026)

6.3 Modelos metodológicos para o ensino de ginástica

Esta seção apresenta modelos pedagógicos alinhados à proposta metodológica adotada neste guia, com foco no uso de jogos e desafios ginásticos, circuitos e estações de atividades, criação de sequências ginásticas (individuais e coletivas) e na progressão pedagógica das atividades, considerando a realidade apontada pela pesquisa e as habilidades da BNCC para os Anos Finais do Ensino Fundamental.

MODELO - USO DE JOGOS E DESAFIOS GINÁSTICOS

Atividade 1 – Desafio do Equilíbrio em Movimento

Ano/Série: 6º ao 9º ano

Unidade Temática: Ginástica

Tempo estimado: 20 a 25 minutos

Objetivo da atividade: desenvolver o equilíbrio, a coordenação motora e o controle corporal por meio de desafios progressivos, valorizando a participação e o respeito às diferenças individuais.

Materiais: Cones, Cordas, Bolas, Bancos, caixas ou marcas no chão (fita, giz)

Organização:

O professor organiza no espaço da quadra ou pátio um percurso simples com diferentes desafios de equilíbrio. Os alunos realizam o percurso individualmente ou em pequenos grupos, respeitando sua própria velocidade.

Descrição da atividade

1. Os alunos devem percorrer o trajeto realizando os seguintes desafios;
2. Caminhar sobre a corda colocada no chão, mantendo o equilíbrio;



3. Transportar uma bola de um ponto a outro sem deixá-la cair;
4. Permanecer em equilíbrio em um pé só por alguns segundos ao final do percurso.

O desafio pode ser ajustado conforme o nível da turma, aumentando ou reduzindo o tempo, a distância ou a complexidade dos movimentos.

Avaliação: A avaliação ocorre de forma processual, considerando: participação, tentativa de realização dos desafios e respeito aos colegas e às regras da atividade.

Atividade 2 – Jogo dos Desafios Ginásticos Cooperativos

Ano/Série: 6º ao 9º ano

Unidade Temática: Ginástica

Tempo estimado: 25 a 30 minutos

Objetivo da atividade: estimular a cooperação, a criatividade e a experimentação de movimentos ginásticos, por meio de desafios coletivos.

Materiais: Cones, Cordas, Colchonetes ou tapetes, Cartões com desafios (opcional)

Organização:

A turma é dividida em pequenos grupos. Cada grupo recebe um desafio ginástico a ser resolvido coletivamente, utilizando os materiais disponíveis.

Descrição da atividade

Os grupos devem criar e executar uma pequena sequência de movimentos que contemple, pelo menos:

- um movimento de equilíbrio;
- um movimento de deslocamento;
- um movimento no solo (rolar, apoiar ou rastejar).

Avaliação: São considerados: envolvimento do grupo; cooperação entre os participantes; criatividade na resolução dos desafios; respeito aos limites corporais.

Após o tempo de criação, os grupos apresentam suas sequências para os colegas, que observam e comentam de forma respeitosa.

MODELO – CIRCUITOS GINÁSTICOS E DESAFIOS DE GINÁSTICA

Atividade 1 – Circuito Ginástico de Movimentos Fundamentais

Ano/Série: 6º ao 9º ano



Unidade Temática: Ginástica – circuitos de movimentos básicos

Tempo estimado: 25 a 30 minutos

Objetivo da atividade: vivenciar e ampliar os movimentos fundamentais da ginástica (equilibrar, saltar, apoiar e rolar), promovendo a participação de todos os alunos de forma segura e progressiva.

Materiais: Cones, Cordas, Colchonetes, tapetes ou EVA, Bolas.

Organização:

O professor organiza o espaço em quatro estações, distribuídas pela quadra ou pátio. Os alunos são divididos em pequenos grupos e permanecem em cada estação por um tempo determinado (ex.: 2 a 3 minutos), realizando rodízio até completar todo o circuito.

Descrição das estações:

Estação 1 – Equilíbrio: caminhar sobre a corda colocada no chão, mantendo o equilíbrio;

Estação 2 – Saltos: realizar diferentes tipos de saltos entre os cones (frontal, lateral, com um pé);

Estação 3 – Apoios: apoiar mãos e pés no chão, realizando deslocamentos curtos (ex.: posição de quatro apoios);

Estação 4 – Rolamentos adaptados: realizar rolamentos simples ou movimentos de rolar no solo, respeitando os limites corporais.

Avaliação:

A avaliação é processual, considerando: participação e envolvimento, tentativa de execução dos movimentos e respeito às regras de segurança e aos colegas.

Atividade 2 – Circuito de Estações Cooperativas de Ginástica

Ano/Série: 6º ao 9º ano

Unidade Temática: Ginástica – estações cooperativas

Tempo estimado: 30 minutos

Objetivo da atividade: desenvolver a cooperação, a criatividade e a resolução de desafios motores por meio de estações ginásticas realizadas em grupo.

Materiais: Cones, Cordas, Bolas, Cartazes ou cartões com desafios

Organização:

A turma é dividida em grupos, e cada grupo inicia em uma estação. Em cada estação há um desafio ginástico coletivo que deve ser resolvido pelos alunos, com tempo definido pelo professor.

Descrição das estações:

Estação 1 – Desafio do equilíbrio coletivo: o grupo deve atravessar um espaço delimitado por cones sem sair da área, ajudando os colegas;

Estação 2 – Sequência de movimentos: criar uma pequena sequência ginástica com, no mínimo, três movimentos diferentes;

Estação 3 – Transporte cooperativo: conduzir uma bola entre os integrantes sem utilizar as mãos;

Estação 4 – Criação expressiva: criar um movimento ginástico coletivo que represente um tema proposto pelo professor (ex.: animais, formas ou emoções).

Avaliação:

São considerados: cooperação entre os alunos, participação ativa, criatividade na resolução dos desafios e respeito aos limites individuais e coletivos.

As habilidades trabalhadas nos exemplos que englobam tanto os jogos e desafios ginásticos como circuitos e estações de atividades, foram:

EF67EF01: Experimentar, fruir e analisar práticas corporais de ginásticas, identificando seus elementos constitutivos e reconhecendo suas diferentes formas de manifestação.

EF67EF02: Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios motores nas práticas corporais de ginásticas, respeitando as regras de segurança e os limites do próprio corpo e dos colegas.

EF67EF03: Criar, combinar e adaptar movimentos corporais, individualmente e em grupo, para a elaboração de sequências ginásticas, respeitando as diferenças individuais.

EF67EF04: Reconhecer e respeitar as diferenças de desempenho e participação nas práticas corporais de ginásticas, adotando atitudes de cooperação e respeito mútuo.

MODELO - SEQUÊNCIA GINÁSTICA INDIVIDUAL

Ano/Série: 7º ano do Ensino Fundamental

Conteúdo: Ginástica – sequência individual de movimentos

Objetivo: Criar e executar uma sequência simples de movimentos ginásticos, respeitando os limites corporais e as regras de segurança.

Habilidades da BNCC relacionadas:

(EF67EF01) Experimentar práticas corporais de ginásticas.

(EF67EF03) Criar e combinar movimentos corporais.

Etapas da sequência	Descrição da atividade	Orientações ao professor	Avaliação
Início	Movimento de deslocamento (ex.: caminhar, correr leve, girar)	Estimular movimentos simples e seguros	Participação, envolvimento, tentativa de execução e respeito às regras de segurança.
Desenvolvimento	Movimento de equilíbrio ou apoio (ex.: equilíbrio em um pé, apoio de mãos)	Respeitar os limites individuais	
Desenvolvimento	Movimento de salto (ex.: salto com dois pés, salto lateral)	Variar intensidade conforme a turma	
Finalização	Movimento no solo ou pose final	Valorizar controle corporal e criatividade	

MODELO - SEQUÊNCIA GINÁSTICA COLETIVA

Ano/Série: 7º ano do Ensino Fundamental

Unidade Temática: Ginástica – sequência coletiva

Objetivo: Planejar e executar uma sequência ginástica em grupo, promovendo cooperação e respeito às diferenças.

Habilidades da BNCC relacionadas:

(EF67EF02) Resolver desafios motores.

(EF67EF03) Criar e combinar movimentos em grupo.

(EF67EF04) Respeitar diferenças de participação.

Etapas	Descrição da atividade	Orientações ao professor	Avaliação
Início	Movimento sincronizado simples (ex.: deslocamento em fila ou roda)	Estimular organização do grupo	Cooperação, participação, criatividade e respeito aos colegas.
Desenvolvimento	Combinação de movimentos escolhidos pelo grupo	Incentivar diálogo e cooperação	
Desenvolvimento	Transição entre movimentos	Auxiliar na fluidez da sequência	
Finalização	Pose ou movimento final coletivo	Valorizar o trabalho em grupo	
Início	Movimento sincronizado simples (ex.: deslocamento em fila ou roda)	Estimular organização do grupo	

MODELO - PROGRESSÃO PEDAGÓGICA DAS ATIVIDADES GINÁSTICAS

Ano/Série: 7º ano do Ensino Fundamental

Unidade Temática: Ginástica – progressão pedagógica

Nível	Foco pedagógico	Exemplos de atividades	Papel do professor
Inicial	Exploração e vivência	Jogos ginásticos simples, desafios individuais	Estimular participação e segurança
Intermediário	Combinação de movimentos	Sequências curtas individuais e em duplas	Orientar e ajustar movimentos
Avançado	Criação e socialização	Sequências coletivas e apresentações	Mediar, avaliar e refletir

Orientações gerais ao professor:

- Priorizar o processo de criação, e não a execução técnica perfeita;
- Adaptar movimentos conforme espaço, materiais e características da turma;
- Garantir regras de segurança em todas as etapas;
- Utilizar a sequência como instrumento de aprendizagem e avaliação formativa.

Observação pedagógica:

Os modelos apresentados devem ser compreendidos como referenciais orientadores, passíveis de adaptação conforme o Projeto Político-Pedagógico da escola, as condições materiais disponíveis e as características da turma. O foco deve estar na participação, na progressão das aprendizagens e no respeito às diferenças individuais.

MODELOS DE PLANEJAMENTO MENSAL E SEMESTRAL PARA O ENSINO DE GINÁSTICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MODELO 1 – PLANEJAMENTO SEMESTRAL

Educação Física – 7º Ano | Conteúdo: Ginástica

Período: 1º semestre

Carga horária: 2 aulas semanais

Turma: 7º ano do Ensino Fundamental

Objeto do conhecimento: Ginástica

Objetivo geral: Compreender e vivenciar a ginástica como prática corporal cultural, desenvolvendo habilidades motoras, expressivas e cooperativas, respeitando as possibilidades individuais e o contexto escolar.

Habilidades trabalhadas:

(EF67EF01): Experimentar, fruir e analisar práticas corporais de ginástica, valorizando suas diferentes formas de manifestação.

(EF67EF02): Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios motores presentes nas práticas corporais.

(EF67EF03): Criar e combinar movimentos corporais, individualmente e em grupo, respeitando limites corporais e regras de segurança.

(EF67EF04): Reconhecer e respeitar as diferenças de desempenho e participação nas práticas corporais.

MÊS	OBJETO DO CONHECIMENTO	CONTEÚDOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	AValiação
1º Mês	Ginástica de condicionamento físico	Conceito de ginástica; movimentos básicos (rolar, saltar, equilibrar)	Reconhecer a ginástica como conteúdo da Educação Física e vivenciar movimentos fundamentais	Jogos ginásticos; circuitos simples; atividades lúdicas	Participação e envolvimento
2º Mês	Ginástica rítmica e expressiva	Movimentos rítmicos e expressivos	Explorar ritmo, coordenação e expressão corporal	Sequências rítmicas; atividades com música; criação em grupos	Observação do processo
3º Mês	Ginástica geral	Composição de movimentos coletivos	Desenvolver cooperação e criatividade na construção de sequências	Criação de sequências coletivas; trabalho colaborativo	Participação e envolvimento

4º Mês	Capacidades físicas na ginástica	Força, equilíbrio e flexibilidade	Ampliar o repertório motor e desenvolver capacidades físicas básicas	Circuitos adaptados; estações de atividades	Registro sistemático do professor
5º Mês	Sequências ginásticas	Planejamento e execução de sequências simples	Planejar e executar sequências ginásticas em grupo	Trabalho em grupo; ensaios orientados	Avaliação do processo e do produto
6º Mês	Socialização das aprendizagens	Apresentação das produções	Compartilhar produções e refletir sobre as aprendizagens construídas	Mostra pedagógica; roda de conversa avaliativa	Avaliação formativa

MODELO 2 – PLANEJAMENTO MENSAL

Educação Física – 7º Ano | Conteúdo: Ginástica

Mês: março (exemplo)

Tema do mês: Movimentos básicos da ginástica

Número de aulas: 8 aulas (2 por semana)

Unidade Temática: Ginástica

Objetivo geral: Vivenciar e ampliar os movimentos básicos da ginástica (equilibrar, saltar, rolar e apoiar), respeitando os limites corporais e promovendo a participação de todos.

Habilidades relacionadas:

(EF67EF08) Experimentar e fruir exercícios físicos que solicitem diferentes capacidades físicas, identificando seus tipos (força, velocidade, resistência, flexibilidade) e as sensações corporais provocadas pela sua prática.

(EF67EF09) Construir, coletivamente, procedimentos e normas de convívio que viabilizem a participação de todos na prática de exercícios físicos, com o objetivo de promover a saúde.

AULA	OBJETO DO CONHECIMENTO	CONTEÚDOS	OBJETIVO ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	RECURSOS	AValiação
1	Ginástica de condicion	Introdução à ginástica	Identificar o que é ginástica	Roda de conversa + jogo de movimentos	Espaço aberto	Participação
2		Equilíbrios	Experimentar equilíbrios	Desafios individuais e em dupla	Fitas no chão	Observação
3		Saltos	Explorar diferentes tipos de salto	Circuito com obstáculos baixos	Garrafas PET, cones	Participação
4		Rolamentos adaptados	Vivenciar rolamentos com segurança	Rolamentos no chão (adaptados)	Colchonetes ou EVA	Participação

5	amento físico	Combinação de movimentos	Integrar movimentos	Sequência simples (equilíbrio + salto)	Quadra	Observação
6		Jogos ginásticos	Aplicar movimentos em jogos	Jogos cooperativos	S/ Material	Criatividade
7		Criação coletiva	Criar sequência em grupo	Grupos criam pequenas sequências	Música	Participação
8		Socialização	Apresentar e refletir	Apresentação + conversa final	S/material	Autoavaliação

MODELO DE SEQUENCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE GINÁSTICA ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ginástica Geral (6º e 7º ano)

Público-alvo: 6º e 7º ano

Unidade Temática: Ginástica

Objeto do Conhecimento: Ginástica Geral

Habilidades:

EF67EF03 – Experimentar e fruir exercícios físicos que solicitam diferentes capacidades físicas, identificando seus tipos e as sensações corporais provocadas.

EF67EF04 – Construir, com base na experimentação, sequências de movimentos da ginástica geral, valorizando o trabalho coletivo e a criatividade.

Número de aulas: 3 aulas

Objetivo Geral:

Vivenciar elementos básicos da ginástica geral e construir uma composição coletiva fundamentada na cooperação e criatividade.

Metodologia e Desenvolvimento das Aulas:

Aula 1: Estação dos Saltos Progressivos

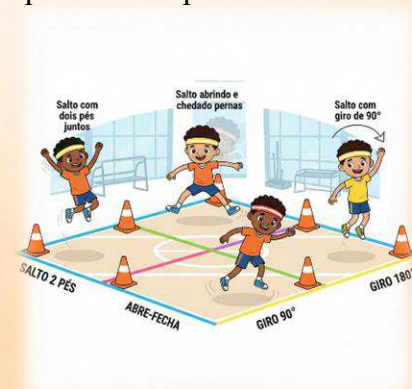
Exercício 1 - trabalhe com os alunos estações com saltos, giros, equilíbrios e apoios.

Execução:

Organize 4 marcações no chão (cones, fitas ou garrafas PET)

Os alunos realizam:

- Salto com dois pés juntos
- Salto abrindo e fechando pernas
- Salto com giro de 90°
- Salto com giro de 180°



Progressão: Uma variação para seguir a sequência seria aumentar a complexidade incluindo uma combinação de dois saltos seguidos.

Exercício 2 – Estação dos Equilíbrios Estáticos e Dinâmicos

Objetivo: desenvolver controle corporal.

Execução:

- Equilíbrio em um pé por 5 segundos
- Equilíbrio em um pé com braços em diferentes posições
- Caminhar sobre linha reta mantendo equilíbrio
- Equilíbrio em dupla com apoio mútuo



Aula 2: Criação de sequências em trios.

Exercício 1 – Sequência Obrigatória de 3 Elementos

Divida os estudantes em grupos de três e cada grupo deve criar uma sequência de três elementos:

Cada trio deve incluir:

- 1 salto
- 1 giro
- 1 equilíbrio



Exemplo:

Salto → giro → equilíbrio em um pé

Como variação, peça que cada grupo pense em duas ou três sequências de cada: Salto-giro-equilíbrio

Exercício 2 – Movimento Espelho

Ainda com os grupos de três estudantes, oriente que cada grupo execute:

- Um aluno lidera os movimentos;
- Os outros dois imitam simultaneamente;
- Trocar o líder

Objetivo: coordenação coletiva

Avaliação: professor pode sugerir uma roda de conversa com estudantes e perguntar sobre pontos que mais aprenderam

Aula 3: Organização espacial e ritmo.

Exercício 1 – Deslocamento em Formações

O professor solicita que os estudantes façam formações:

- Em linha;
- Em círculo;
- Em diagonal;
- Em Zig-zag;

Em seguida, os estudantes executam movimentos gímnicos (saltos, giros, apoios, equilíbrio) nessas formações.

Exercício 2 - Movimento com Ritmo Musical

Com a utilização de música, o professor pede que os estudantes executem:

- Saltos no ritmo
- Giros no ritmo
- Sequência livre no ritmo

Observações: utilize música com ritmos e batidas diferentes

Ginástica de Conscientização Corporal (8º e 9º ano)

Público-alvo: 8º e 9º ano

Unidade Temática: Ginástica

Objeto do Conhecimento: Ginástica de Conscientização Corporal

Habilidades:

EF89EF03 – Analisar criticamente padrões corporais e práticas corporais divulgadas na mídia.

EF89EF04 – Experimentar práticas corporais que contribuam para a melhoria da postura e da qualidade de vida.

Número de aulas: 3 aulas

Metodologia e Desenvolvimento das Aulas:

Aula 1: Debate sobre corpo e mídia.

Para essa aula, pode seguir com um momento teórico e outro prático. Como sugestão:
Debate sobre corpo e mídia: Desenvolver o pensamento crítico sobre como a mídia influencia a percepção corporal, autoestima e hábitos relacionados ao corpo.

Comece com uma pergunta disparadora:

- “O que é um corpo bonito hoje?”
- “Quem define isso?”

Escreva as respostas no quadro. Levante a discussão com os alunos

Siga para uma exposição dialogada:

Explique conceitos como:

- Padrões corporais ao longo da história;
- Influência das redes sociais;
- Corpo real x corpo idealizado;

Consequências: autoestima, ansiedade, distorção da imagem corporal

O professor pode levar imagens para reforçar o debate, mostre imagens como:

- Influencers fitness
- Corpos diversos
- Publicidades

Levante debates como:

- Esse corpo representa a maioria das pessoas?
- Isso é saudável ou apenas estético?



Parte prática:

Atividade: “Meu corpo, minha história”

Entregue uma folha para cada aluno e peça que respondam:

- O que eu gosto no meu corpo?
- O que a mídia já me fez sentir sobre meu corpo?

Depois, em pequenos grupos, discutam voluntariamente.

Finalize com reflexão coletiva:

- O corpo é funcional, não apenas estético
- Educação Física é saúde, não padrão

Avaliação: participação dos estudantes

Aula 2: Avaliação postural e exercícios específicos.

Objetivo: Desenvolver consciência corporal e identificar desequilíbrios posturais.

Para essa aula, pode seguir com um momento teórico e outro prático. Como sugestão:

O professor pode levantar discussão sobre o que é postura, postura correta ao sentar na cadeira escolar e tipos mais comuns de desvios:

- Hipercifose
- Hiperlordose
- Escoliose

Causas:

- Uso excessivo de celular
- Tempo sentado
- Falta de fortalecimento muscular

*Mostre imagens ilustrativas.

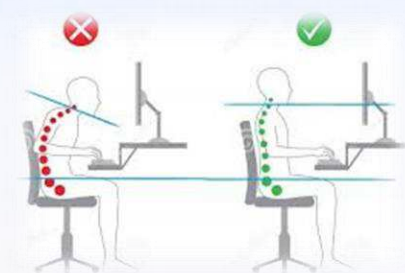
Parte prática: Autoavaliação postural

O professor pede que os alunos em duplas observem um ao outro de:

- Frente
- Lado
- Costas

Observar:

- Alinhamento dos ombros
- Cabeça projetada
- Coluna



Em seguida o professor pode iniciar a prática orientando: alongamentos e exercícios de fortalecimento e consciência postural.

Professor orienta e supervisiona.

Avaliação: participação dos estudantes

Aula 3: Técnicas de respiração e relaxamento.

Objetivo: Desenvolver consciência respiratória e controle do estresse.

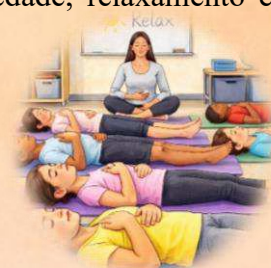
A aula pode ter dois momentos, teórico e prático

Parte teórica:

Explique:

Uma exposição dialogada sobre a respiração e exercício; diferença entre respiração curta e profunda e a função do diafragma. Relacionar respiração com ansiedade, relaxamento e desempenho físico.

Parte prática: na quadra (ou espaço equivalente)



Atividade: Respiração diafragmática

Com os estudantes deitados o professor orienta:

- Respirar com a mão no peito
- Respirar com a mão no abdômen (Impulsionar abdômen para as costas)
- Inspirar pelo nariz
- Soltar lentamente pela boca

Em seguida, aplicar exercícios de relaxamento: pedir aos estudantes que fechem os olhos e o professor dá os comandos.

Avaliação: participação dos estudantes

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este guia pedagógico foi construído a partir das evidências empíricas produzidas pela pesquisa, que revelou um cenário marcado por desafios recorrentes para o ensino da ginástica na Educação Física escolar, especialmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental das escolas estaduais de Teresina/PI. Entre os principais aspectos identificados destacam-se a insegurança pedagógica dos professores em relação ao conteúdo, a insuficiência de condições materiais e estruturais nas escolas e a fragilidade das políticas institucionais de formação continuada voltadas especificamente ao ensino da ginástica.

Diante desse diagnóstico, as diretrizes propostas ao longo do guia buscaram responder diretamente às demandas apontadas pelos professores participantes da pesquisa, articulando recomendações de natureza pedagógica, formativa e organizacional. Foram enfatizadas orientações para a gestão escolar, a inserção da ginástica no Projeto Político-Pedagógico da escola, a formação continuada dos professores e o incentivo a práticas interdisciplinares, compreendendo que o fortalecimento do ensino da ginástica não depende exclusivamente da iniciativa individual do docente, mas de ações institucionais articuladas.

No âmbito da prática pedagógica, o guia apresentou propostas metodológicas baseadas em jogos e desafios ginásticos, circuitos e estações de atividades, sequências ginásticas individuais e coletivas, além de modelos de planejamento e avaliação alinhados às habilidades da BNCC. Essas propostas foram pensadas a partir da realidade concreta das escolas, valorizando o uso de materiais alternativos, de baixo custo e recursos digitais acessíveis, reafirmando a possibilidade de desenvolvimento da ginástica mesmo em contextos com restrições estruturais.

O conjunto de orientações e propostas apresentado neste guia não tem caráter prescritivo, mas busca oferecer subsídios que possam ser adaptados às diferentes realidades escolares. Reconhece-se que cada escola possui características próprias em termos de infraestrutura, organização pedagógica, perfil dos estudantes e condições de trabalho docente. Nesse sentido, as sugestões metodológicas, os modelos de planejamento e os recursos apresentados devem ser compreendidos como referências flexíveis, passíveis de ajustes conforme o contexto de atuação de cada professor.

As propostas de atividades, os quadros práticos e os recursos digitais reunidos ao longo do guia permitem múltiplas possibilidades de aplicação, seja em aulas regulares de Educação Física, em projetos interdisciplinares, em eventos escolares ou como parte de ações de formação continuada em serviço. Além disso, o uso de materiais alternativos e a valorização da criatividade pedagógica contribuem para que o professor se sinta mais seguro para experimentar, adaptar e ressignificar o ensino da ginástica no cotidiano escolar.

Espera-se que este guia possa contribuir para o fortalecimento da prática docente, ampliando as possibilidades de inserção da ginástica de forma significativa, acessível e alinhada às diretrizes curriculares. Ao dialogar diretamente com a realidade investigada, o material pretende não apenas apoiar o professor em seu fazer pedagógico, mas também estimular reflexões e ações que favoreçam a consolidação da ginástica como conteúdo legítimo e relevante da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2017.
- CALEGARI, D. & FERNANDES, R. C. Formação continuada e trabalho colaborativo em Educação Física escolar. **Revista Movimento**, vol. 23, n. 3, 2017.
- CAVALCANTE, V. R. **Projeto Político-Pedagógico: organização e desenvolvimento curricular na escola**. São Paulo: Cortez, 2014.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: conteúdos, duas dimensões e significados**. Revista da Educação Física/UEM, 2012.
- DARIDO, S. C. *et al.* **A Educação Física escolar e os desafios da prática pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2017.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GOMES, L. Formação docente em Educação Física: políticas, práticas e sentidos. **Educação & Sociedade**, v. 40, n. 145, 2019.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Currículo e Educação Física escolar: desafios contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2010.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 2012.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PIAUÍ. **Currículo do Estado do Piauí**. Secretaria de Estado da Educação. 2019.

PRIETTO, A. L. & SOUZA, M. S. (2020). O projeto de educação para a Educação Física escolar: um olhar para as políticas educacionais dos últimos vinte anos. **Motrivivência**, v. 32 n. 62, 2020.

SILVA, T. A.; SANTOS, R. S. Currículo escolar e práticas docentes: desafios da efetivação curricular. **Revista Educação & Realidade**, 45(2), 345-362, 2020.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C.L.; TAFFAREL, C.N.Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, F.; ESCOBAR, M.O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. *et al.* A formação continuada de professores de Educação Física: desafios e possibilidades no contexto escolar. **Revista Educação em Questão**, v. 27, n. 9, 2021.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

PPGE
Programa de
Pós-Graduação em Educação